

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS

Prof. Daniel Bueno

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

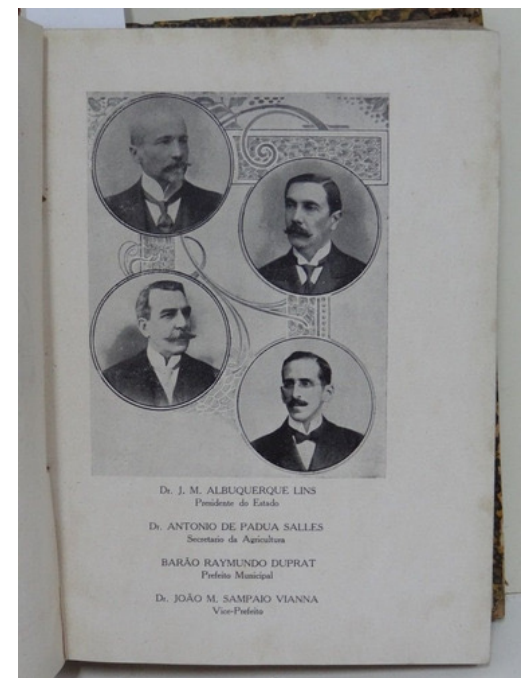
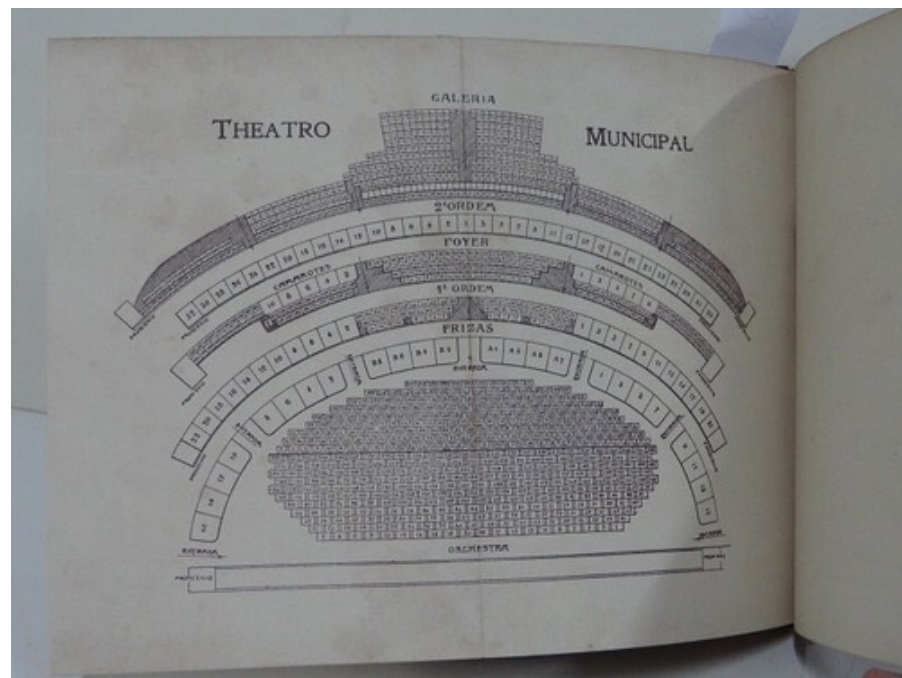
Referências Históricas



Ao lado, “Historia Geral do Brasil”, E. & H. Laemmert, 1876. Acima, capa do “Almanak de Laemmert para 1869”, Laemmert & Co., 1869.

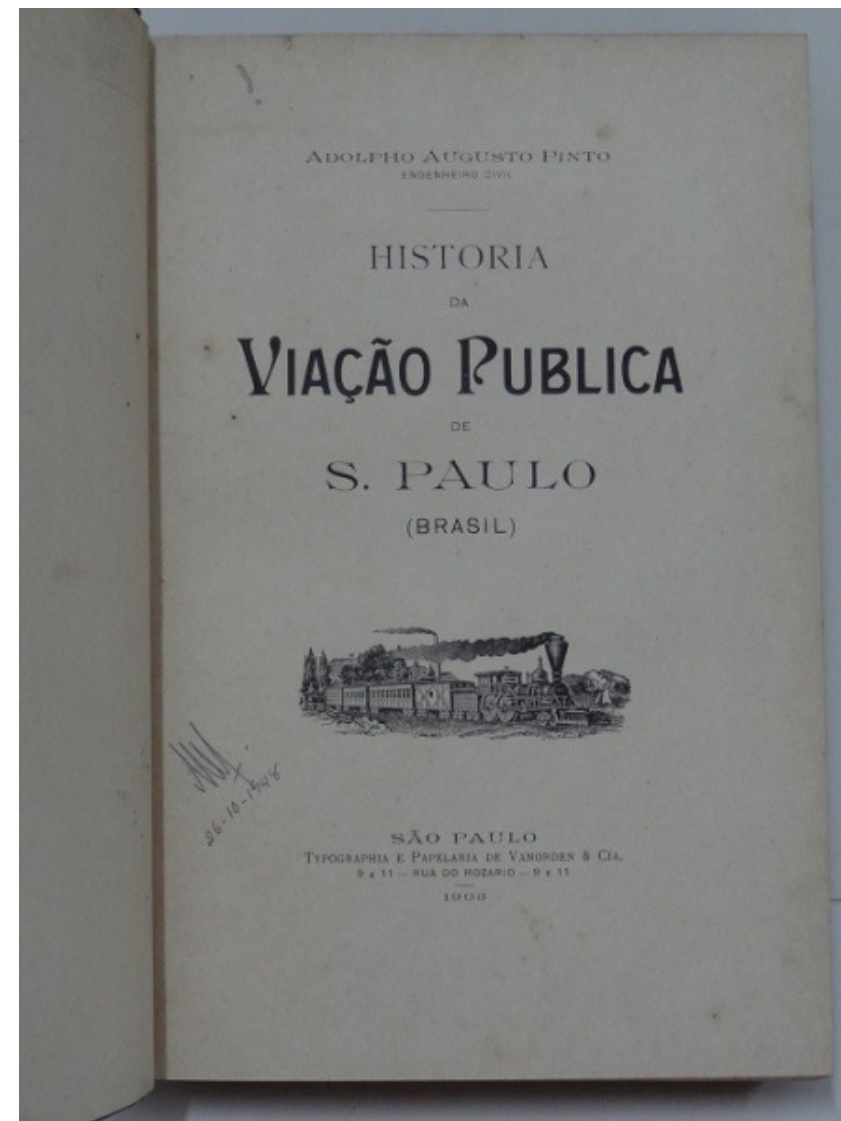
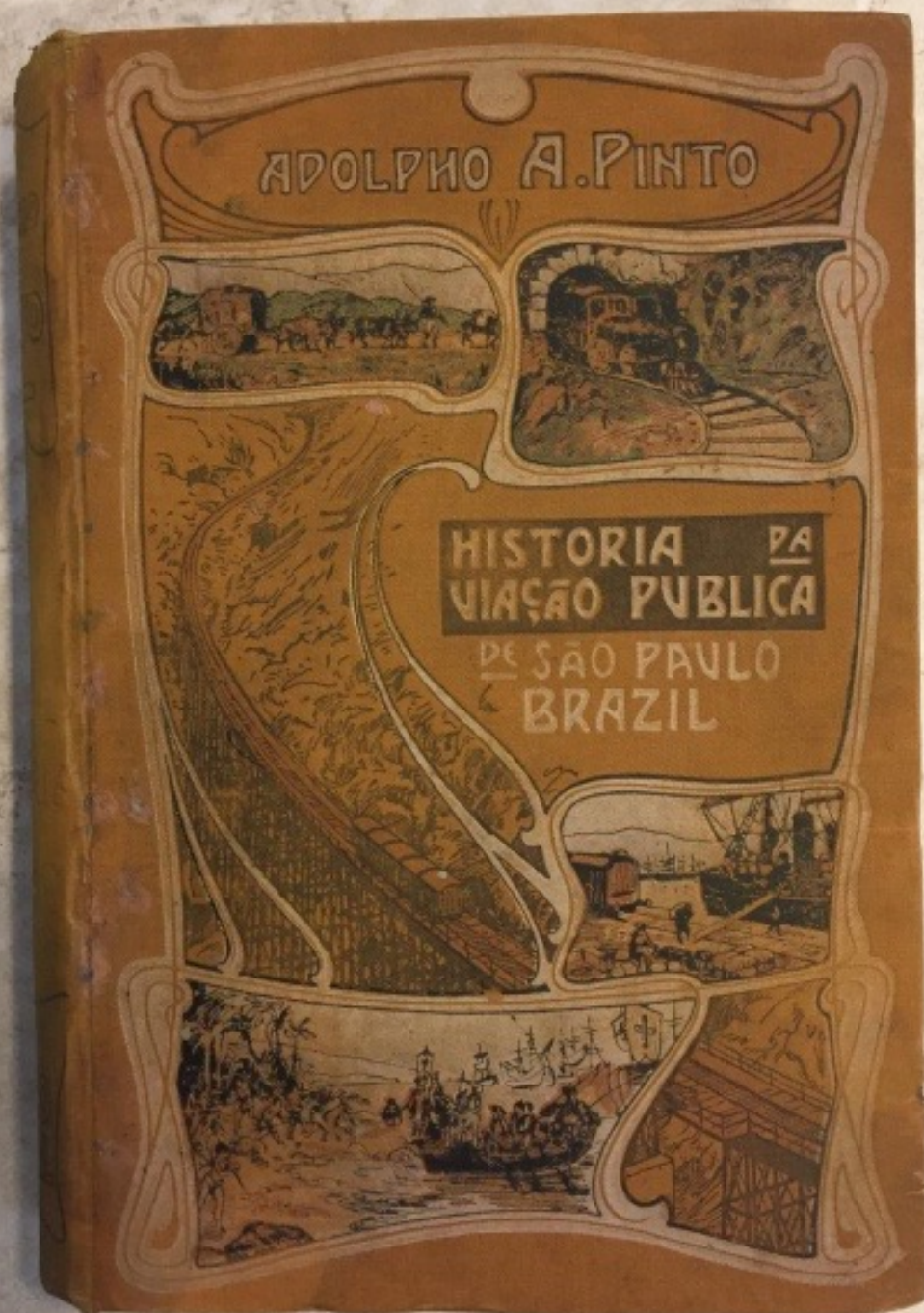
“Laemmert e Garnier foram as duas principais casas editoriais do século XIX. Ambas nasceram livrarias e tornaram-se editoras, e se empenharam na produção de obras inscritas na tradição do livro tratado como objeto requintado.

Os almanaques da editora Laemmert eram um grande sucesso editorial e exibiam capa dura com ornamentação em relevo, para que resistssem ao manuseio intensivo sem perderem a imponência”. (em Linha do tempo do design gráfico, Homem de Melo).



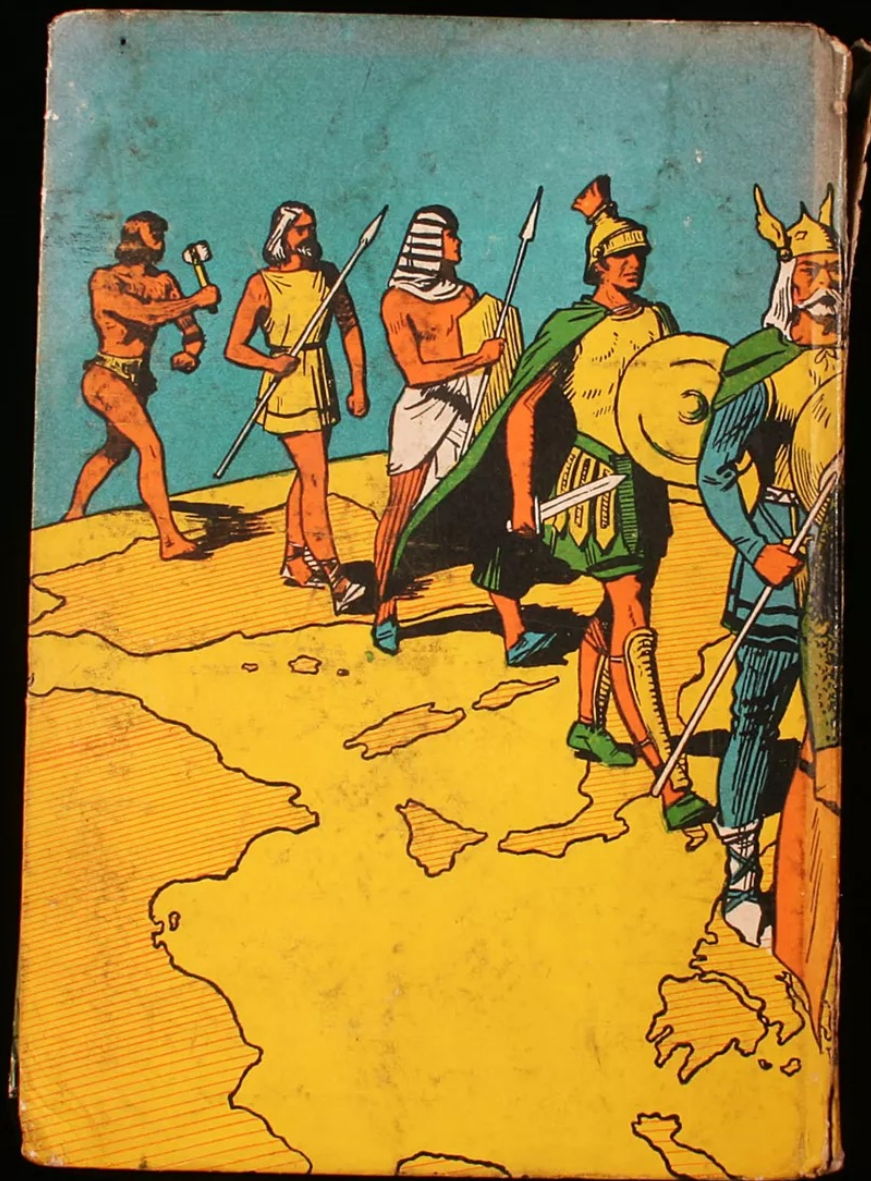
Capa do “Guia do Estado de S. Paulo”, autor não identificado, 1912.

“A capa traz uma ilustração que explora um símbolo da modernidade da capital paulista, a Estação da Luz, um movimentado terminal ferroviário importado diretamente da Inglaterra” (Linha do tempo do design gráfico no Brasil”, Homem de Melo). Acima, páginas do livro.

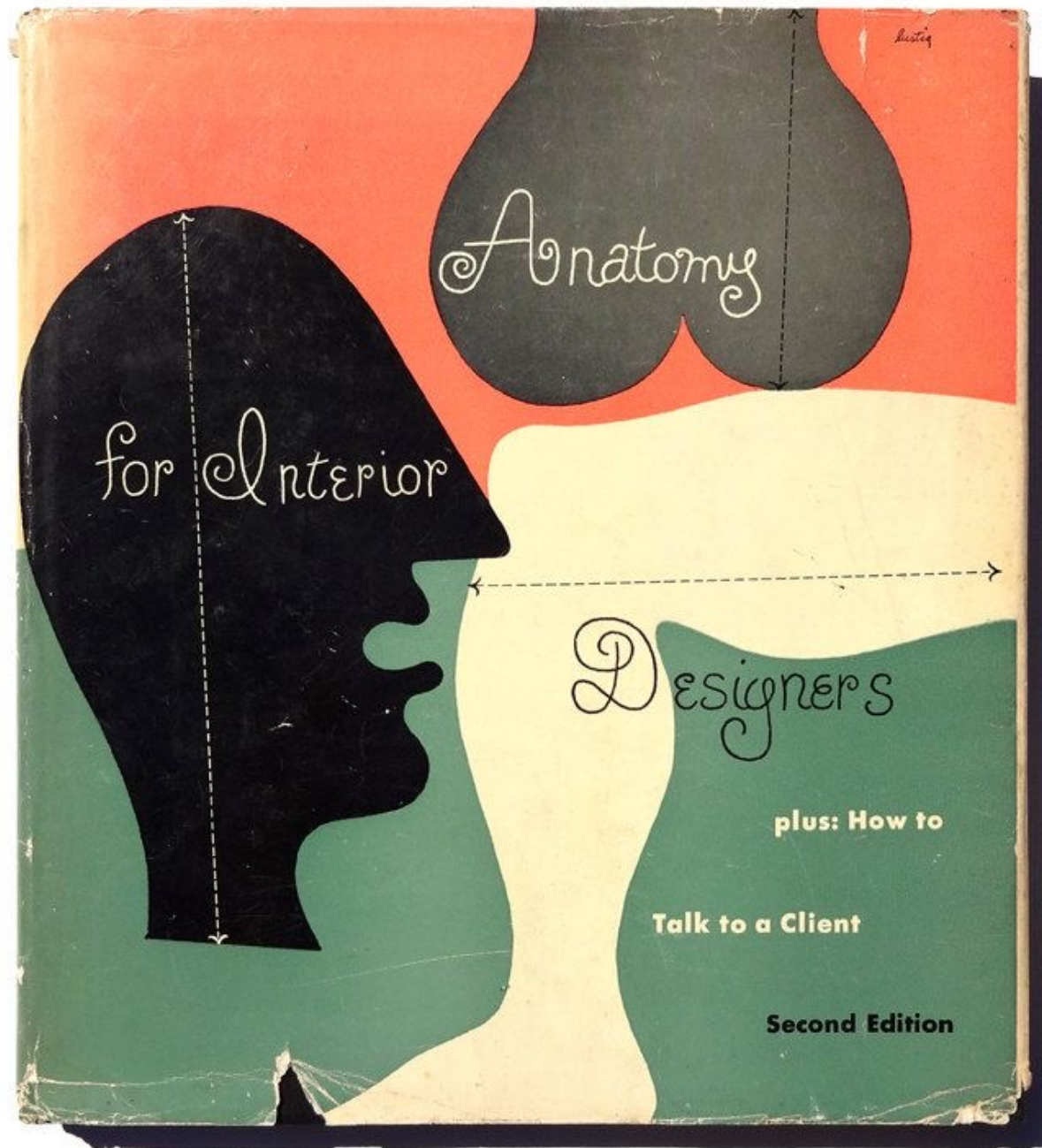
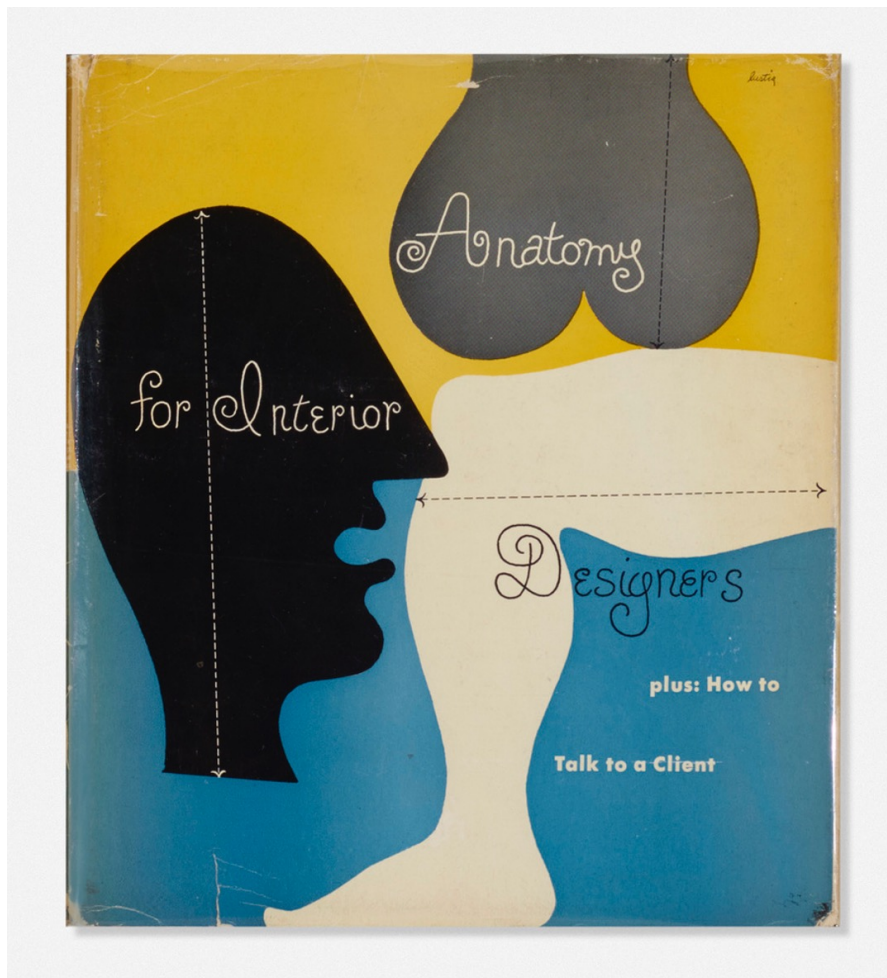


“História da Viação Pública”, autor não identificado, 1903.

Almanaques e guias são publicados com ampla aceitação no começo do século passado.

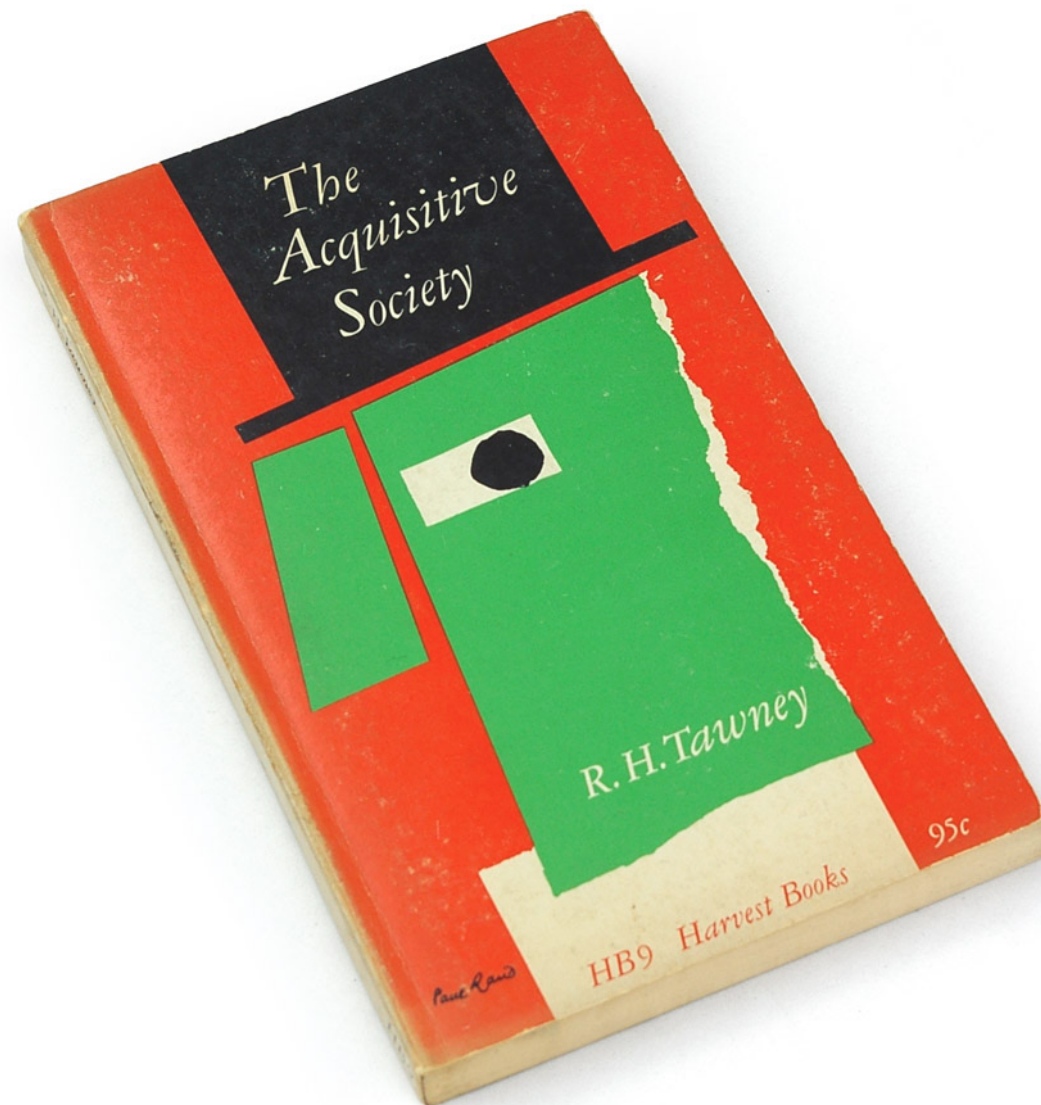
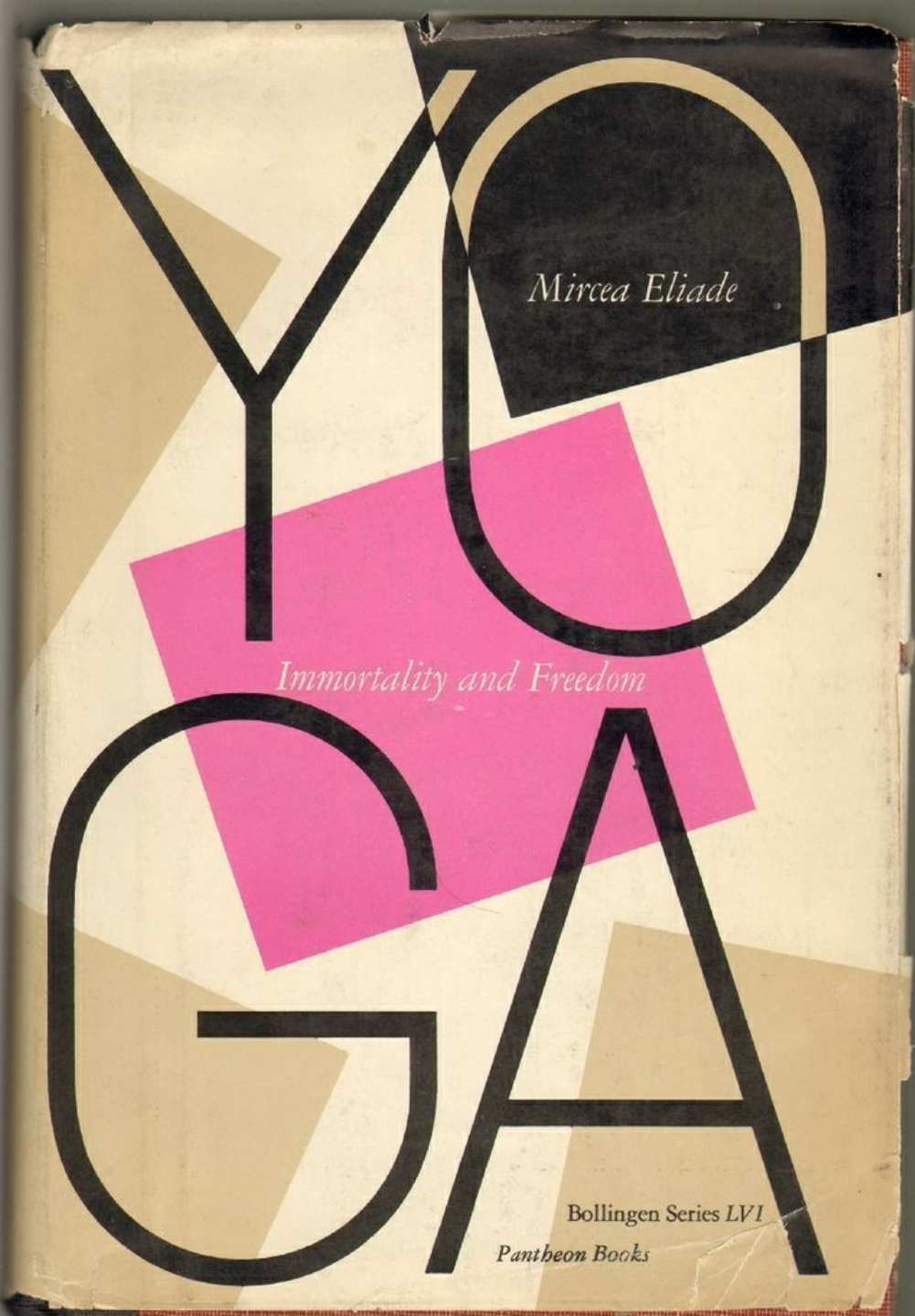


Capa de “História do Mundo para Crianças”, de Monteiro Lobato. Ilustração de Augustus, Editora Brasiliense, 1954.



Capa de Alvin Lustig para o livro "Anatomy for Interior Designers", 1946.

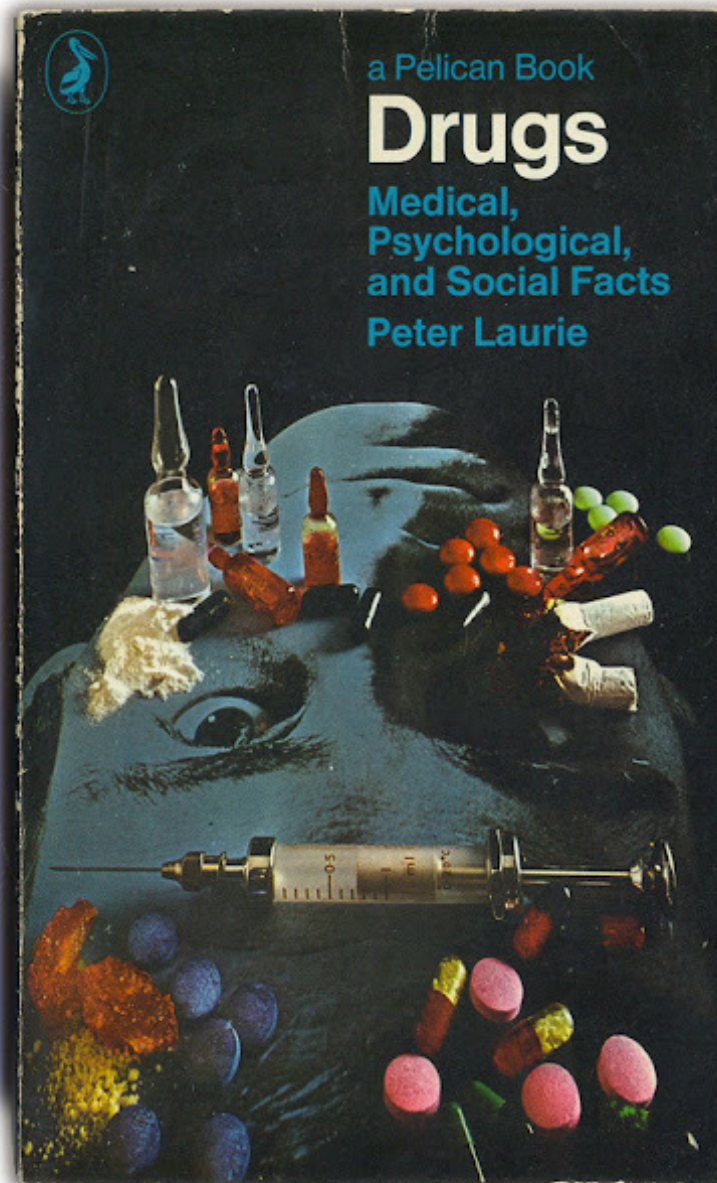
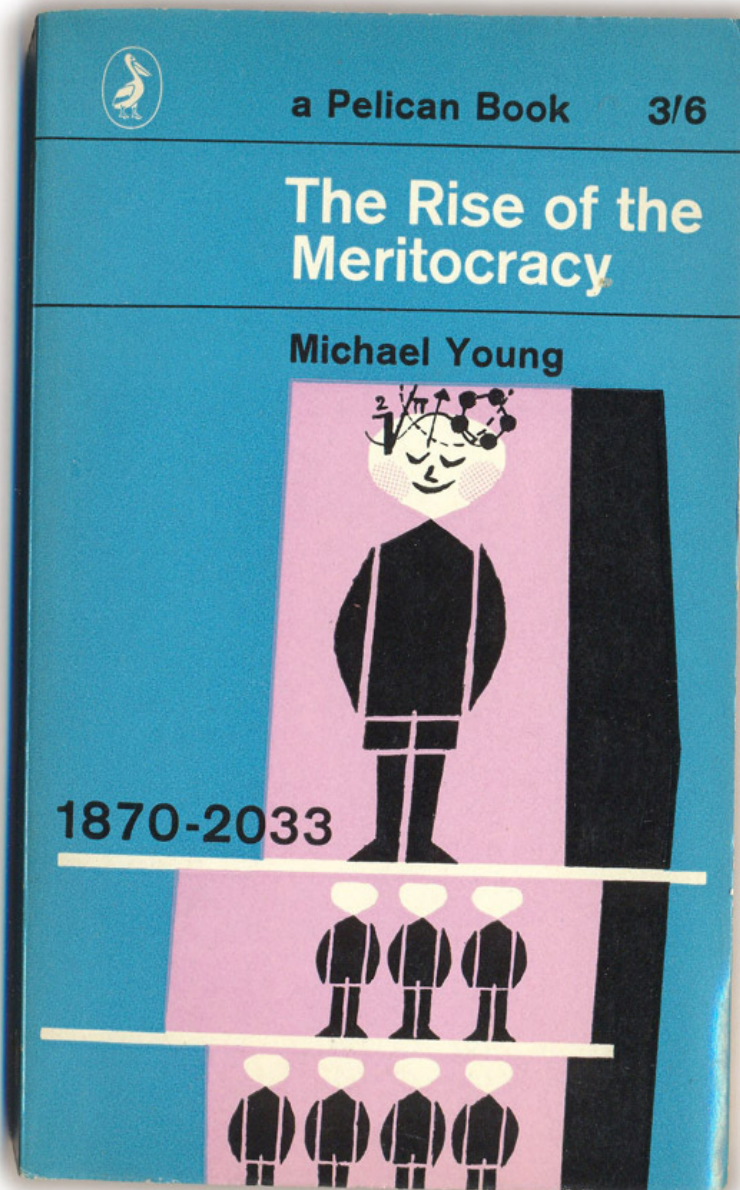
Livro sobre padrões gráficos para interiores comerciais e residenciais com informações sobre iluminação e circulação eficazes.



Capas de Paul Rand.

Ao lado, “Yoga – immortality and freedom”, de Mircea Eliade, 1958. O livro é uma fonte de referência para estudiosos - de rigor científico, mas acessível – consagrada às origens, história, elementos teórico-práticos de uma disciplina vasta, abrangendo fisiologia, psicologia, metafísica e terapêutica.

Acima, “The Acquisitive Society”, de R. H. Tawney, 1948. Nesse livro escrito em 1920, Tawney critica o egoísmo e individualismo da sociedade moderna.

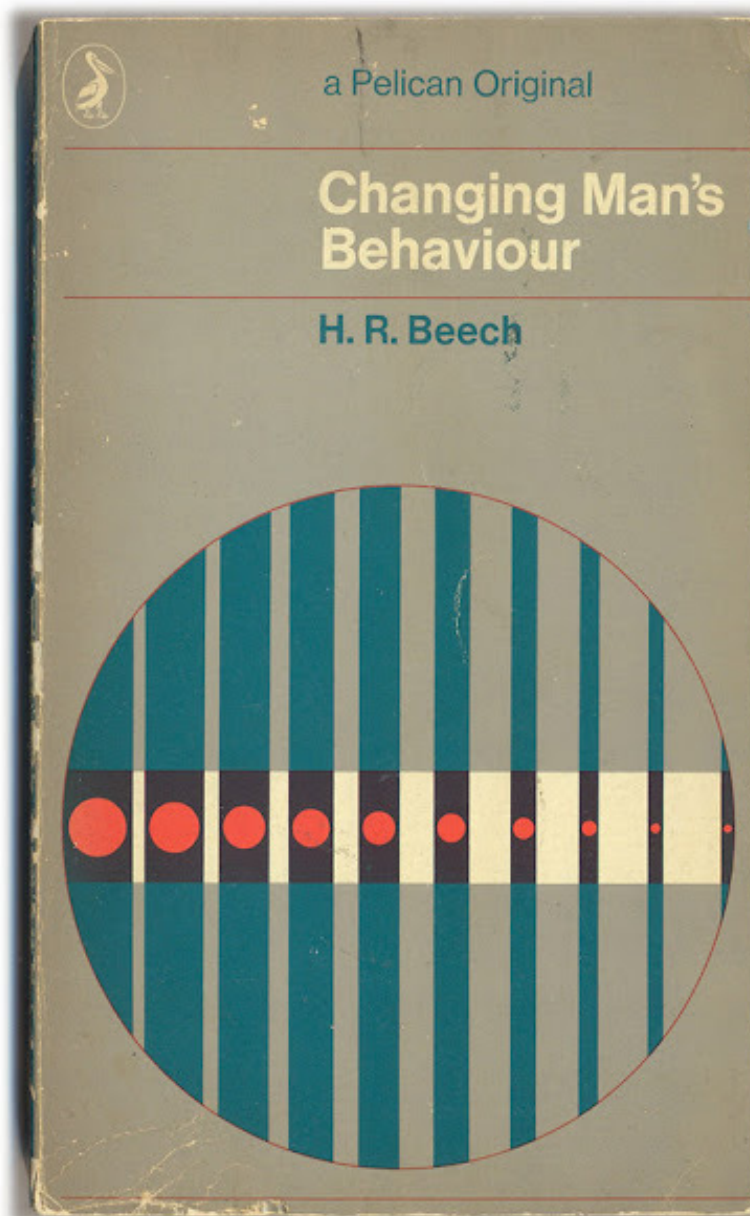
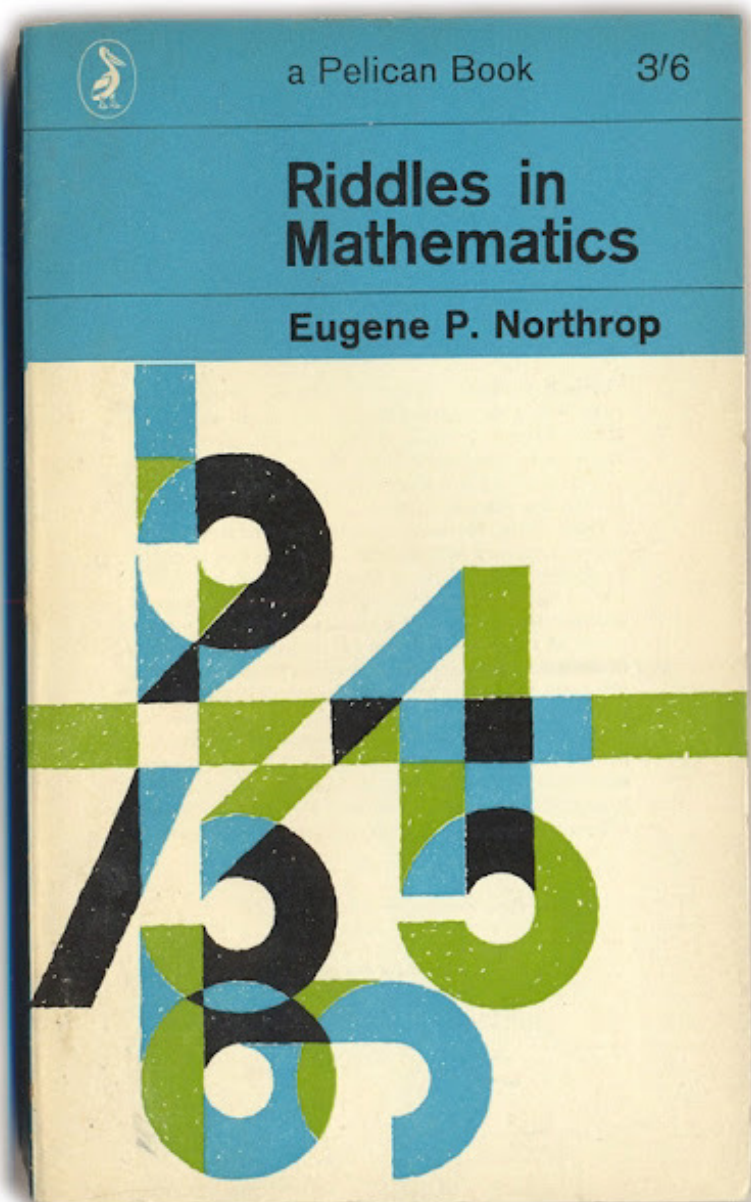


A **Penguin Books** é uma editora britânica fundada em 1935 por Sir Allen Lane e seus irmãos Richard e John como uma linha dos editores The Bodley Head, tornando-se uma empresa separada no ano seguinte.

Revolucionou a publicação na década de 1930 por meio de suas brochuras baratas, vendidas na Woolworths e em outras lojas de rua por seis pence, trazendo ficção e não ficção de alta qualidade para o mercado de massa. O sucesso da Penguin demonstrou que existiam grandes públicos para livros sérios.

A **Pelican Books** foi o selo de não-ficção da Penguin. Foi fundada em 1937 e descontinuada em 1984, sendo relançada em 2014.

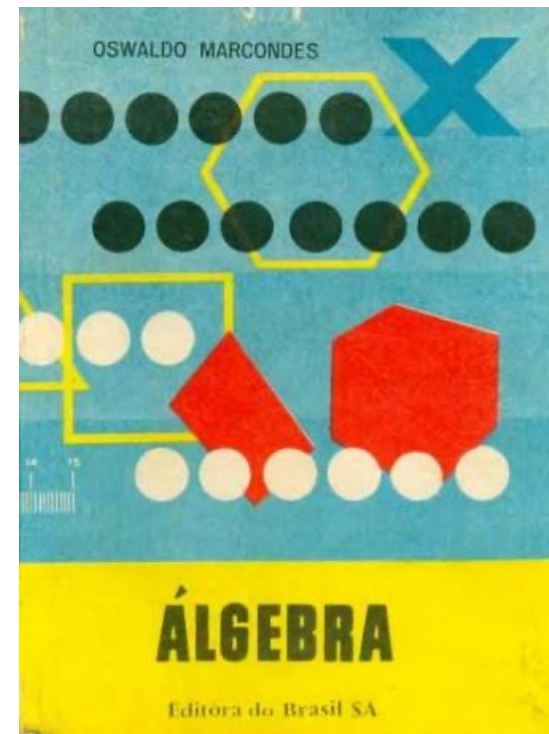
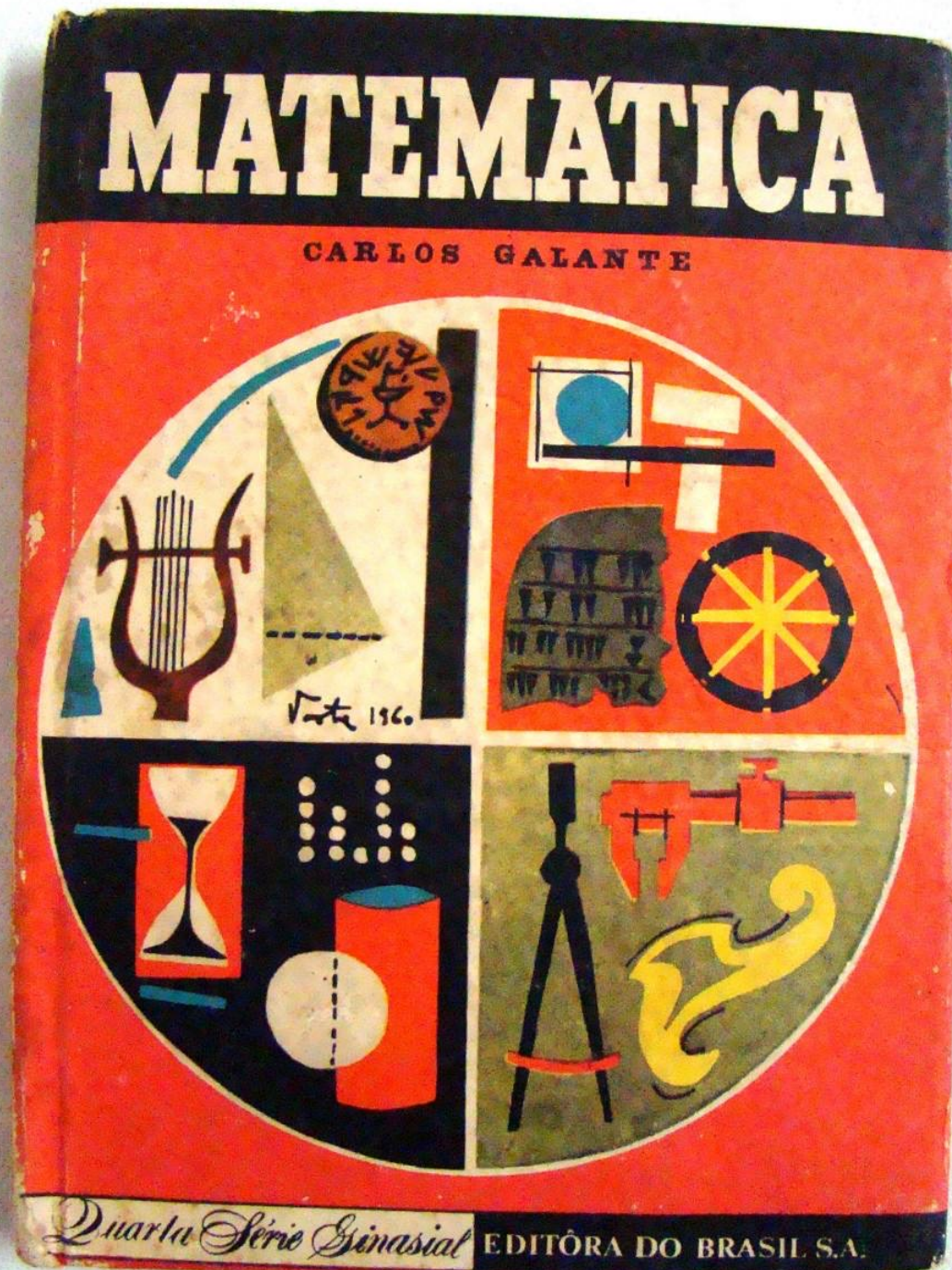
Ao lado, dois livros dos anos 60. No canto esquerdo, capa do livro "The Rise of Meritocracy", de Michael Young. Ao lado, "Drugs", de Peter Laurie, com uso de fotografia.



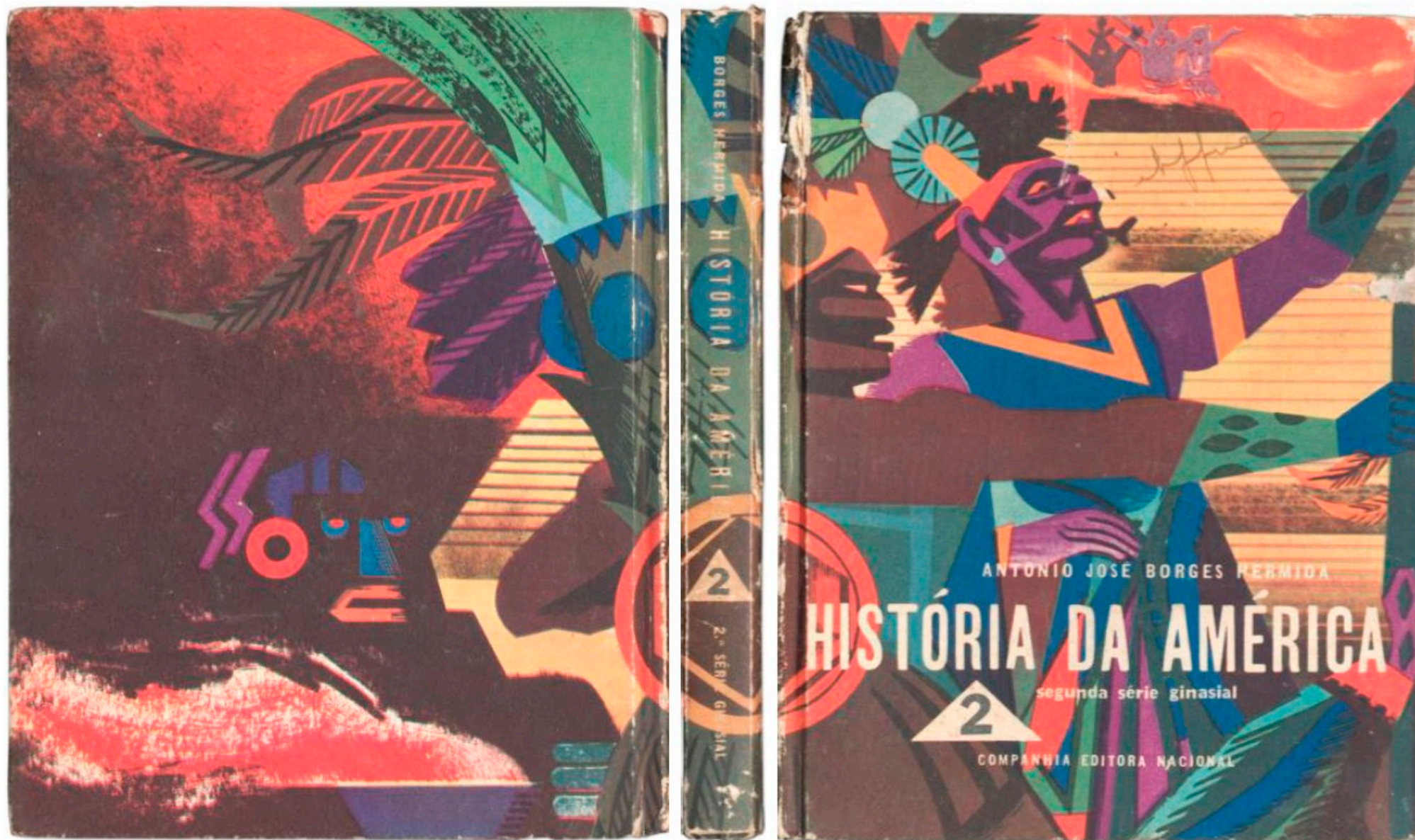
Ao lado, mais duas capas da **Pelican Books** dos anos 60.

No canto esquerdo, "Riddles in Mathematics", de Eugene P. Northrop, com exploração de números como elementos gráficos.

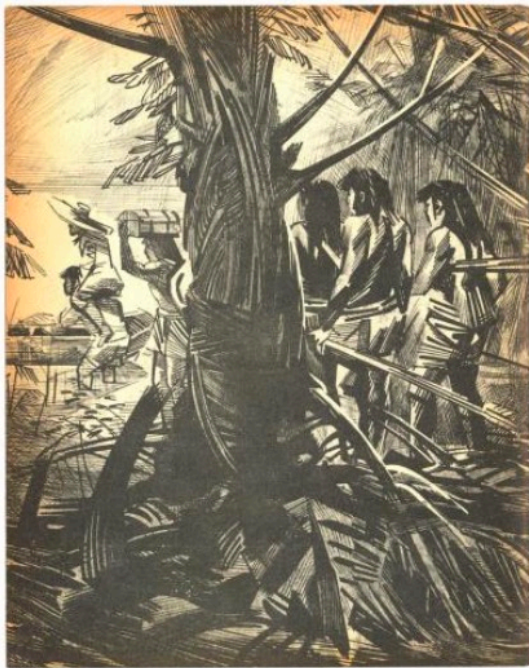
Ao lado, "Changing Man's Behaviour", de H.R. Beech, numa solução mais abstrata e conceitual.



Capas e livros didáticos de matemática dos anos 1950 - 1960.



Projeto gráfico e ilustrações de Eugênio Hirsch para o livro “História da América – segunda série ginásial”, de Antonio Borges Hermida, Companhia Editora Nacional, 1961.



2| O ÍNCOLA*

1| USOS E COSTUMES

1 - Origens. 2 - Costumes. 3 - Indústria. 4 - A guerra. 5 - A família. 6 - Religião. 7 - Governo. 8 - Cultura.

1. Origens. — O Brasil na época de seu descobrimento era habitado por numerosos selvagens, cuja origem ainda é incerta. Algumas tribos tinham civilização rudimentar: não conheciam, porém, o uso dos metais.

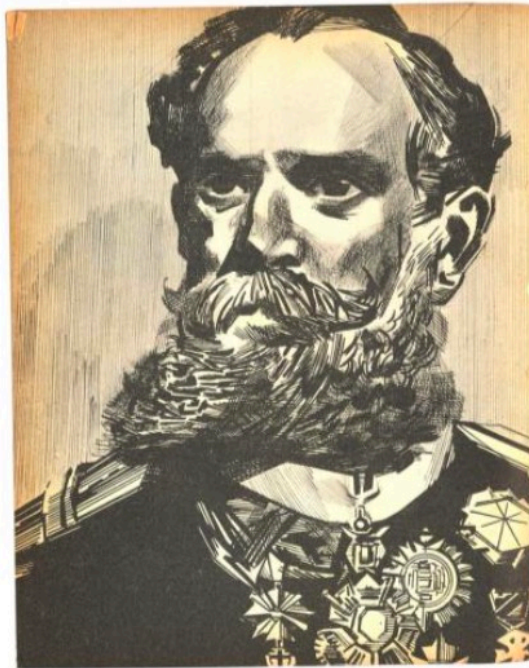
2. Costumes. — Os costumes dos índios não eram sempre os mesmos em todas as tribos. Muitos deles, porém, se encontravam em todas elas.

Andavam os indígenas geralmente nus ou traziam somente uma pequena tanga de penas (*enduipe* para os homens e *araçóia* para as mulheres). Os principais da tribo usavam um manto de penas (*ocutaba*). Tatuavam-se, furravam os lóbulos das orelhas e o septo nasal, onde introduziam penas; e, para as festas, pintavam o corpo inteiramente, com cores vivas. Contavam de adornar-se com colares, braceletes, brinços de pequenos ossos ou de madeira. Tra-

ziam à cabeça cocares ou carapuzos de penas.

Os selvagens obtinham o fogo pelo atrito de dois paus. Alimentavam-se com frutas e produtos da caça e da pesca. Assavam a carne e o peixe. Conservavam também a carne moqueada ou defumada. Nem todas as tribos conheciam o uso do sal, mas era comum o emprego da pimenta. Algumas faziam pequenas plantações de mandioca e milho.

As aldeias ou *tabas*, onde viviam até com famílias, formavam-se de toscas choupanas, as ocas, reunidas em torno dum pátio, a *ocara*; eram regularmente feitas em lugar alto, não longe de boa água e tinham uma cerca, a *cucupre*, que as protegia contra os ataques dos inimigos. A *taba*, geralmente, durava poucos anos: quando a caça rareava nos arredores, abandonavam a velha morada, *teperé*, e iam construir outra em lugar mais favorável.



9| A REPÚBLICA

1| A PROPAGANDA E A PROCLAMAÇÃO

1 - Antecedentes. 2 - A propaganda. 3 - A questão militar. 4 - A concepção. 5 - A proclamação.

1. Antecedentes. — Dentre todas as nações da América, o Brasil era a única que não adotava o governo republicano. Existia, entretanto, em nossa terra, desde os tempos coloniais, o ideal democrático, para o qual, depois, o Império sempre propendera*. Afirmava-se, até, ser o Brasil uma "república coroada".

Tinha havido, aliás, tentativas de república num ou noutro ponto do país, antes da Independência ou depois dela. E o período da Regência (1831-1840) havia sido uma experiência republicana.

Desde havia muito tempo, verificava-se ser a centralização inconveniente ao país, de imenso território e difíceis comunicações entre as províncias e a capital, achava-se mais conveniente o regime federativo, com maior autonomia para as unidades nacionais. Depois da guerra do Paraguai,

manifestou-se mais intensa a idéia da federação, que poderia ser feita mesmo com a monarquia. Os republicanos, entretanto, tinham o mesmo ideal como uma das bases da sua propaganda.

2. A propaganda. — Em 1870, os republicanos fundavam no Rio seu primeiro clube e publicavam seu manifesto*; pouco depois, formava-se o Partido Republicano Paulista e reunia-se a memorável Convenção de Itu (1873). Desenvolveu-se a propaganda, pela imprensa ou em conferências pregavam as idéias democráticas, além de outros, Silva Jardim, Campos Sales, Lopes Trovão, José do Patrocínio, Quintino Bocaiuva. Não alcançava, todavia, a propaganda republicana o mesmo êxito que tivera a da abolição; a opinião pública não se manifestava muito entusiasta; a simpatia e prestígio



5| A DEFESA DO TERRITÓRIO E O SENTIMENTO NACIONAL

1| O DOMÍNIO ESPANHOL. A PRIMEIRA INVASÃO HOLANDESA

1 - Ataques de estrangeiros à terra do Brasil. 2 - O domínio espanhol. 3 - Antecedentes da primeira invasão holandesa. 4 - O ataque à Bahia. 5 - A nação.

1. Ataques de estrangeiros à terra do Brasil. — Desde o início da colonização, foi nossa terra alvo da cobiça de franceses, ingleses e holandeses. As agressões dos ingleses eram atos de pirataria, para apoderar-se de riquezas (V., neste livro, pág. 105). Os franceses, porém, decidiram-se a fundar colônias permanentes no Rio de Janeiro e no Maranhão. Já vimos como os franceses foram repellidos no Rio de Janeiro (págs. 58-60); veremos adiante o que lhes aconteceu no Maranhão (págs. 103-104). Mas todos pretendiam anular o

(1) D. Antônio era o chefe, em Portugal, da Ordem de Cavalaria de Malta, cuja sede ficava na vila do Crato. Dai seu título de prior, título que significava sacerdote e, também, dignitário nas antigas ordens militares; é neste último sentido que a palavra está empregada.



10| O BRASIL CONTEMPORÂNEO

1| O BRASIL ENTRE AS NAÇÕES

1 - Pela concórdia. 2 - O arbitramento.

1. Pela concórdia. — O Brasil foi sempre amigo da justiça e da paz. Toda a nossa vida como Estado livre e soberano atesta a moderação e os sentimentos pacíficos do governo brasileiro, em perfeita consonância* com a vontade da nação. E se, malgrado isso, tivemos algumas vezes de recorrer às armas, fizemo-lo para reparação de injustiças, para defesa de sagrados direitos, para revide* de criminosas agressões. Durante muitos anos (disse-o Rio Branco) "tomou a primeira potência militar da América Latina, sen que essa superioridade de força, tanto em terra como no mar, se houvesse mostrado, nunca, um perigo para os nossos vizinhos".

Inspirada pela "harmonia justa e digna entre as nações" a Repú-

blica brasileira conquistou em sua Constituição, desde 1891, o recurso ao arbitramento para resolver as questões internacionais, e afirmou sua repulsa a toda guerra de conquista⁽¹⁾. E, em 1907, quando se realizava, em Haia, o Congresso da Paz, alcançou nossa pátria magnífico triunfo, pelo gênio de Rui Barbosa: batou-se na defesa da igualdade de soberania dos Estados pequenos ou fracos, ante as chamadas grandes potências que, muitas vezes, não a reconheciam.

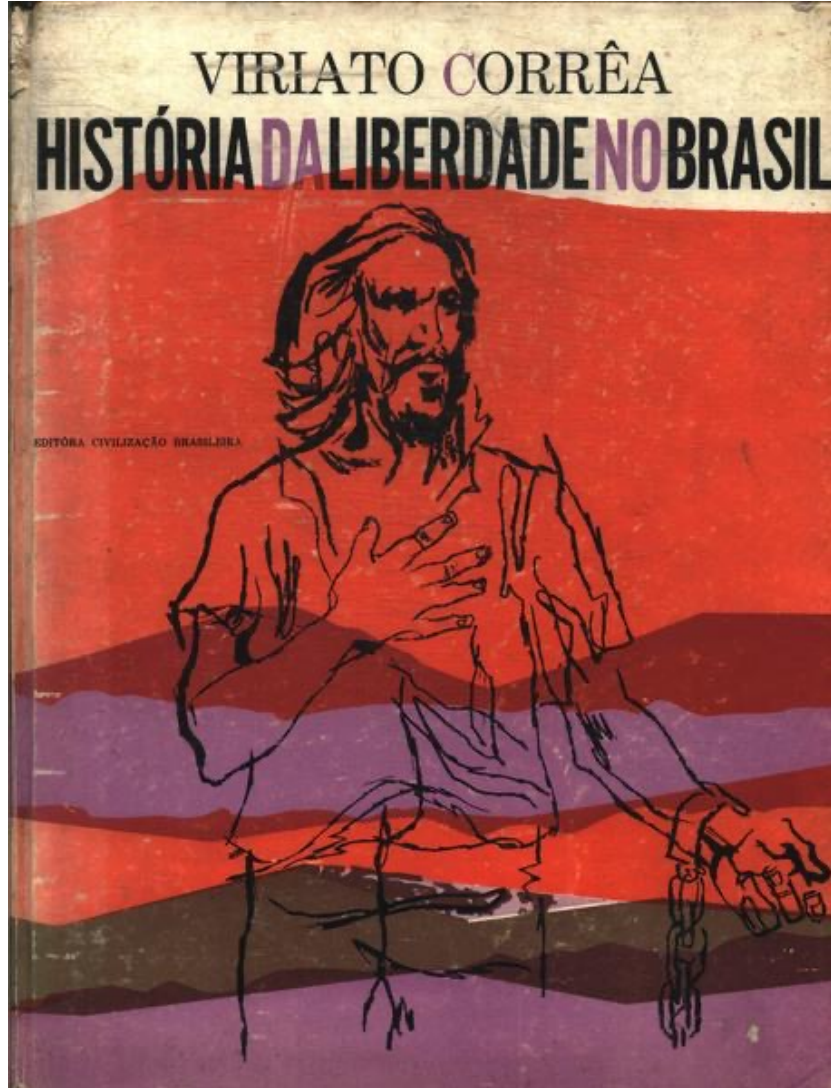
2. O arbitramento. — Tinha o Brasil, nos primeiros tempos da República, dois tratados de arbitramento: um com a Argentina e outro com o Chile. O barão do Rio Branco, no ministério do Ex-

(1) Do art. 4 da Constituição de 1946, que é a vigente: "O Brasil em caso nenhum se empenhará em guerra de conquista, direta ou indireta, por si ou em aliança com outro Estado".

Páginas internas com ilustrações de Eugênio Hirsch para o livro "História do Brasil — primeira série ginásial", 1961.

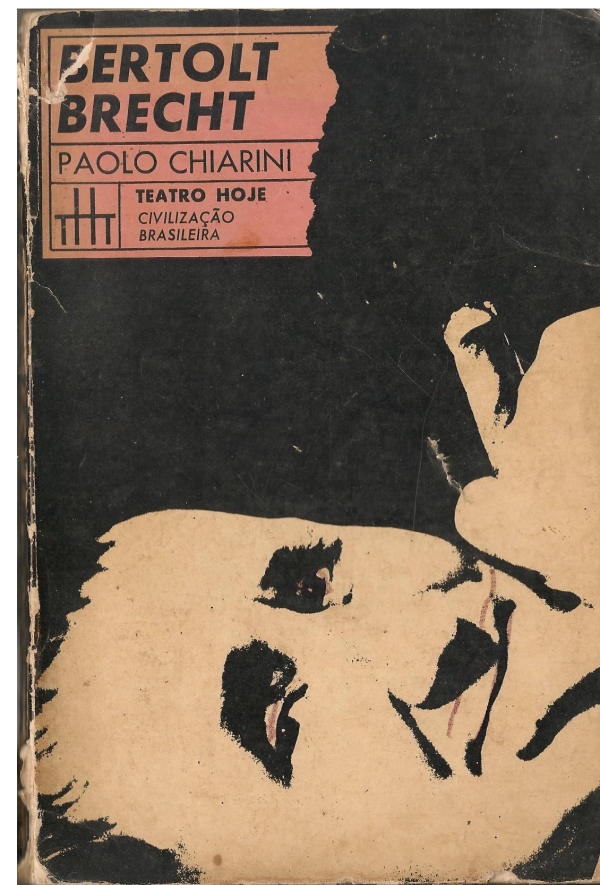
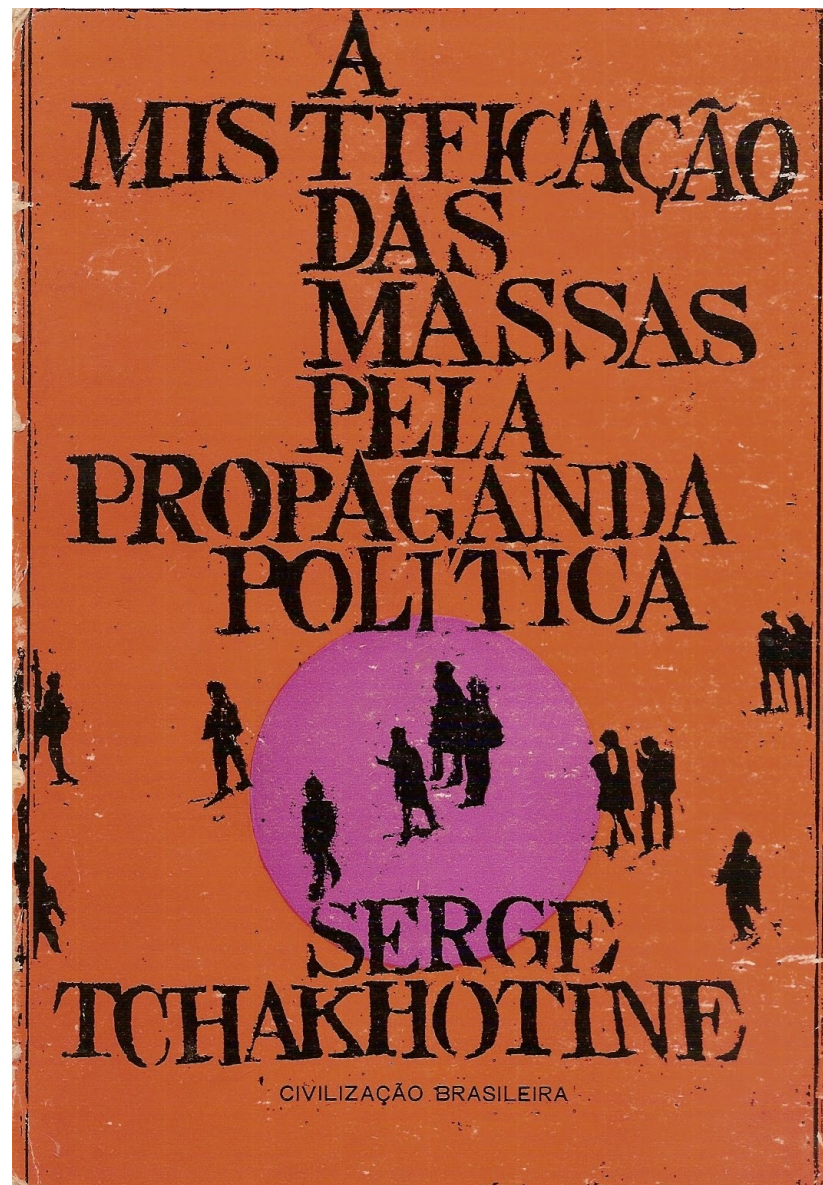
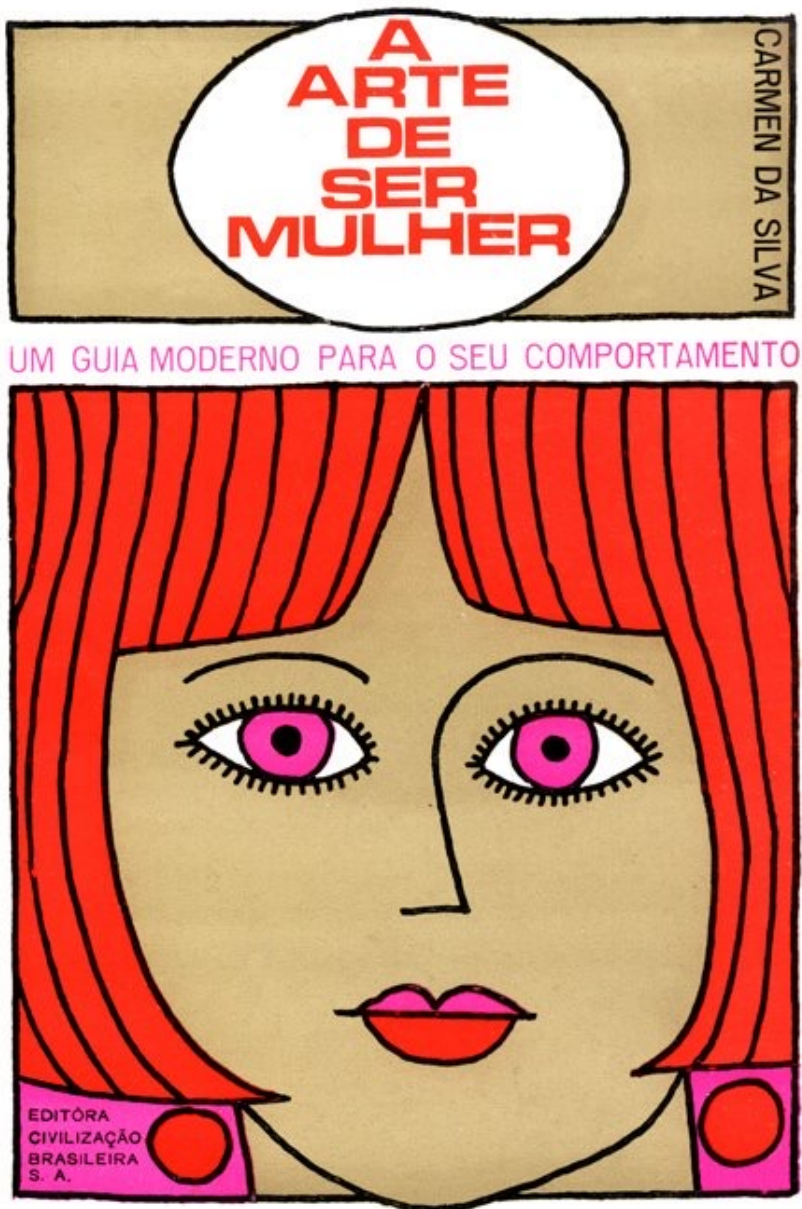


Páginas internas com ilustrações de Eugênio Hirsch para o livro “História do Brasil – primeira série ginásial”, 1961.



Ao lado, capa de “História da Liberdade no Brasil”, texto de Viriato Corrêa e projeto gráfico e ilustrações de Eugênio Hirsch, 1962. Acima, página dupla do miolo.

O livro é um paradidático, publicado bem antes que o termo existisse. Há muita liberdade nas abordagens gráficas, com soluções variadas – bastante despidas de intenções narrativas - envolvendo papéis recortados, formas geométricas, desenhos figurativos.



Capas de Marius Lauritzen Bern para livros da Civilização Brasileira.

“A Arte de ser mulher”, de Carmen da Silva, 1967.

“A Mistificação das massas pela propaganda política”, de Serge Tchakhotine”, 1967.

“Bertold Brecht”, de Paolo Chiarini, 1967.

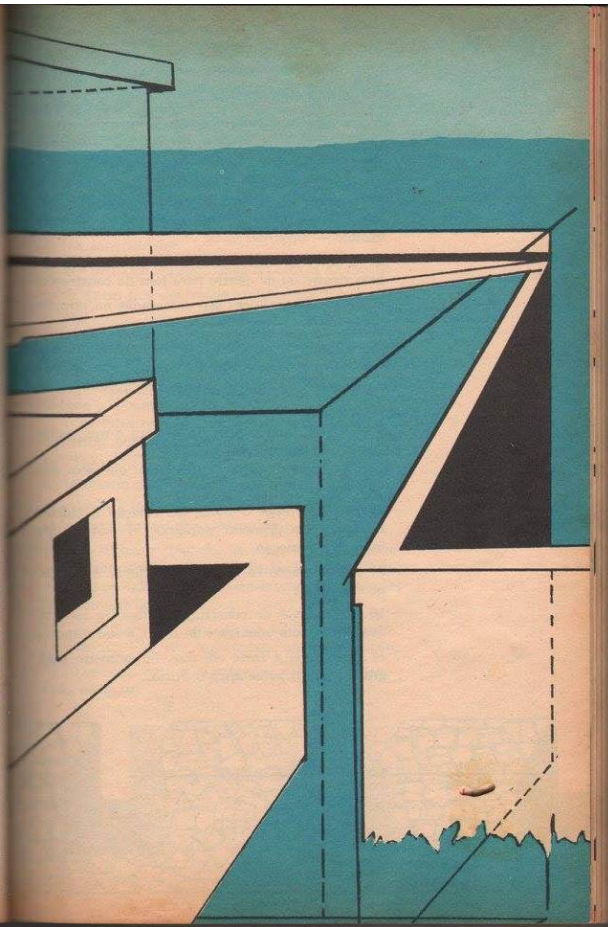
As amuradas, plantadas no chão, fecham o pátio. Os corredores são galerias adentro dos paredões de pedra, levam aos antigos depósitos e às prisões, estabelecem as comunicações entre os alojamentos. No centro, bem no centro, a terra nua. Quase um castelo assim em seu tamanho, altas suas torres de vigia, deve pesar como uma montanha. Erguendo-se na colina, quadrado pelos muros que sobem, vê as ladeiras, as ruas, as praças. E, muito embaixo, o mar-de-saveiros e o oceano aberto. Os canhões enferrujados, para o mar, voltados já estiveram. Poder-se-ia dizer, e sem mentir, que a Bahia cresceu com ele.

Largos são os passeios que o rodeiam e nêles a multidão passa durante o dia, descendo e subindo, o ar cheio de barulho. Caminho de muitos, as ladeiras saindo dos quatro cantos, sua sombra escurece os sobrados de azulejos. O portão, na verdade uma cancela gigantesca, range quando se abre. Por cima nas manhãs de domingo, saiam os cantos dos sinos de sua capela. É possível vê-la, encostada ao pátio, ameaçando cair. Baixa, as paredes esburacadas, as telhas partidas. E por cima também escapavam, nos velhos tempos, as ordens das cornetas, os rumores das marchas, as algazaras do rancho.

A terra nua, no pátio, tem a côr do cobre. Sustenta, porém, as três árvores. Espalhadas, os troncos grossos, ganharam altura. Levantam-se como se o Forte fôsse um convento, tranqüilas, moradia de pássaros. Os ventos altos, vindos do mar, não têm forças para agitá-las. E, no verão, sua sombra é pouso. Faz bem vê-las, assim nos recantos, fôlhas cobrindo o chão. O pico da colina está coberto. A carcaça imensa, o labirinto por dentro, torres e colunas, os fundos alicerces plantados na rocha. Construído aos pedaços, alargando-se e subindo, sua dureza fere os olhos. O ar, porém, é livre. E abriga, quando o vento não falta, os cheiros da Bahia. Os torreões aprumados, como braços erguidos, apontam o céu de estrelas e paz.

ADONIAS FILHO, *O Forte*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965, págs. 15-16.

Arte: CILDO MEIRELLES



128 Pareceis de tênue sêda,
sem pêso de ação nem de hora...
— e estais no bico das penas,
— e estais na tinta que as molha,
— e estais nas mãos dos juizes,
— e sois o ferro que arrocha,
— e sois barco para o exílio,
— e sois Moçambique e Angola!

Ai, palavras, ai, palavras,
ieis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...

Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

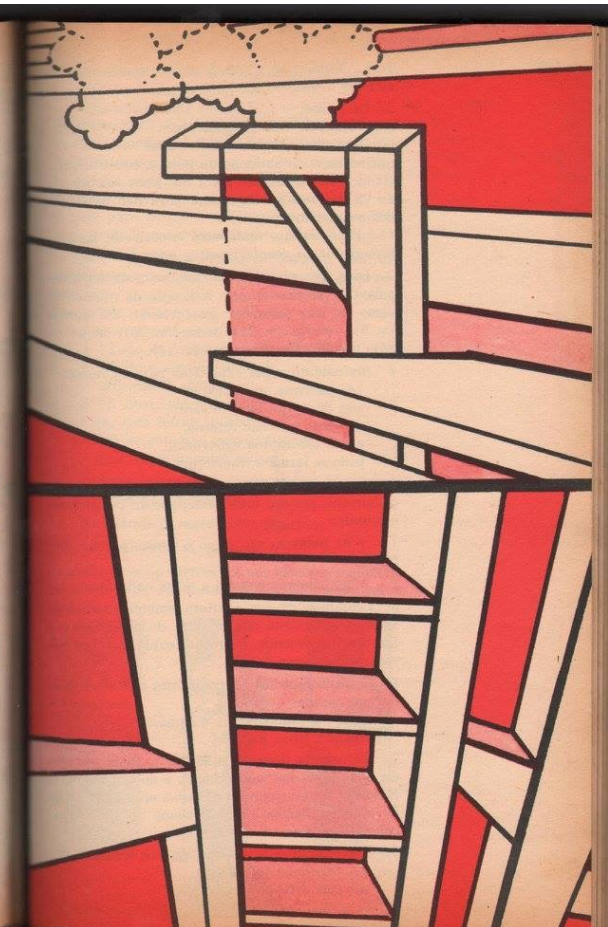
— Acusações, sentinelas,
bacamarte, algema, escolta;
— o ôlho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
— a umidade dos presídios,
— a solidão pavorosa;
— duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
— e a sentença que caminha,
— e a esperança que não volta,
— e o coração que vacila,
— e o castigo que galopa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
— sois madeira que se corta
— sois vinte degraus de escada,
— sois um pedaço de corda...
— sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ereis um sópro na aragem...
— sois um homem que se enforca!

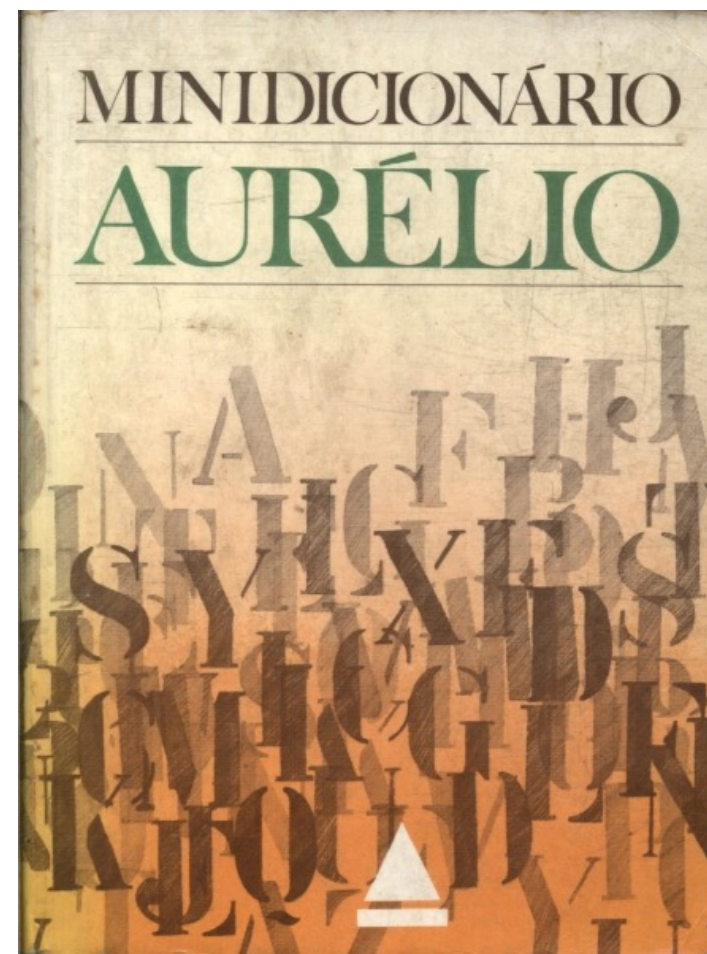
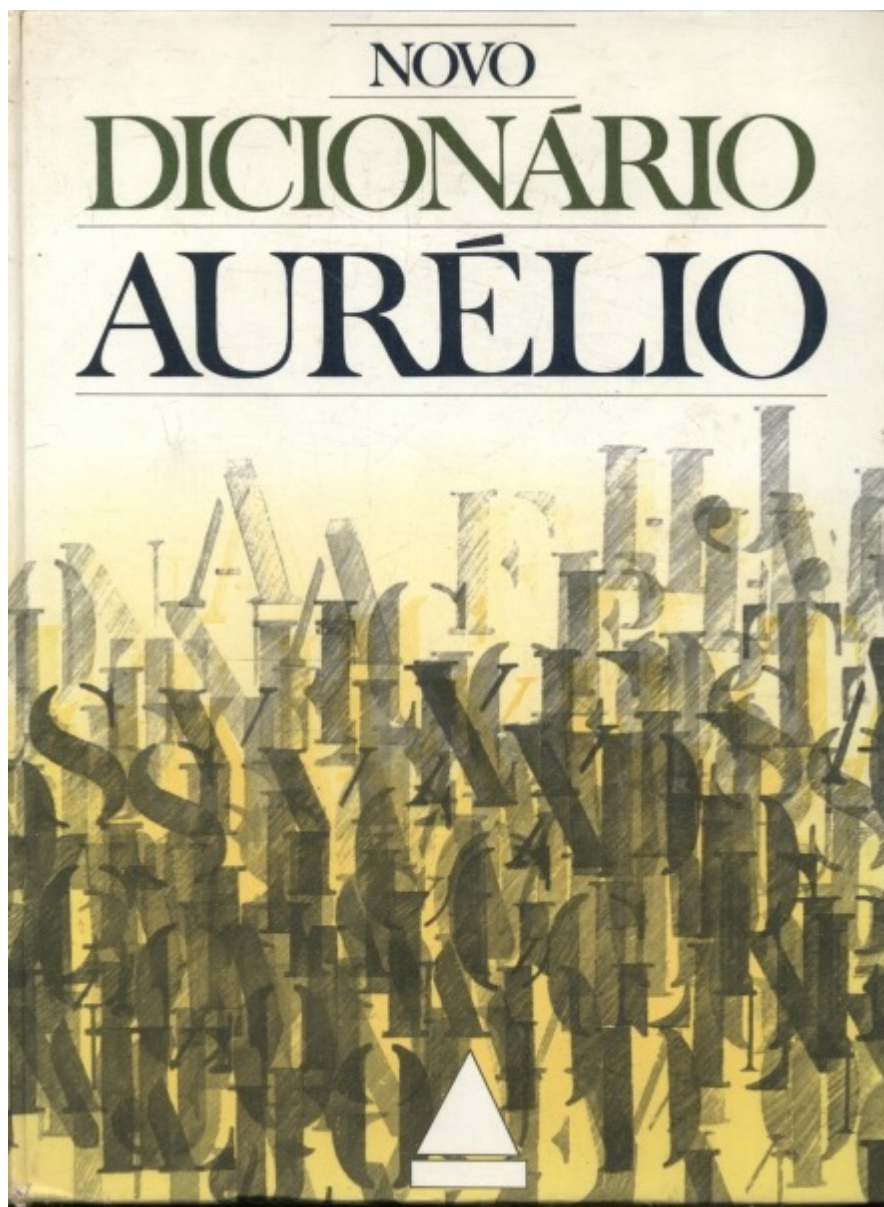
CECILIA MEIRELES, *Romanceiro da Inconfidência*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1963, págs. 185-87.

Arte: RAYMUNDO COLLARES



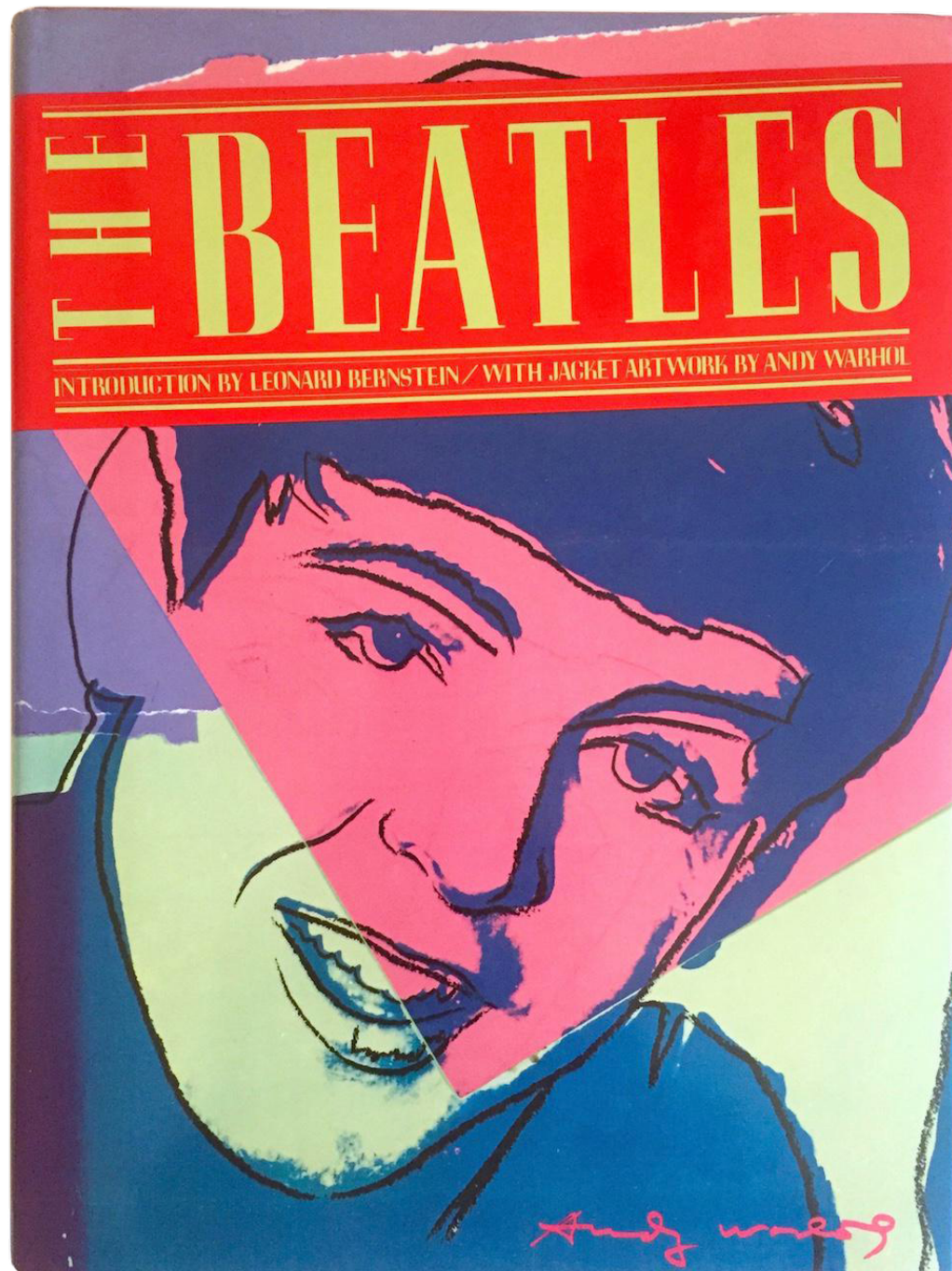
À esquerda, ilustração do artista plástico Cildo Meirelles para o texto “O Forte”, de Adonias Filho, publicado em livro didático, 1968

À direita, ilustração do artista plástico Raymundo Collares para o texto “Das Palavras Aéreas”, de Cecilia Meirelles, publicado em livro didático, provavelmente de 1968.



“Novo Dicionário Aurélio” e “Minidicionário Aurélio”, de Raul Rangel Filho, ilustrações de Gian Calvi, 1975.

Foi o mais importante livro dos anos 70. Até então, não havia um dicionário de porte que registrasse de maneira sistemática o português usado no Brasil.



Bea Fleiter: capa para o livro “The Beatles”, arte de Andy Warhol, 1982.

“Bea estava na época no auge de sua carreira nos Estados Unidos. Assinar o planejamento visual daquele que é uma espécie de livro oficial dos Beatles é um atestado de seu prestígio – creditado logo abaixo do título. (...)”

Bea era designer da Harper’s Bazaar, e o livro de fato respira ares de revista. (...)”

A inclinação da faixa que contém o título dinamiza ainda mais o movimento sugerido pelo plano magenta que simula o efeito de papel recortado”(em A linha do tempo do design gráfico no Brasil, Homem de Melo).

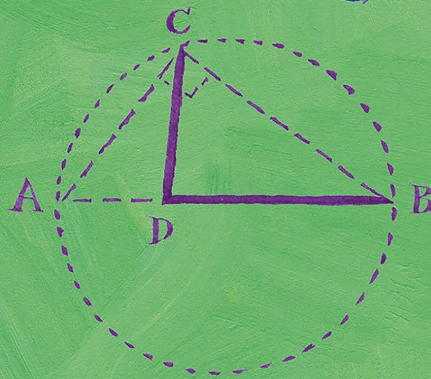
AMYR
KLINK

Cem dias entre
céu e mar



COMPANHIA DE BOLSO

EDUARDO
GIANNETTI
Autoengano



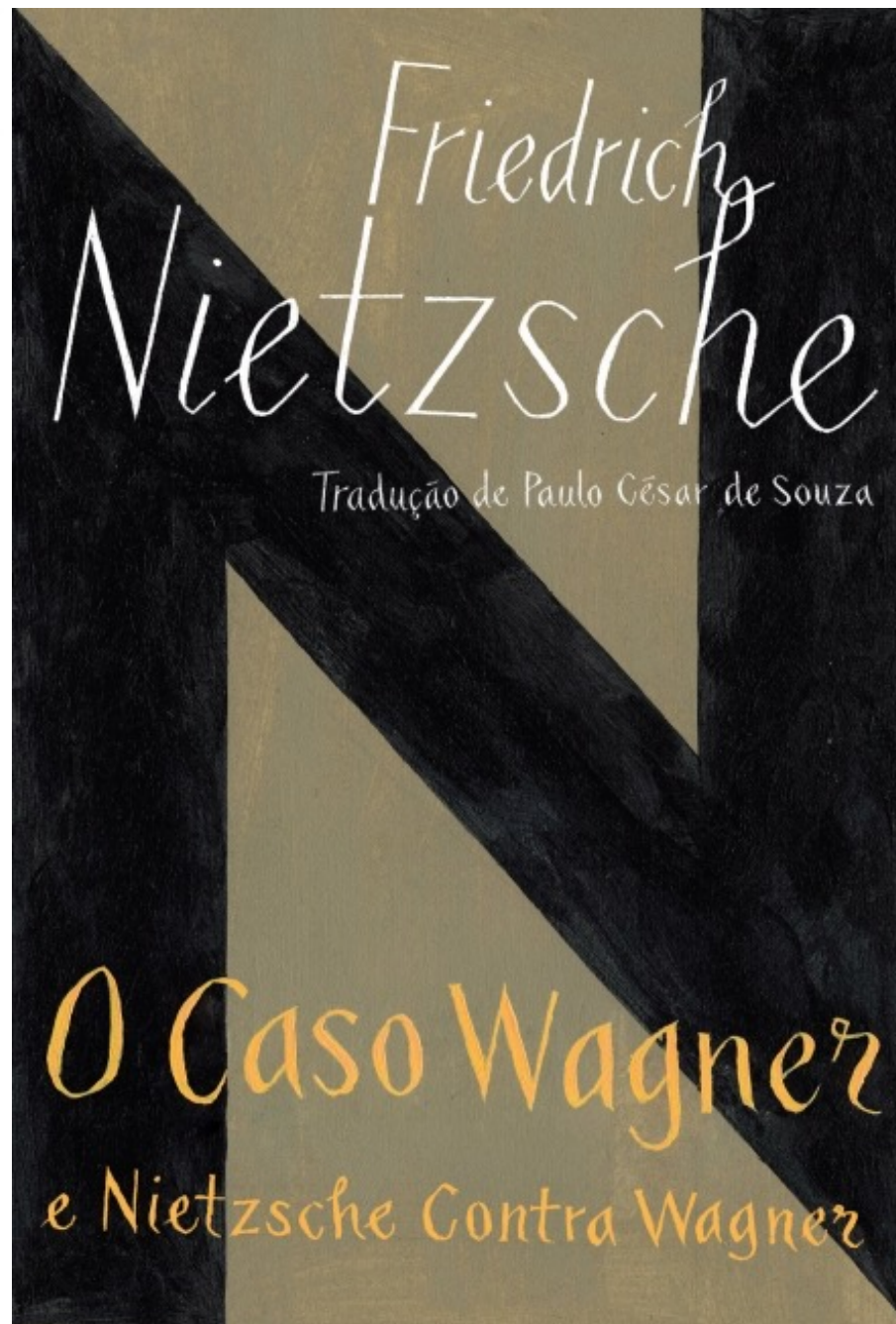
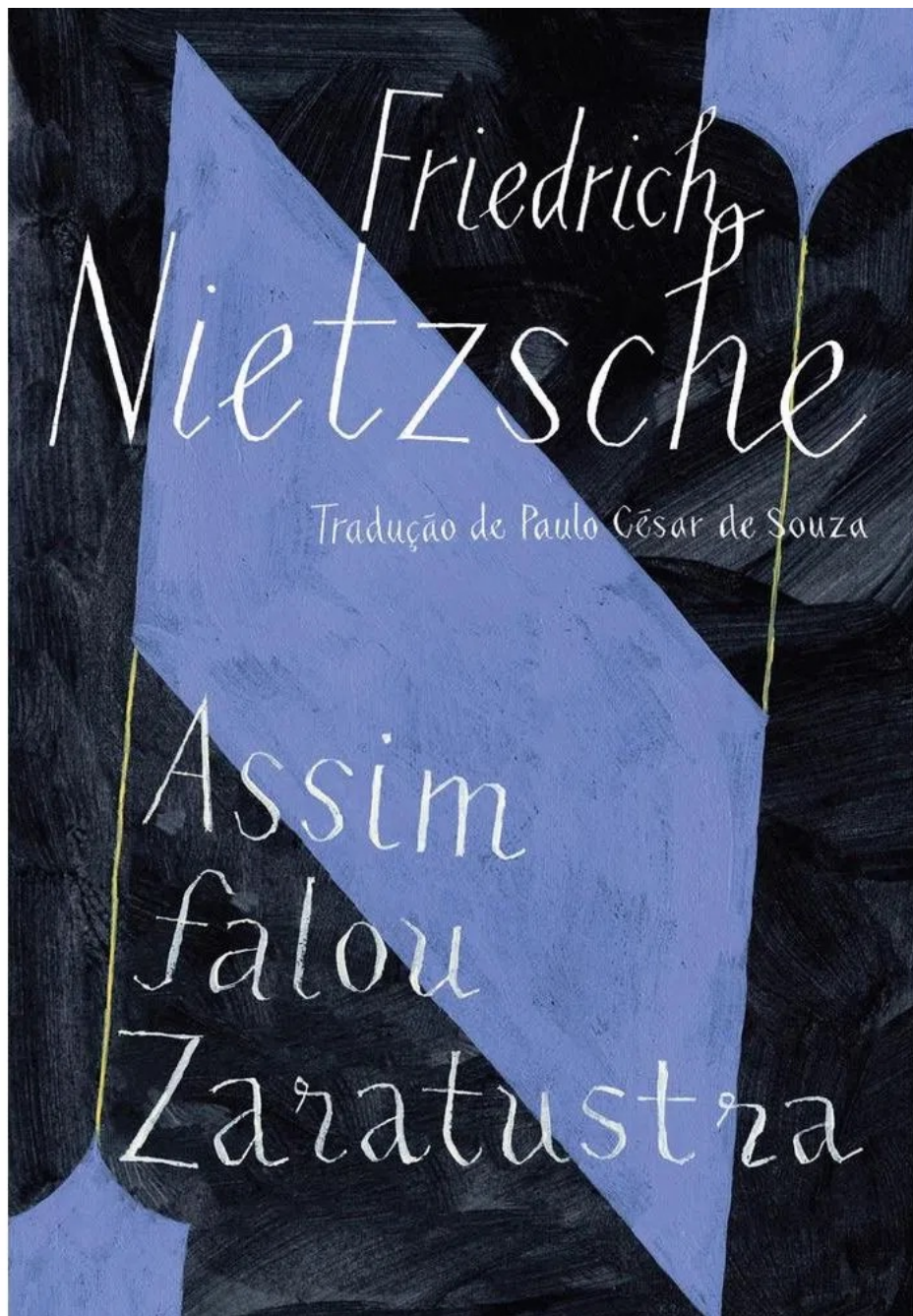
COMPANHIA DE BOLSO

Capas da coleção de bolso
da Cia. Das Letras.

“Cem dias entre o céu e o
mar”, 2005.

“Autoengano”, 2005.

As capas da Cia. De Bolso
são feitas pelo ilustrador
Jeffrey Fisher.



Capas da coleção de bolso da Cia. Das Letras, ambas do filósofo Friedrich Nietzsche.

As capas da Cia. De Bolso são feitas pelo ilustrador Jeffrey Fisher.

KARL MARX

o capital

LIVRO II



BOITEMPO
EDITORIAL



Capas de Cassio Loredano para livros da editora Boitempo.

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

Livro didático infantil: ABC

T
H
E
C
U
B
I
S
M

VERSED BY MARY MILLS LYALL PICTURED BY EARL HARVEY LYALL



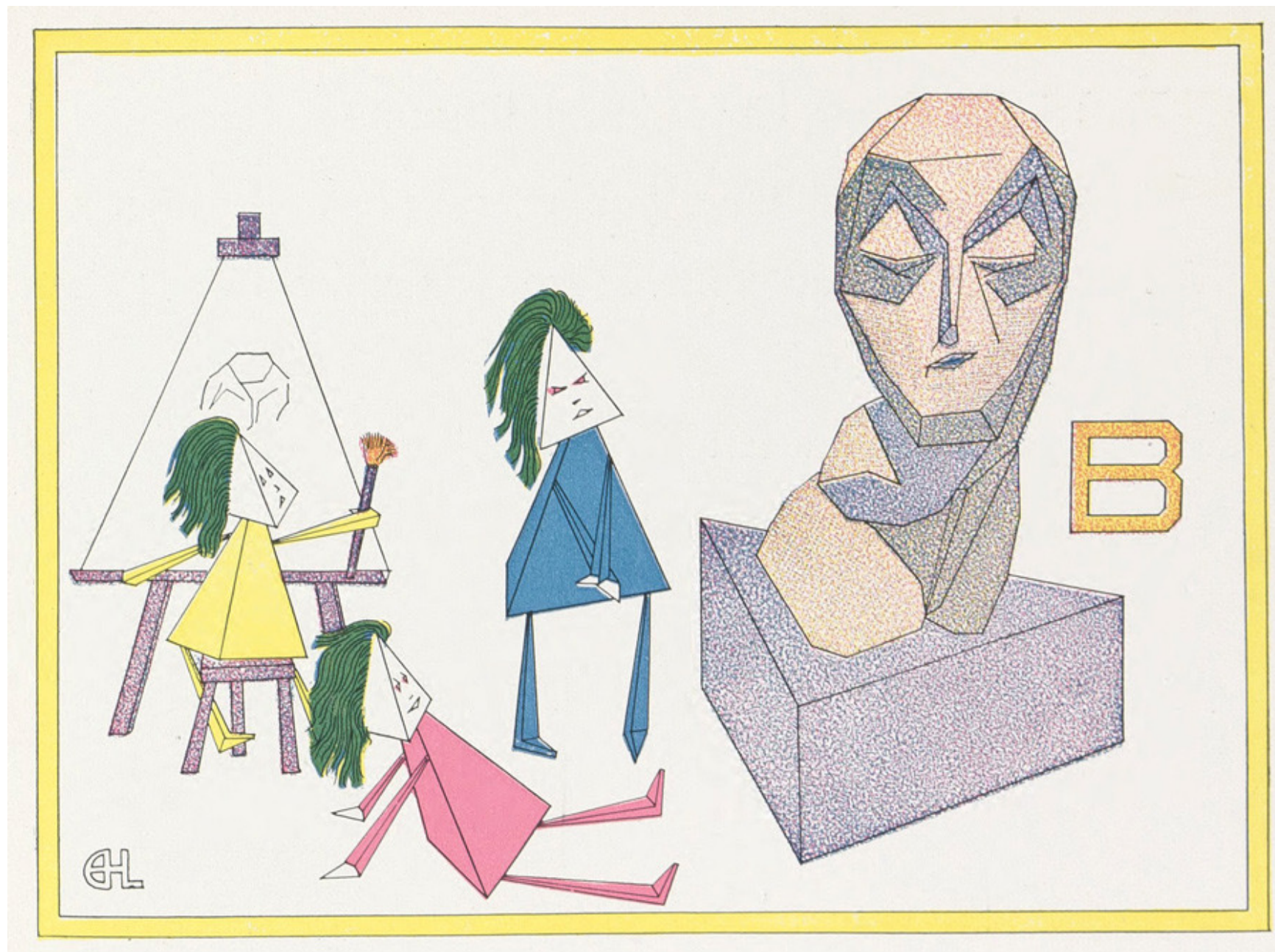
A
B
C

G.P. PUTNAM'S SONS
NEW YORK AND LONDON

“The Cubies’ ABC”,
por Mary Mills Lyall e
Earl Harvey Lyall, G. P.
Putnam’s Sons, 1913.

Trata-se de um bem-
humorado ataque ao
Cubismo sob a forma
de um abecedário e
livro infantil.

Brancusi, Duchamp,
Kandinsky, Picasso e
outros são
gentilmente atacados
em ordem alfabética.



"The Cubies' ABC",
por Mary Mills Lyall e
Earl Harvey Lyall, G. P.
Putnam's Sons, 1913.

"B is for Beauty as
Brancusi views it".



"The Cubies' ABC",
por Mary Mills Lyall e
Earl Harvey Lyall, G. P.
Putnam's Sons, 1913.

"E is for Ego, intense
and Exotic".



"The Cubies' ABC", por
Mary Mills Lyall e Earl
Harvey Lyall, G. P.
Putnam's Sons, 1913.

"K's for Kandinsky's
Kute "improvisations"".



Ist bin der Gockel, der Gockel fahr,
 und trage große Horen.
 Tief mich wie ja recht grünelich an,
 sonst fahr ich was verloren.
 Räderli, Räderli,
 was können's fahrt in nie!



Er, fahrt mich wie ein Gampelmann,
 wie der so lustig fahrt am Baum!
 Wasst steht ein fröhliches Gesicht
 und wirren im Lachen, das kommt er nicht.



Los zu dem faulen, bösen Rini,
 da kommt der Raumpad ganz gefahren!
 Er stellt die böse Postspannman
 von Säulgelgen den Rindpad laun.
 Das Rini, es fahrt, O Jammere,
 fahrt es gelaunt das A. F. C.!"

32674

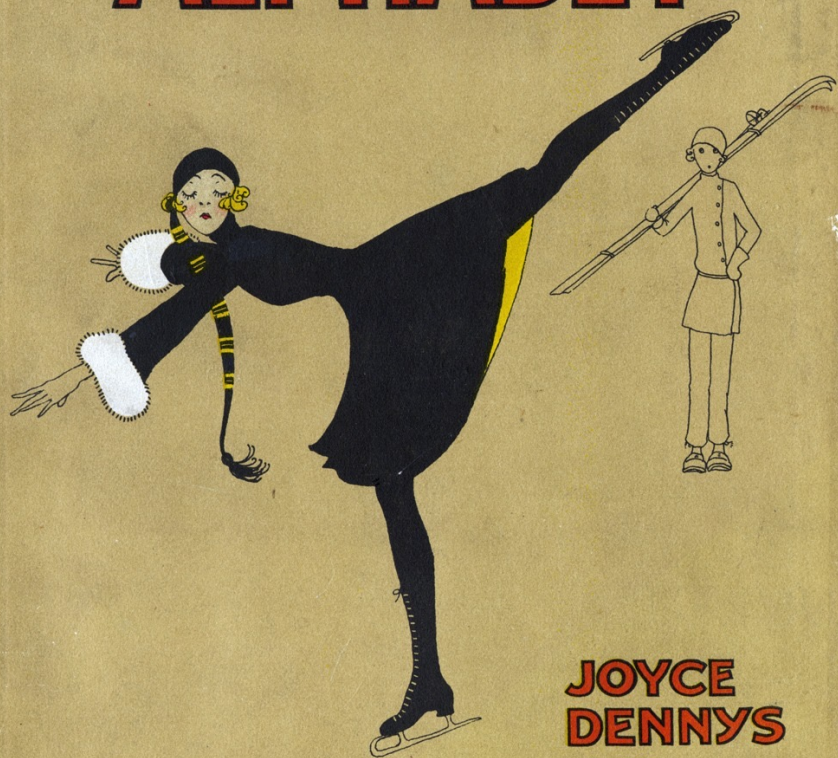
Juli 9 folz
 20. Al. 8/3

Olga Kopetzky: "Das Nürnberger ABC", 1912.



Conrad Felixmüller: "ABC – Ein geschütteltes, geknütteltes Alphabet in Bildern", 1925.

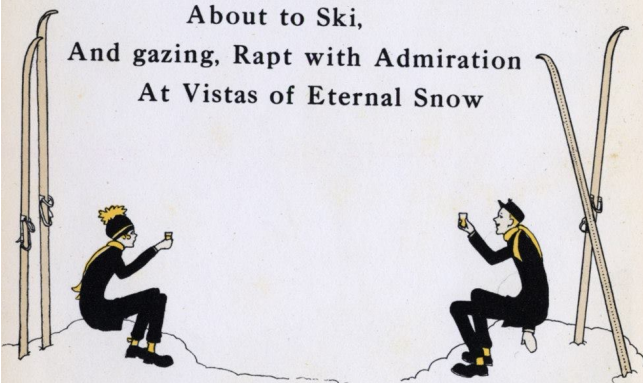
A WINTER SPORTS ALPHABET



JOYCE
DENNY'S
AND
EVOE

A

A for the Wild Anticipation
(Before we started out, you know)
Of You and Me
About to Ski,
And gazing, Rapt with Admiration
At Vistas of Eternal Snow



Joyce Denny's: "A Winter Sports Alphabet", John Lane, Londres, 1926.
Abecedário relacionado a esportes de inverno.

D



D sets us Dancing. For this Art
There'll be no other free time
Till Dinner do us Rudely Part.

"What what?"

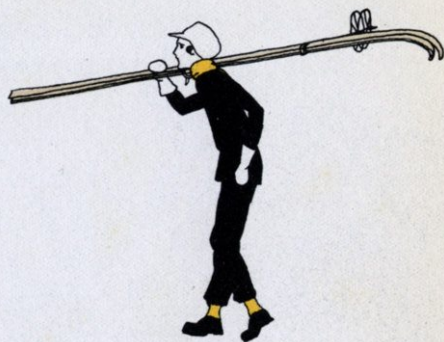
"Right-o!"

"We'd better start
Directly after tea-time."



Joyce Dennys: "A
Winter Sports
Alphabet", John
Lane, Londres,
1926.

E



E stands for Energy. This Martyr
Perspiring upwards with such Zest
(A Civil Servant, Mr. Carter:)

Went out, as Planned,
To Switzerland
For a Complete and Thorough Rest.



Joyce Dennys: "A
Winter Sports
Alphabet", John
Lane, Londres,
1926.



“Abecedário Meu ABC”, escrito por Érico Veríssimo e ilustrado por Ernst Zeuner, Editora Globo, 1936-1939.

Na capa, nem a assinatura é de Erico, mas de Nanquinote, um boneco feito de nanquim que aparece em outras publicações infantis do escritor e que servia como pseudônimo.



É?



Não É? Pois É,
— É? Não É? Pois É,
— eu faço Exercício, deitado e de pé!



— É? Não É? Pois É:
todo o mundo fica pasmo
com este E do Entusiasmo!

E de Escola
e de Estudante,
que Entende
e que aprende!



E — que Estuda bem!
E — que faz Exame!
E — que tira 100!

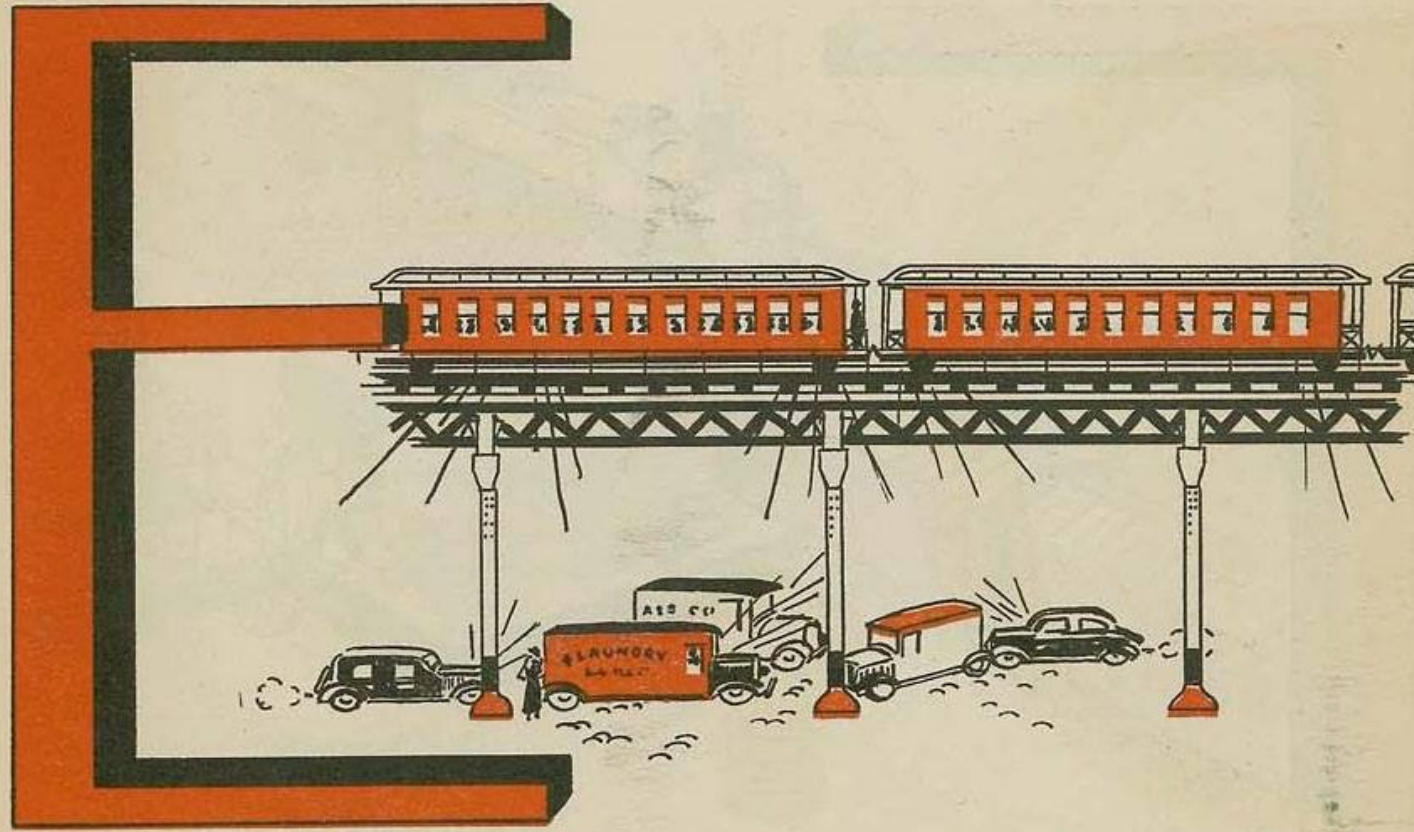


A FESTA DAS LETRAS

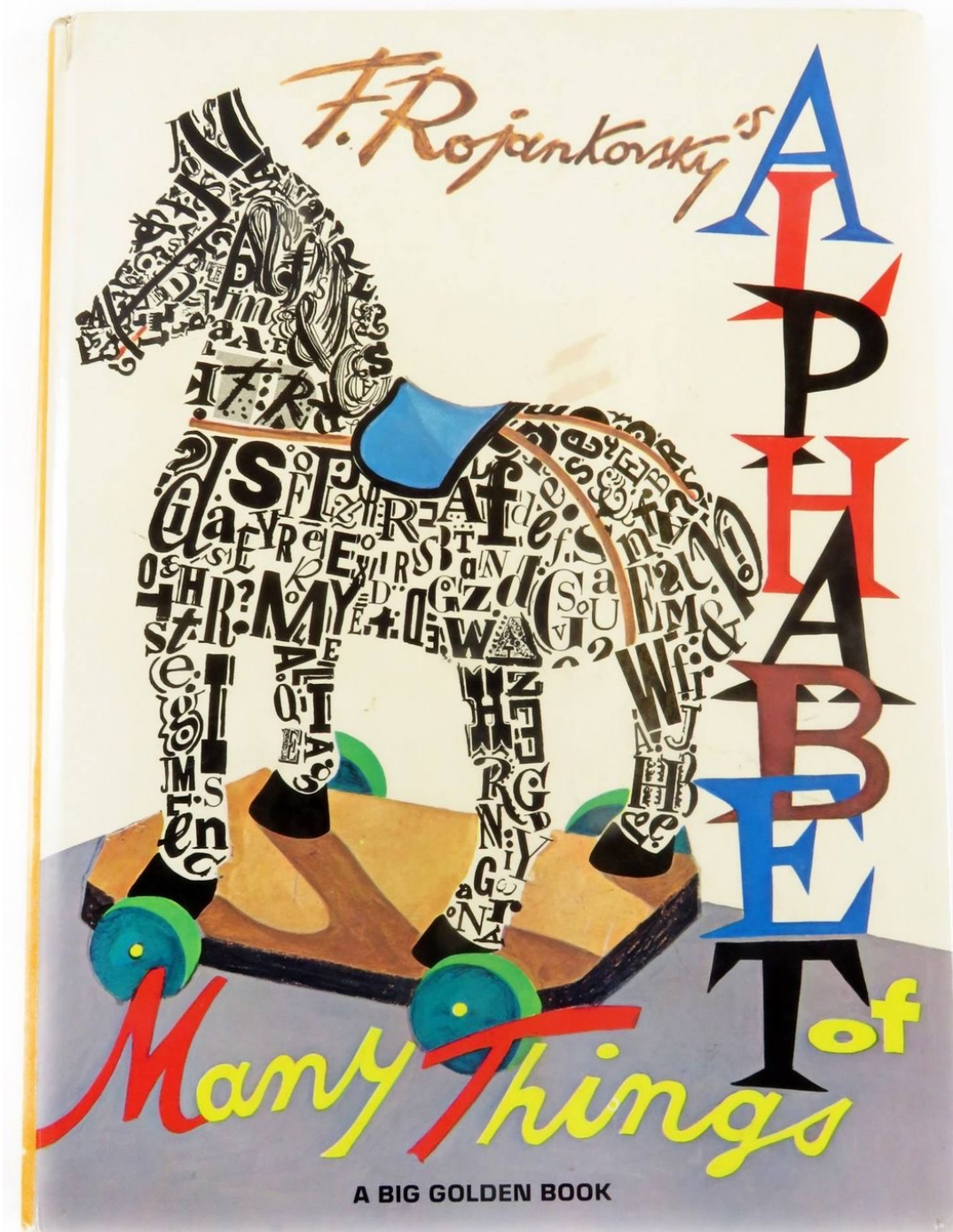
EDITORA NOVA FRONTEIRA

“A Festa das Letras”, de
Cecília Meireles,
ilustrações de João Fahrion.

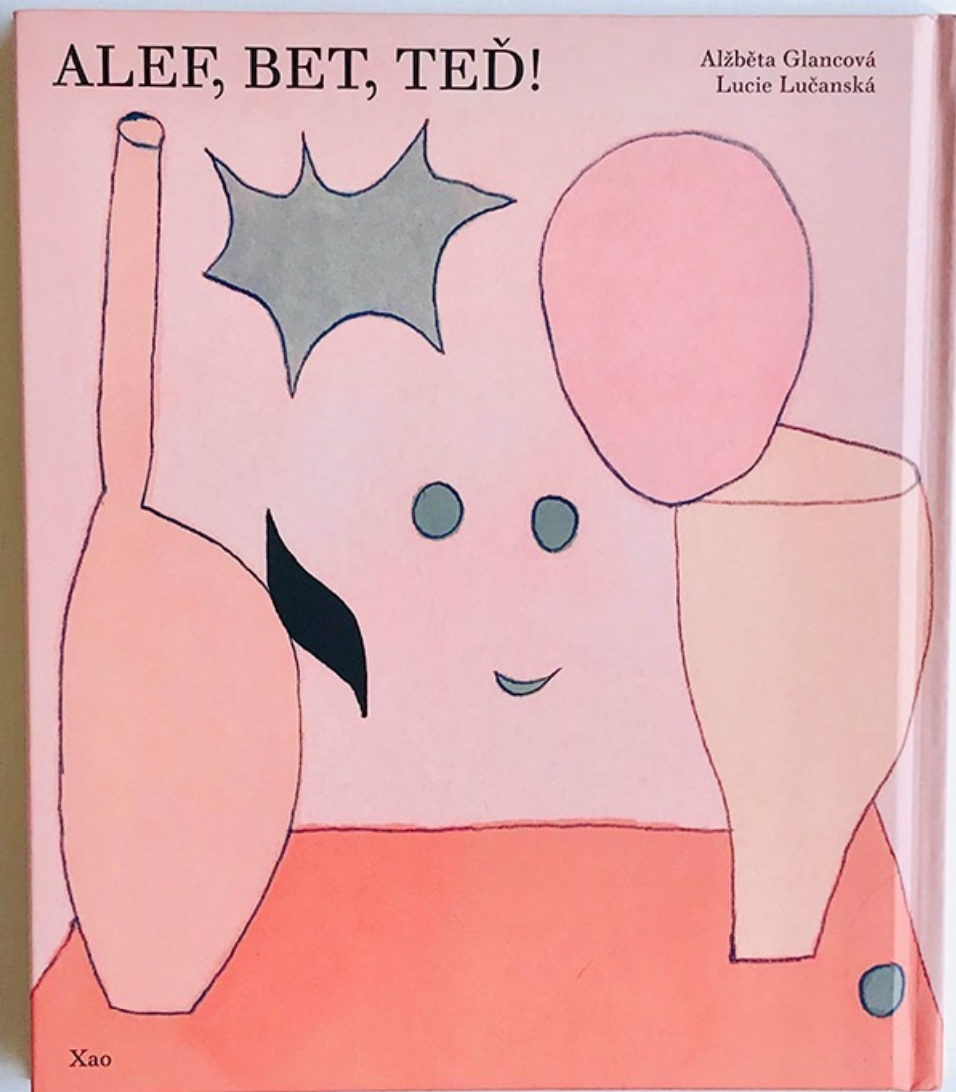
Data da primeira
publicação: 1937.



E—is the **ELEVATED**
That must be torn down.
The nuisance it creates
Isn't good for our town.



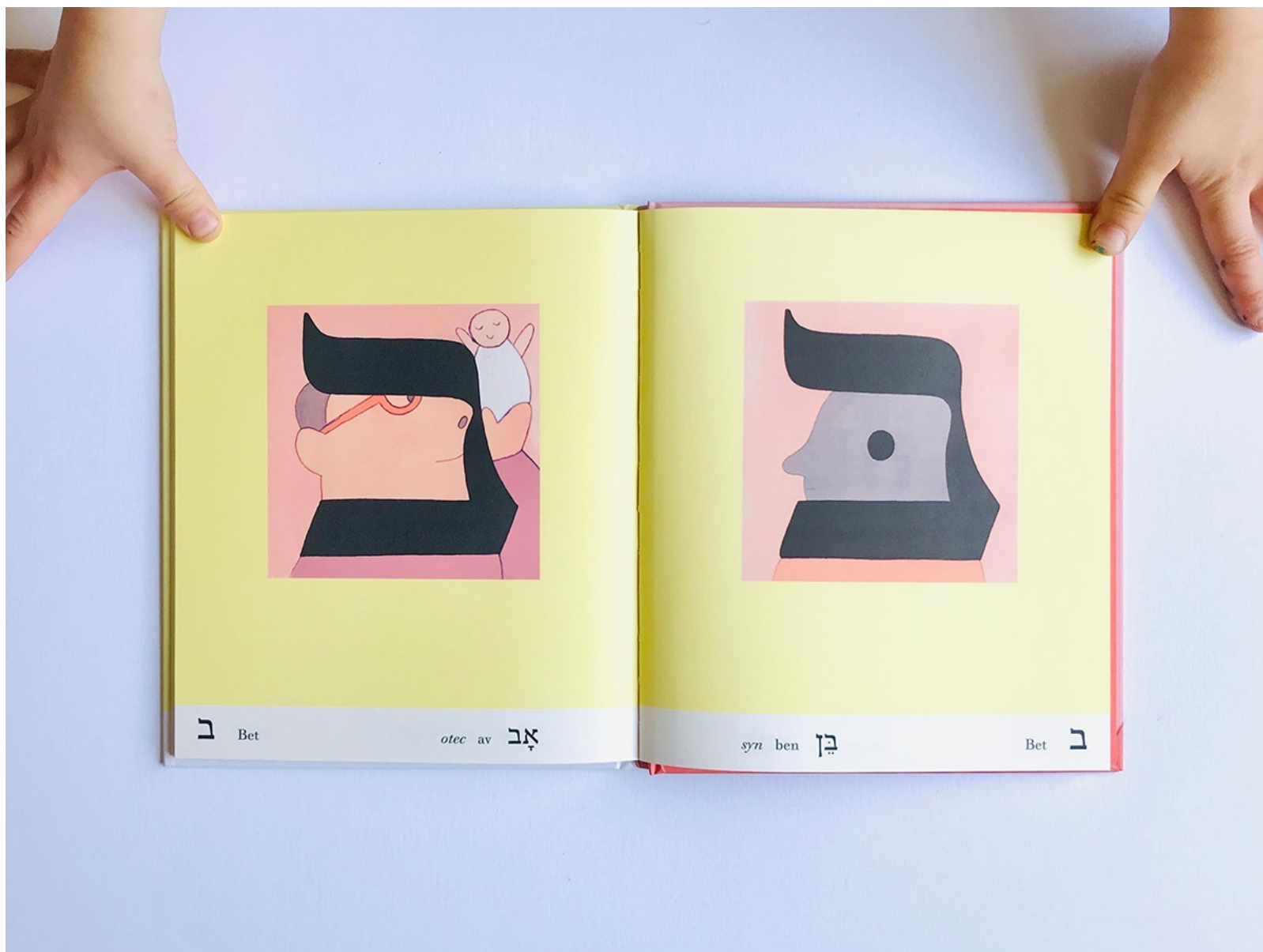
"F. Rojankovsky's Alphabet of Many Things", A Big Golden Book, 1970.



Capa de “Alef, Bet, Ted!”,
texto de Lucie Lučanská e
ilustrações de Alžběta
Glancová, 2019.

O livro funciona como um
primeiro contato de crianças e
leitores adultos com o
hebraico e levará o leitor a ler
passo a passo palavras
selecionadas. São explorados
conceitos que estão
profundamente ligados ao
hebraico.

Nas páginas do livro, o leitor
encontrará Davi e Golias,
jogadores de gamão, uma
baleia gigante, etc.

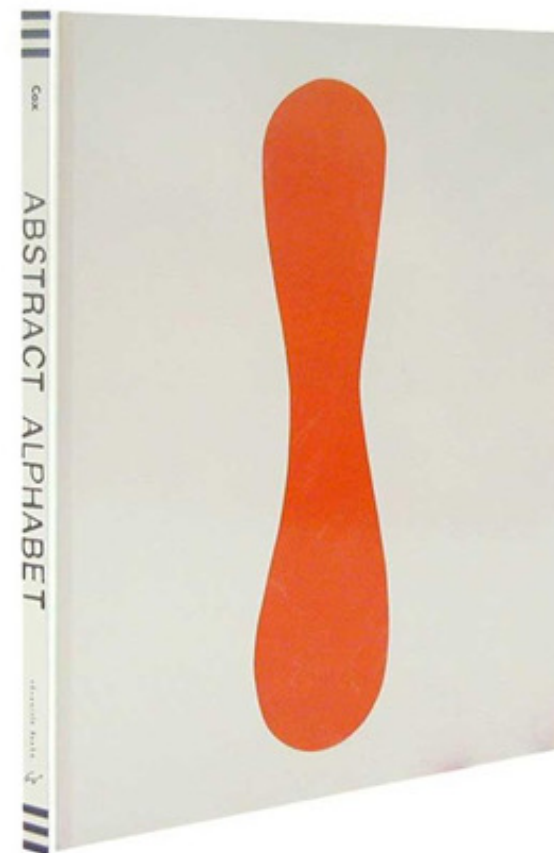
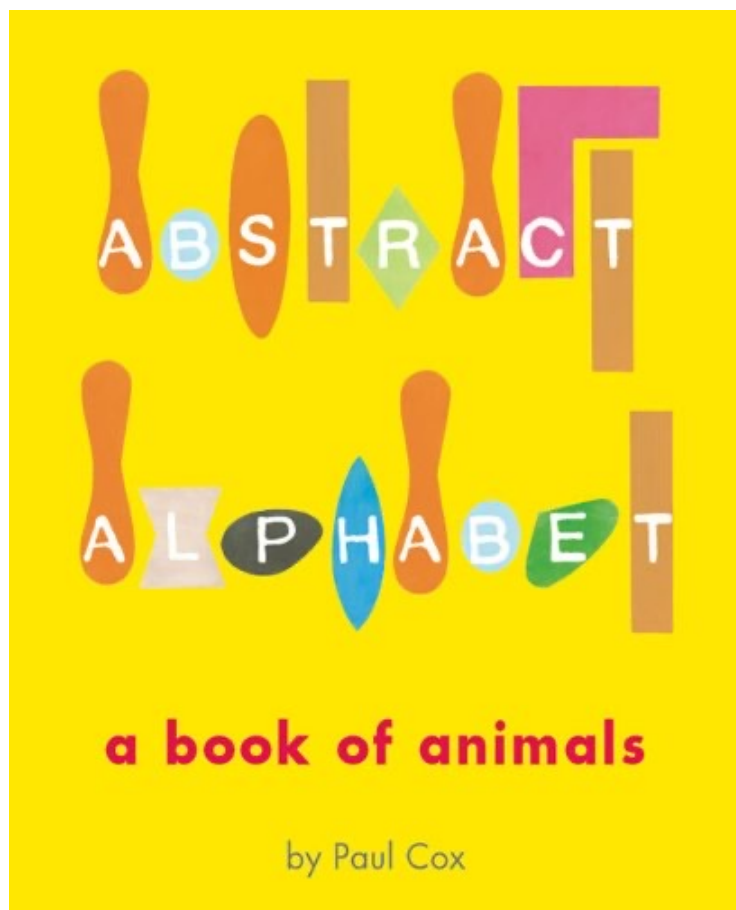


Página dupla de “Alef, Bet, Ted!”, texto de Lucie Lučanská e ilustrações de Alžběta Glancová, 2019.

Repare como as letras estão integradas às cenas nas ilustrações.



“Alef, Bet, Ted!”, texto de Lucie Lučanská e ilustrações de Alžběta Glancová, 2019.



Paul Cox: “Animaux / Abstract Alphabet”, Ed. Du Seuil, 1997: Abecedário sobre animais para ensinar a ler. Cada forma colorida representa uma letra e o leitor deve decifrar o código para descobrir o nome do animal.



Paul Cox: "Animaux / Abstract Alphabet"

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

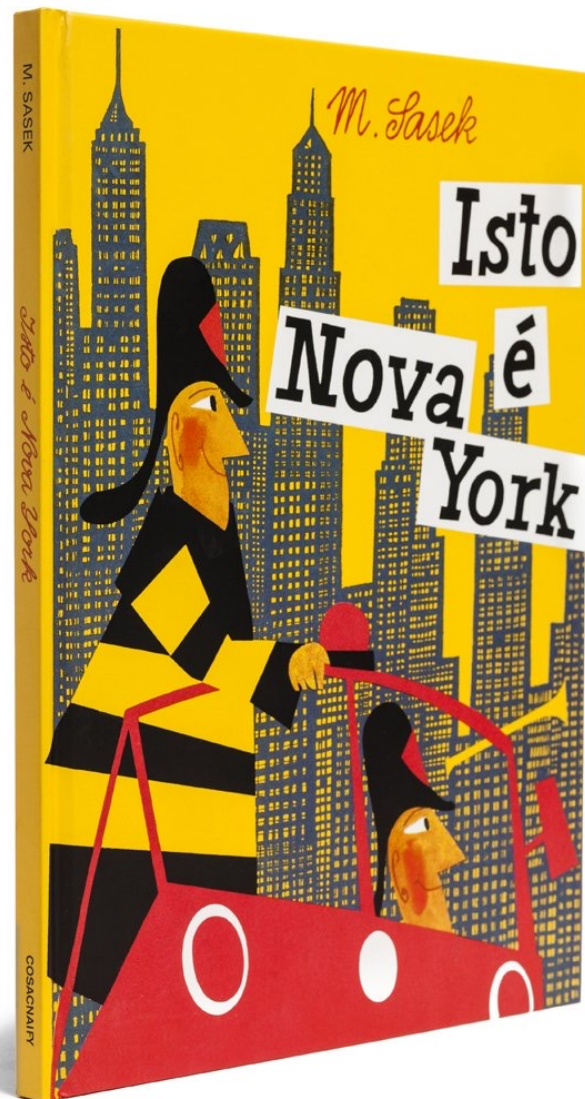
Ilustração de livro didático infantil

Ilustração de Não-Ficção e Didático

Vamos observar agora soluções criativas para livros de não-ficção e livros didáticos.

Vale prestar atenção e perceber como o caráter didático e informativo não exclui sedução, elementos lúdicos e fantasia nas ilustrações.

ISTO É NOVA YORK



Capa do livro “Isto é Nova York”, de M. Sasek, Cosac Naify, 2011. Publicado originalmente em 1960.



Grande umidade e calor atacam Nova York no verão,
os nova-iorquinos contra-atacam com ares-condicionados.

O maior carnívoro de todos os tempos – o tiranossauro –
pode ser visto no Museu de História Natural de Nova York.



Quando todos os ares-condicionados
estão ligados ao mesmo tempo,
ocorrem curtos-circuitos e
“cavar é preciso”.



Página dupla do livro
“Isto é Nova York”,
de M. Sasek, Cosac
Naify, 2011.



Bem-vindo a Chinatown!

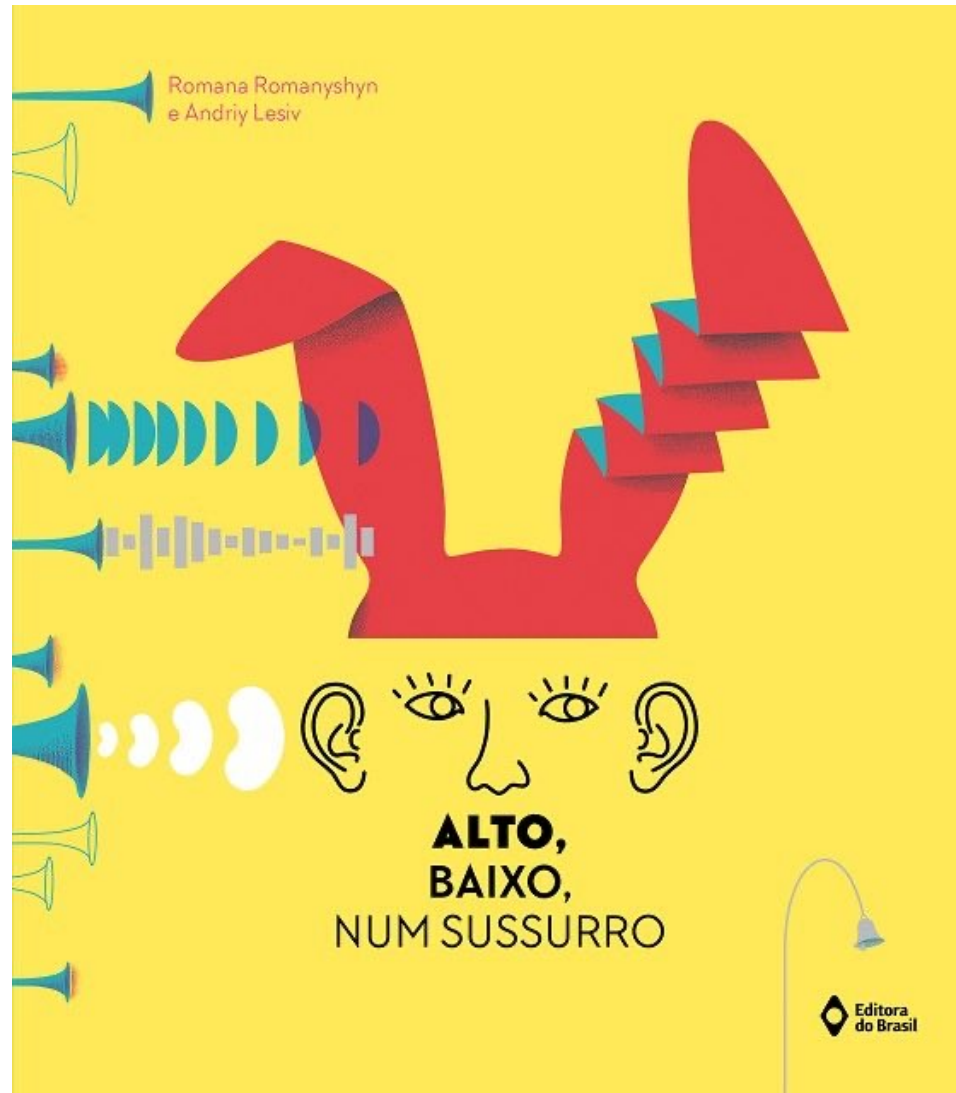


O Harlem fica na parte alta da cidade.

A polícia fecha muitas ruas de Nova York para que as crianças possam brincar nelas.

Página dupla do livro "Isto é Nova York", de M. Sasek, Cosac Naify, 2011.

ALTO, BAIXO, NUM SUSSURRO



Capa do livro “Alto, baixo, num sussurro”, de Romana Romanyshyn e Andriy Lesiv. Editora do Brasil, 2017.

O mundo dos sons é o assunto principal desse livro rico em informações, que explica conceitos relacionados às ondas sonoras e à audição.

Música, intensidade do som, silêncio, barulhos – tanto os produzidos pelos seres humanos quanto os da natureza – são mencionados de modo a levar o leitor à reflexão sobre a riqueza desse aspecto.

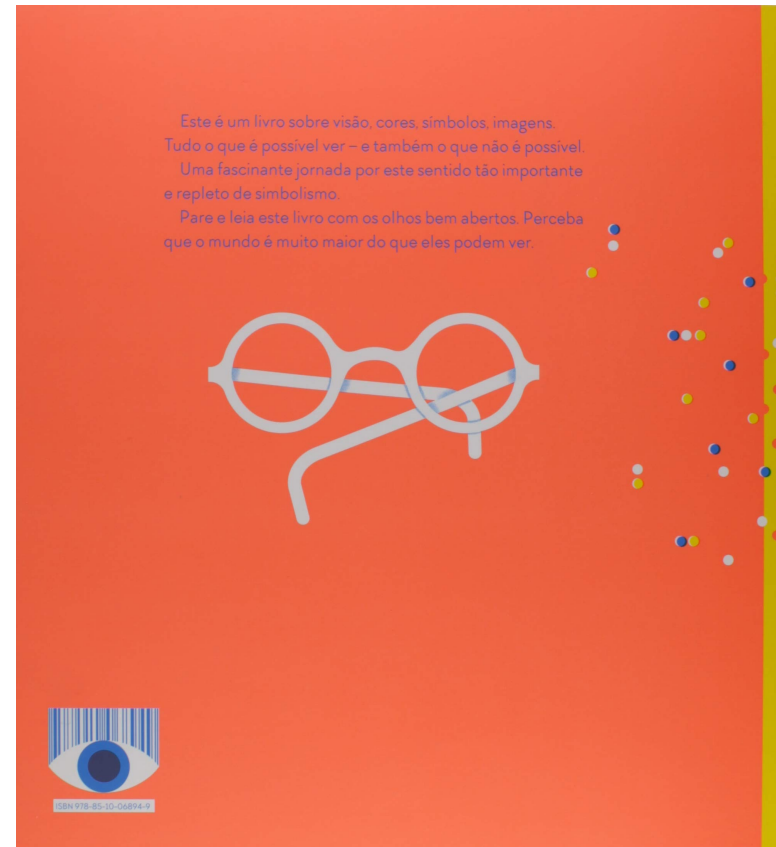
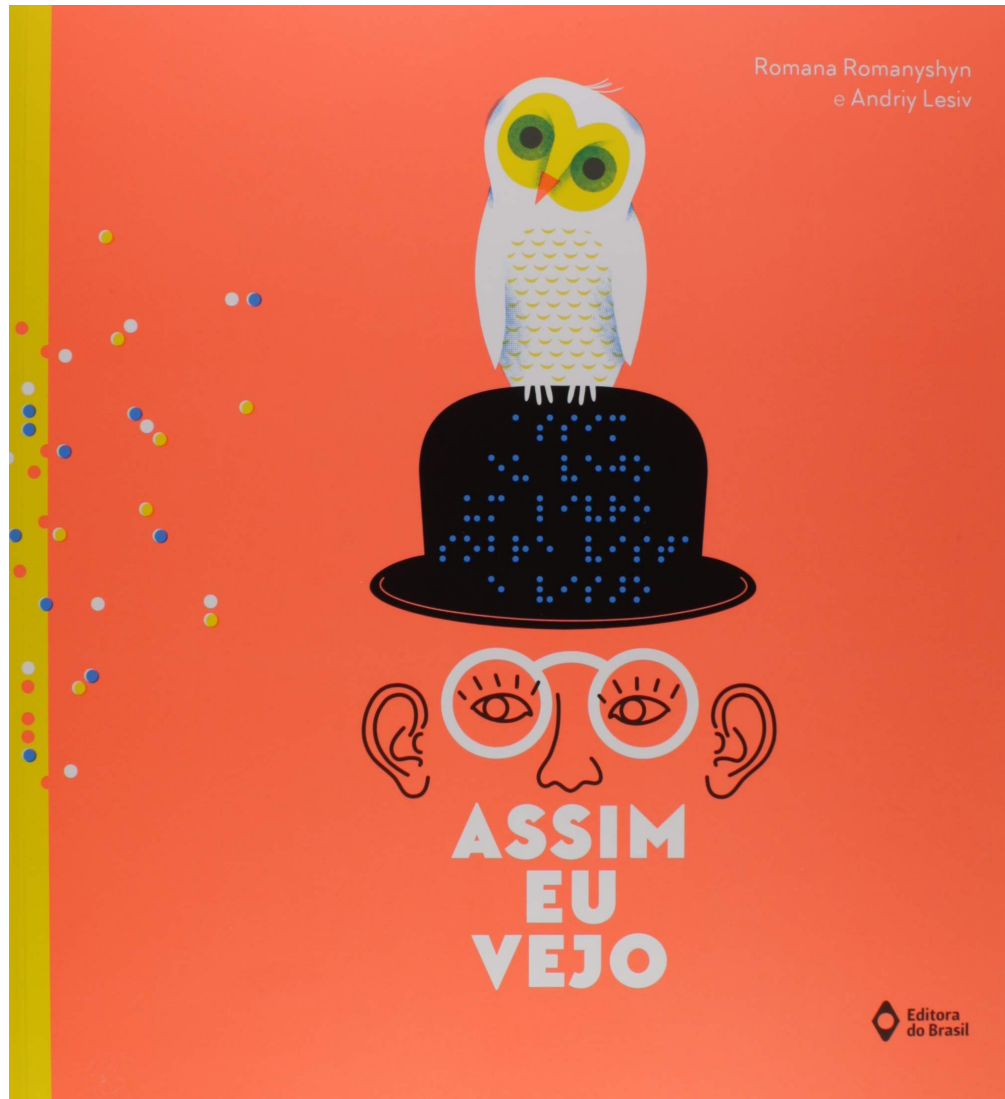


Ilustração do livro “Alto, baixo, num sussurro”, de Romana Romanyshyn e Andriy Lesiv. Editora do Brasil, 2017.



Profissionais do som. É graças a eles que ouvimos muito mais e muito melhor.

ASSIM EU VEJO



Capa do livro “Assim eu vejo”, de Romana Romanyshyn e Andriy Lesiv. Editora do Brasil, 2018. Obra publicada originalmente em ucraniano pela editora Golden Lion, 2017.

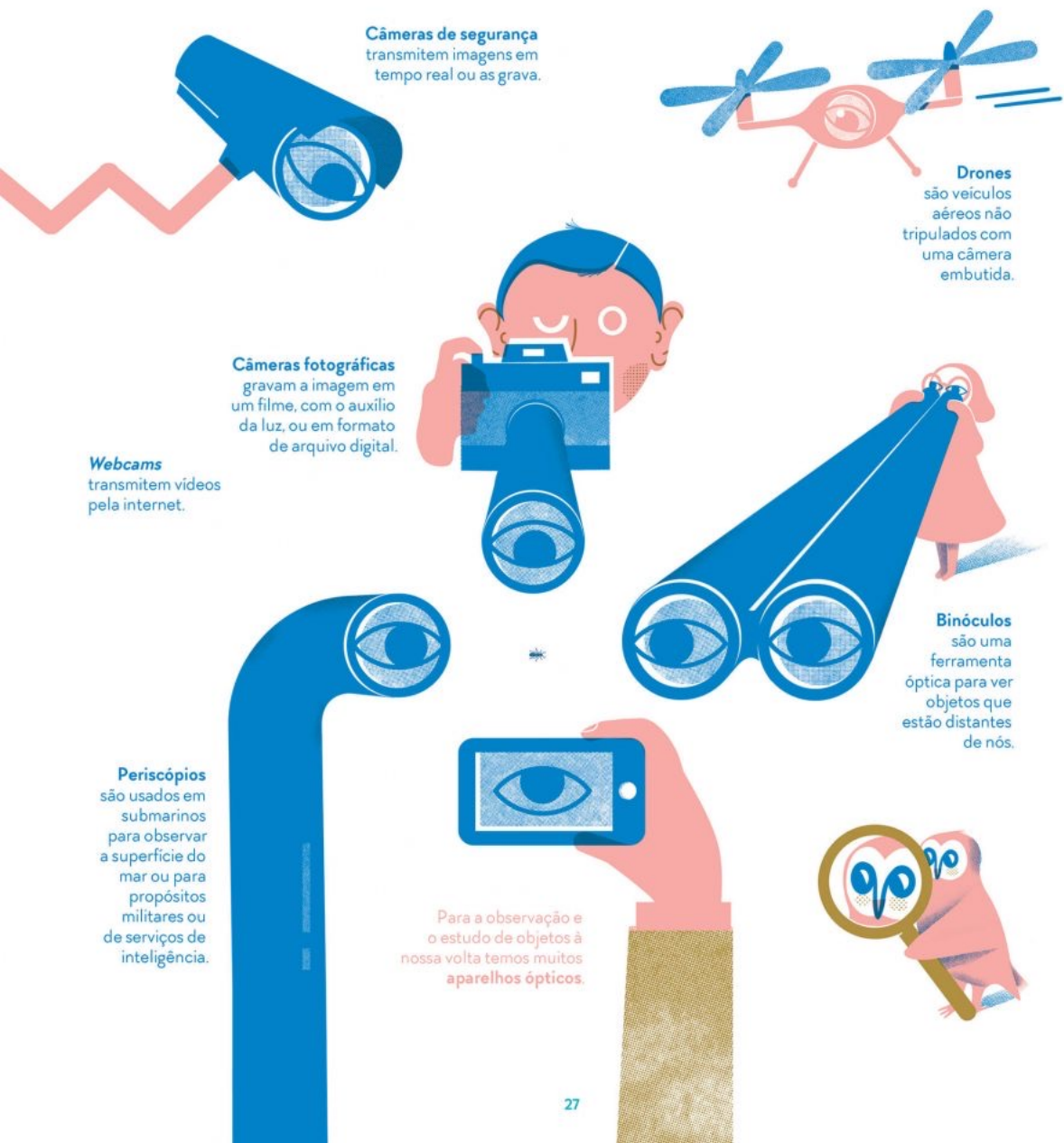


Ilustração do livro “Assim eu vejo”, de Romana Romanyshyn e Andriy Lesiv. Editora do Brasil, 2018.

Good eyesight and attention to detail give us the possibility to see the difference between objects that are identical in shape.



Eyes lead me to find true treasures



By looking at objects, we can identify whether they are safe for us.

and can help save me from danger.



There are eyes that see better than mine.



Colors change and we learn to see the difference between objects that are identical in shape.

Flies and other insects have special eyes that see things that we cannot see. They are like a camera that can see things that we cannot see.

The eyes of an eagle are like a camera that can see things that we cannot see. They are like a camera that can see things that we cannot see.

The eyes of a cat are like a camera that can see things that we cannot see. They are like a camera that can see things that we cannot see.

The eyes of a dog are like a camera that can see things that we cannot see. They are like a camera that can see things that we cannot see.

The eyes of a bird are like a camera that can see things that we cannot see. They are like a camera that can see things that we cannot see.

The eyes of a fish are like a camera that can see things that we cannot see. They are like a camera that can see things that we cannot see.

The eyes of an owl are like a camera that can see things that we cannot see. They are like a camera that can see things that we cannot see.

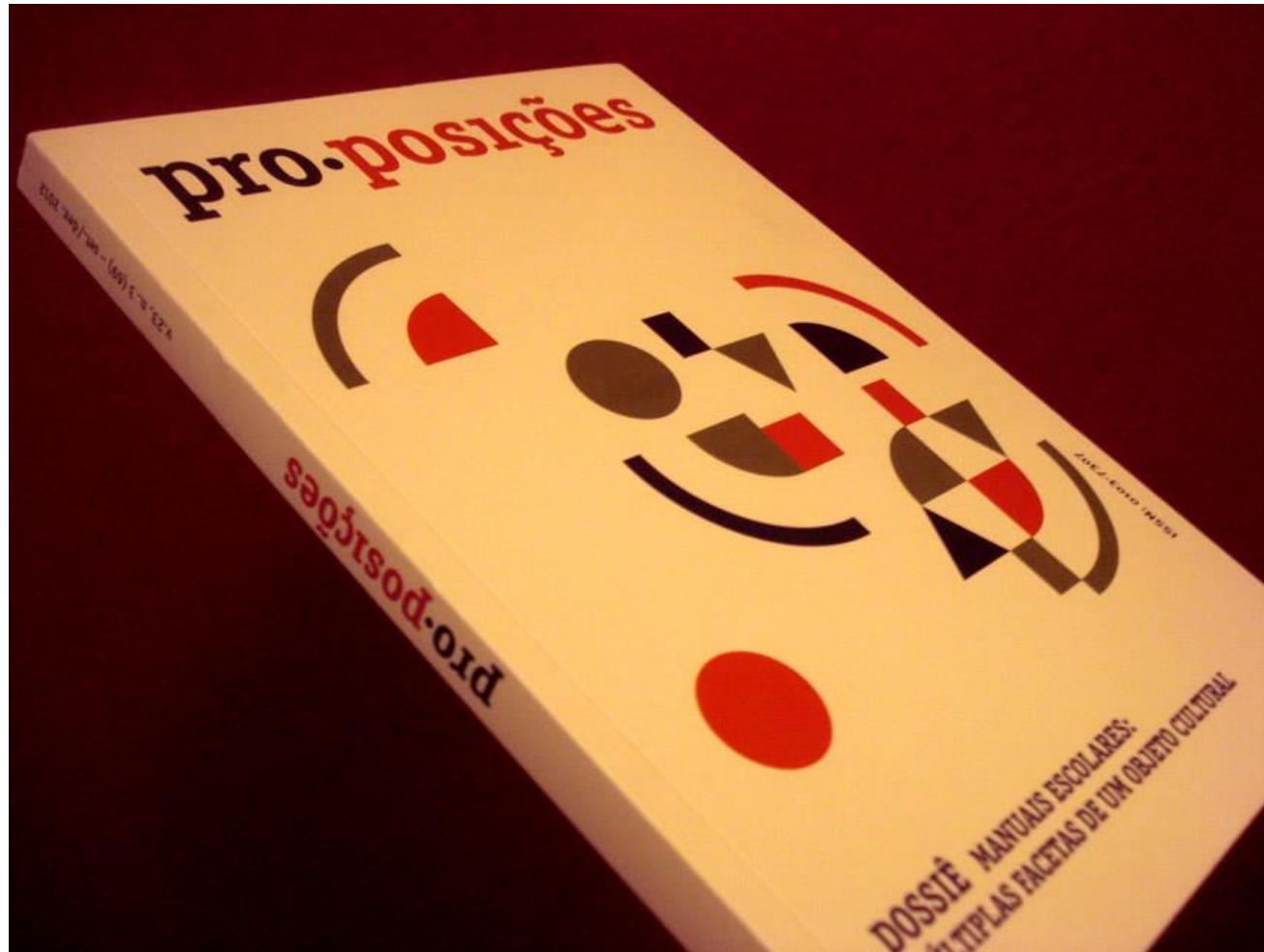
The eyes of a rabbit are like a camera that can see things that we cannot see. They are like a camera that can see things that we cannot see.

Even in the dark.

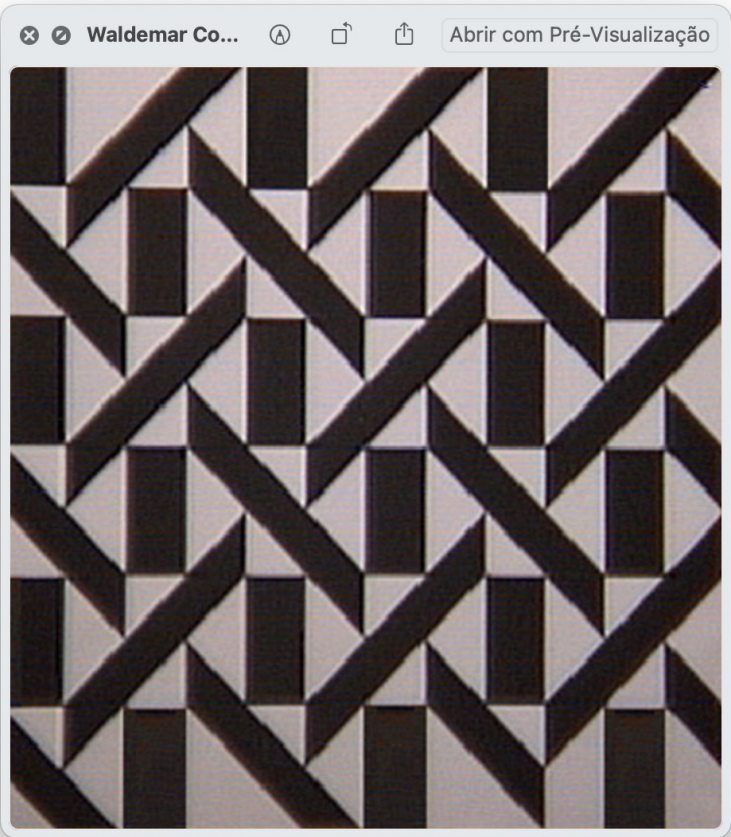
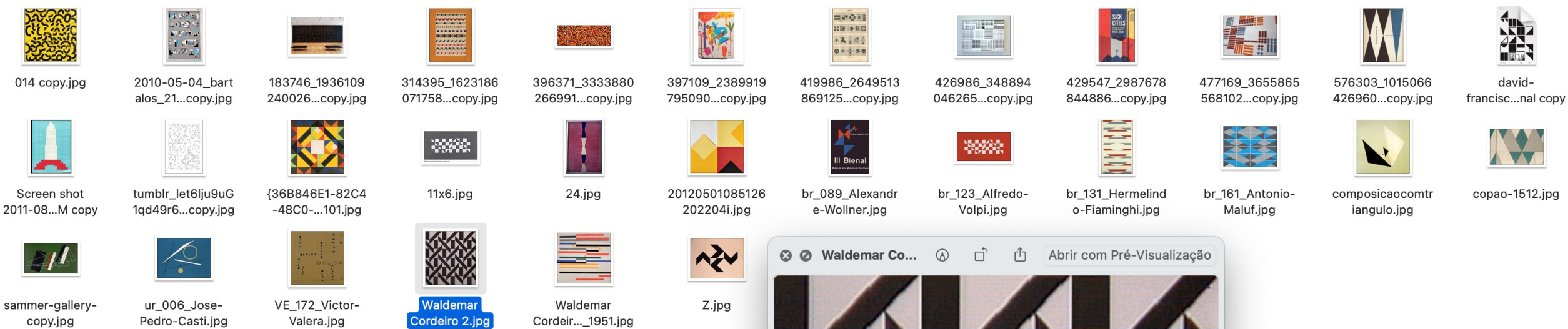
ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

Processo Criativo

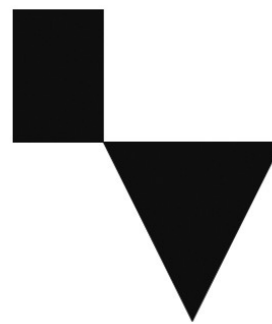
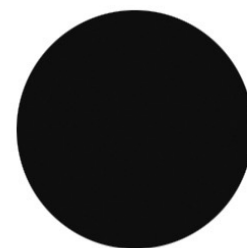
Pro-Posições: capa de livro científico



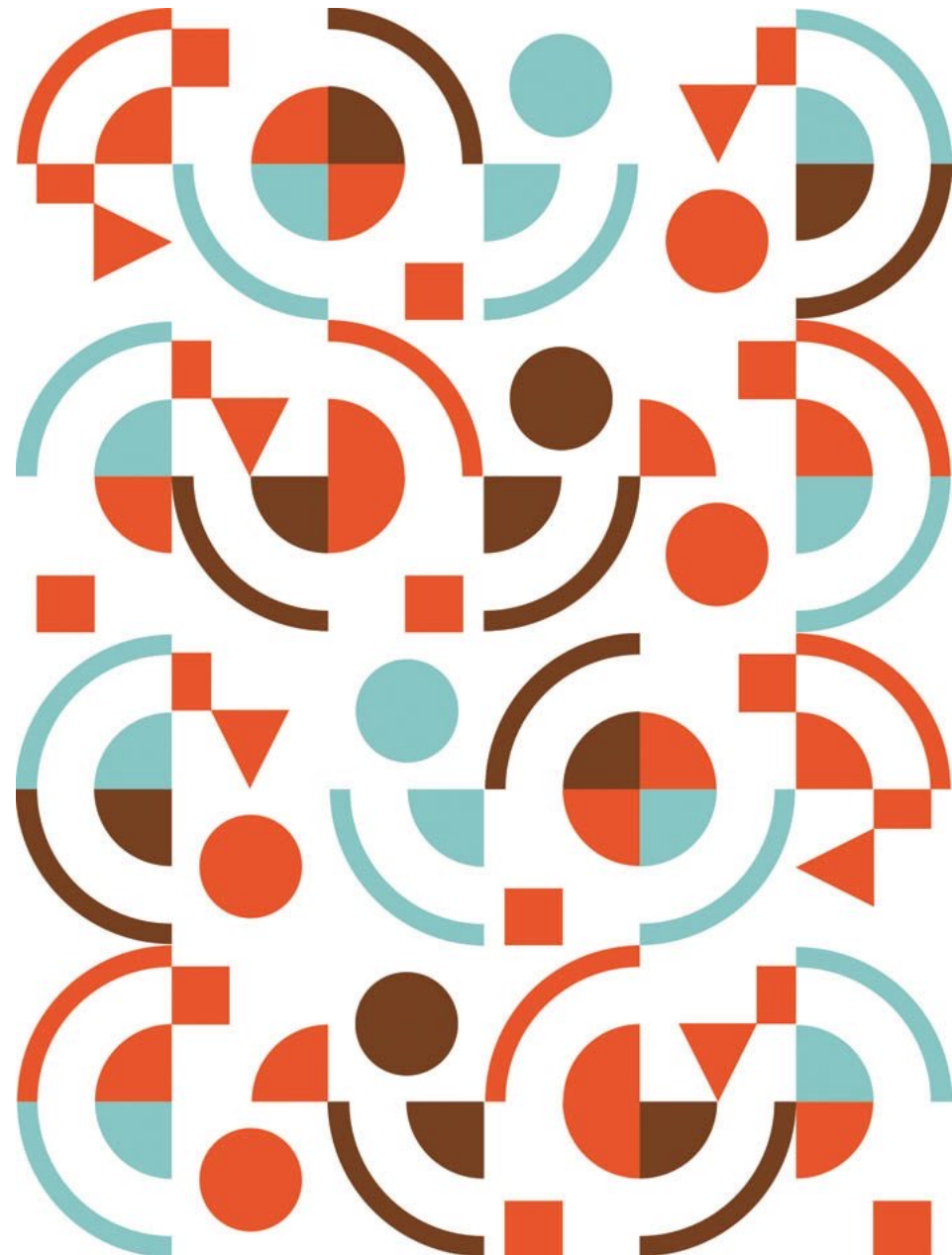
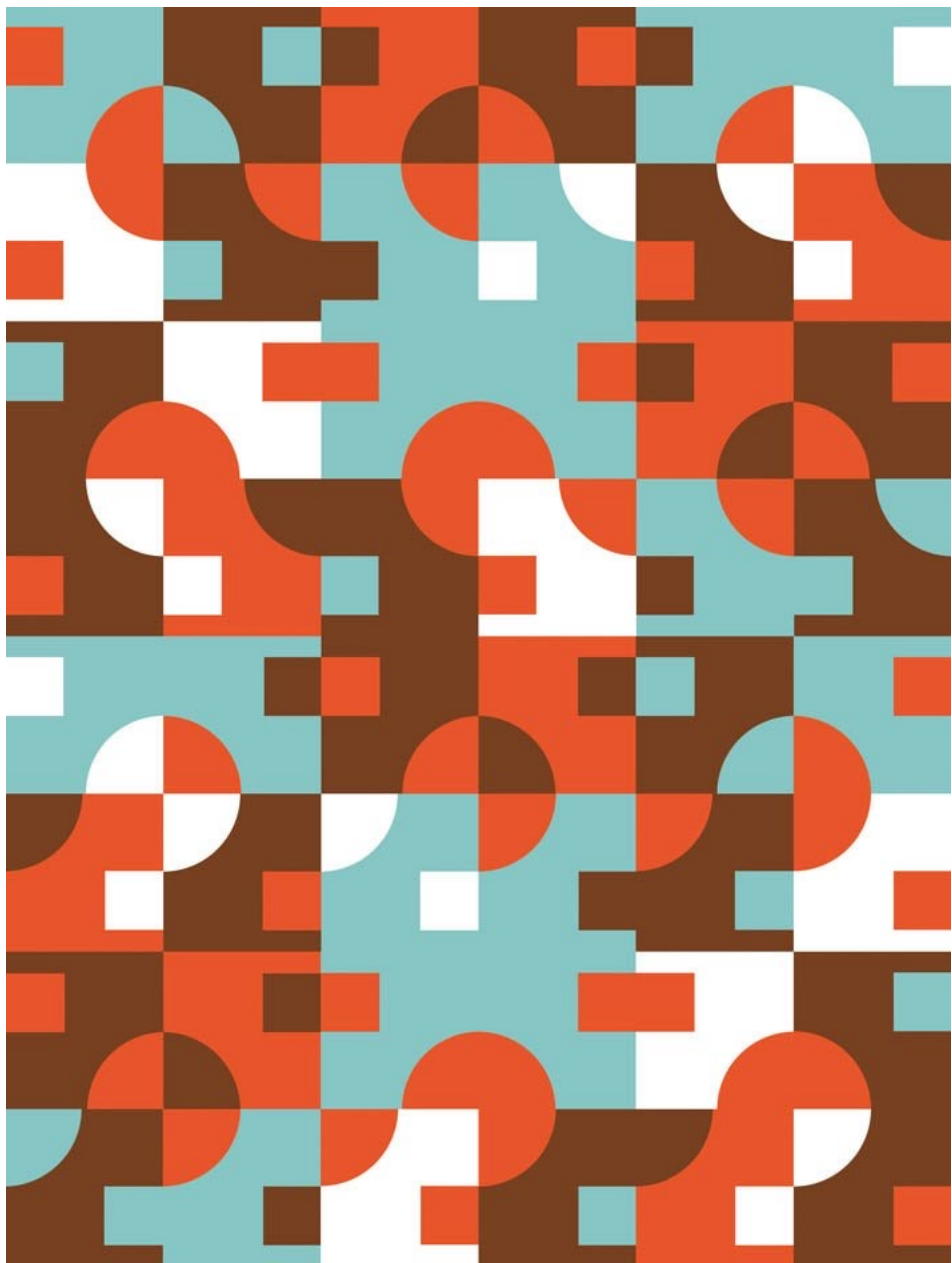
Pro-Posições: publicação científica quadrimestral da Faculdade de Educação da UNICAMP, projeto gráfico de Carol Grespan e Daniel Bueno, 2012.



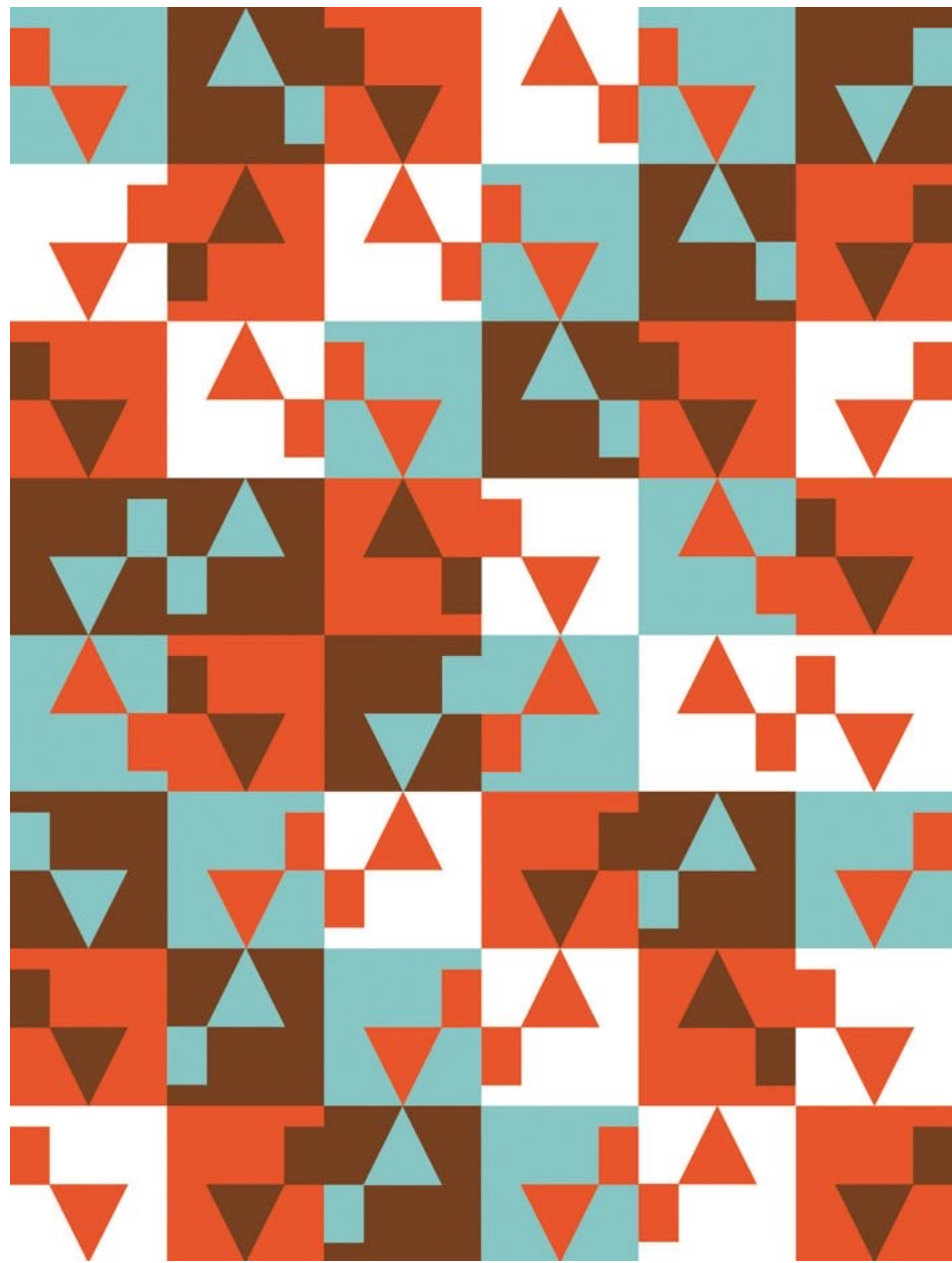
Com o intuito de trabalhar a identidade visual com padrões geométricos que seriam combinados de modos variados (pelos próprios ilustradores ou por outras pessoas da revista), foi iniciado um primeiro passo: a pesquisa de referências.



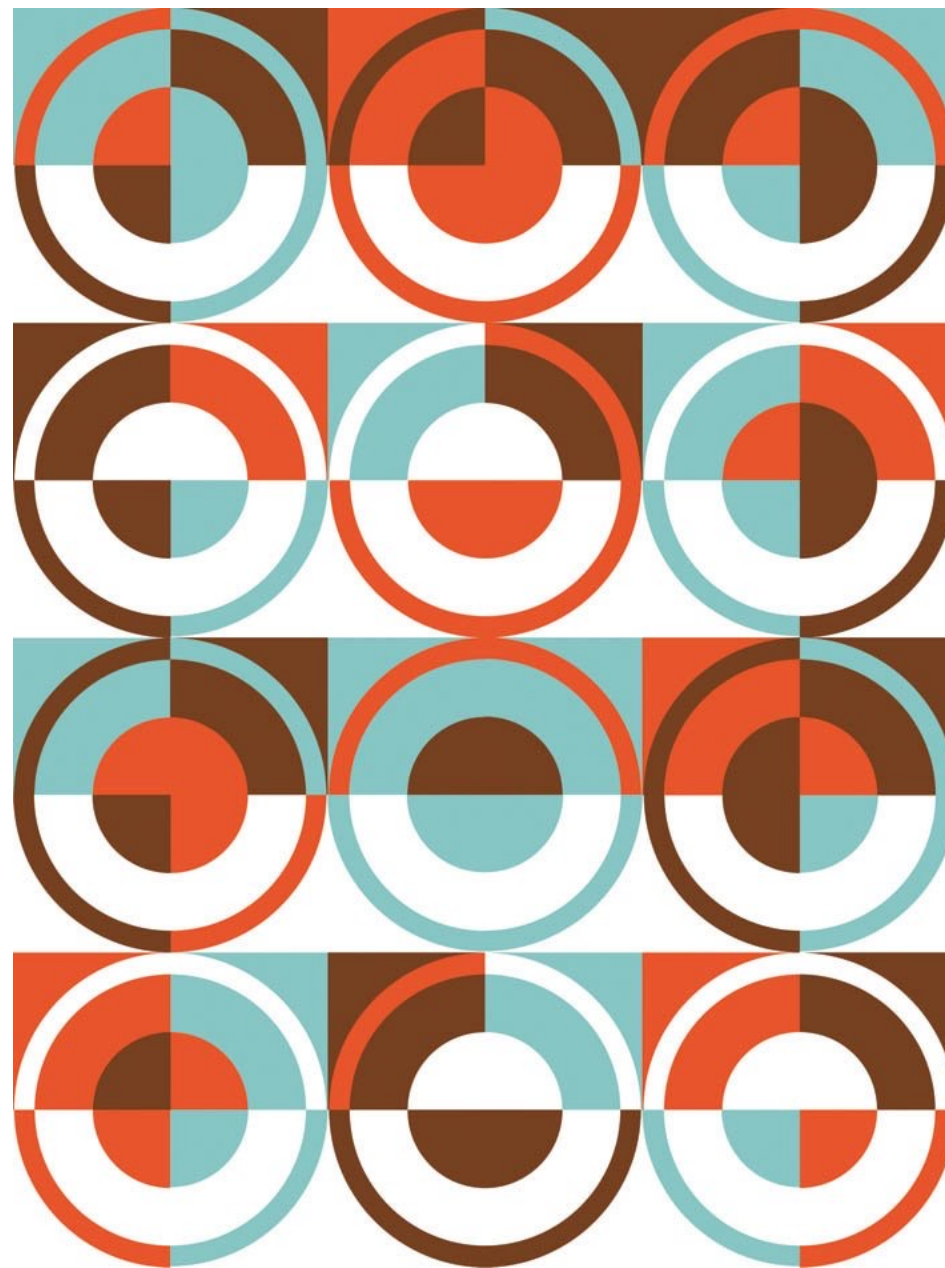
Módulos escolhidos para a
geração das composições.



Testes de
composições
para capas.



Testes de
composições
para capas.



Testes de
composições
para capas.



Arquivo enviado para o cliente com os testes de ilustração inseridos na diagramação da capa.

pro·posições



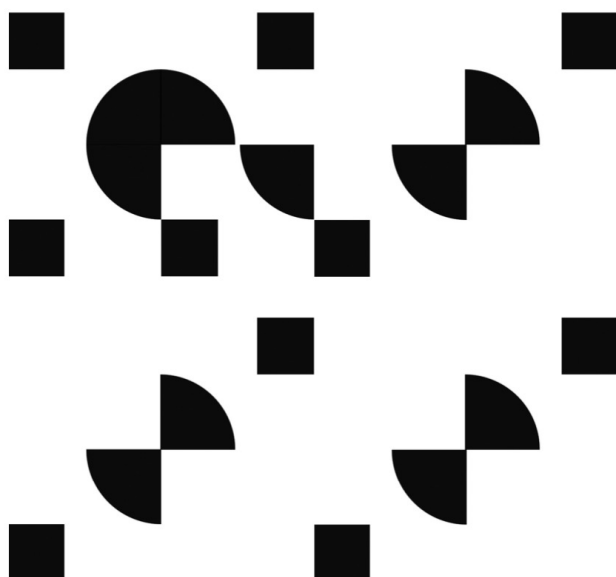
ISSN: 0103-7307

Arquivo enviado para o cliente com a diagramação de toda a primeira edição da publicação.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CIDADE E POBREZA

pro·posições





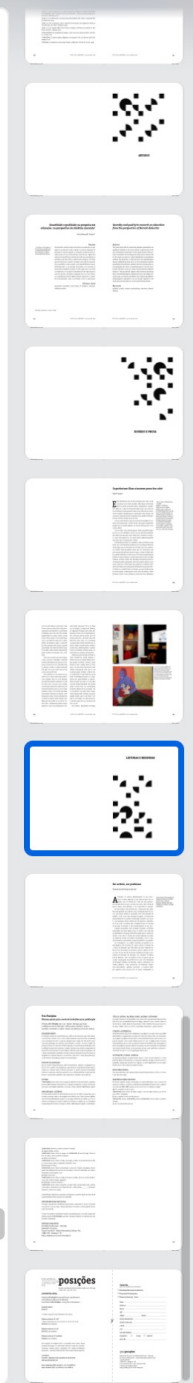
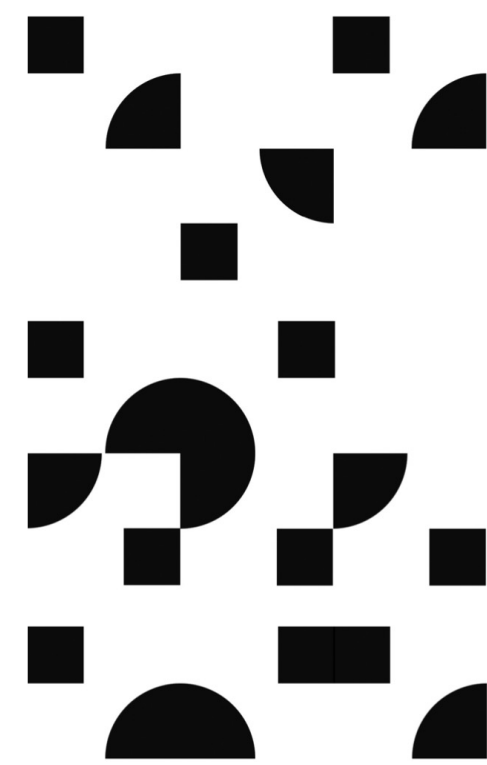
ARTIGOS



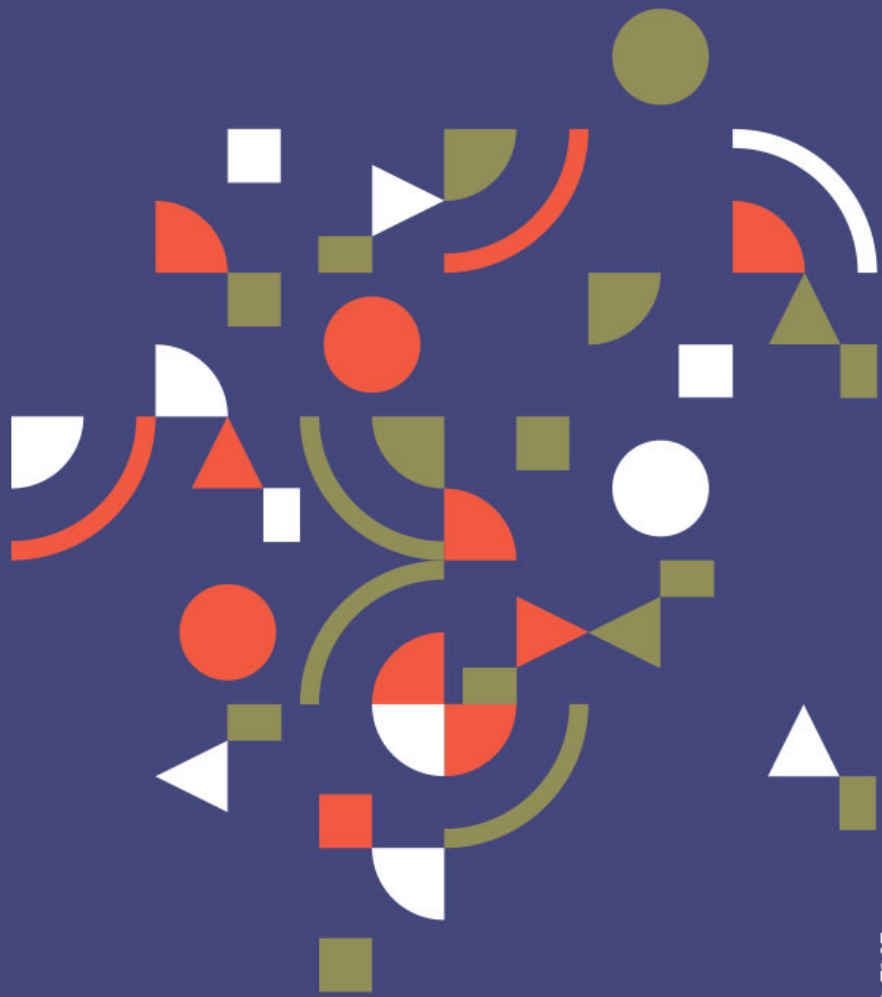
Foram idealizadas composições diferentes para cada abertura, sempre baseadas na ilustração da capa.



LEITURAS E RESENHAS



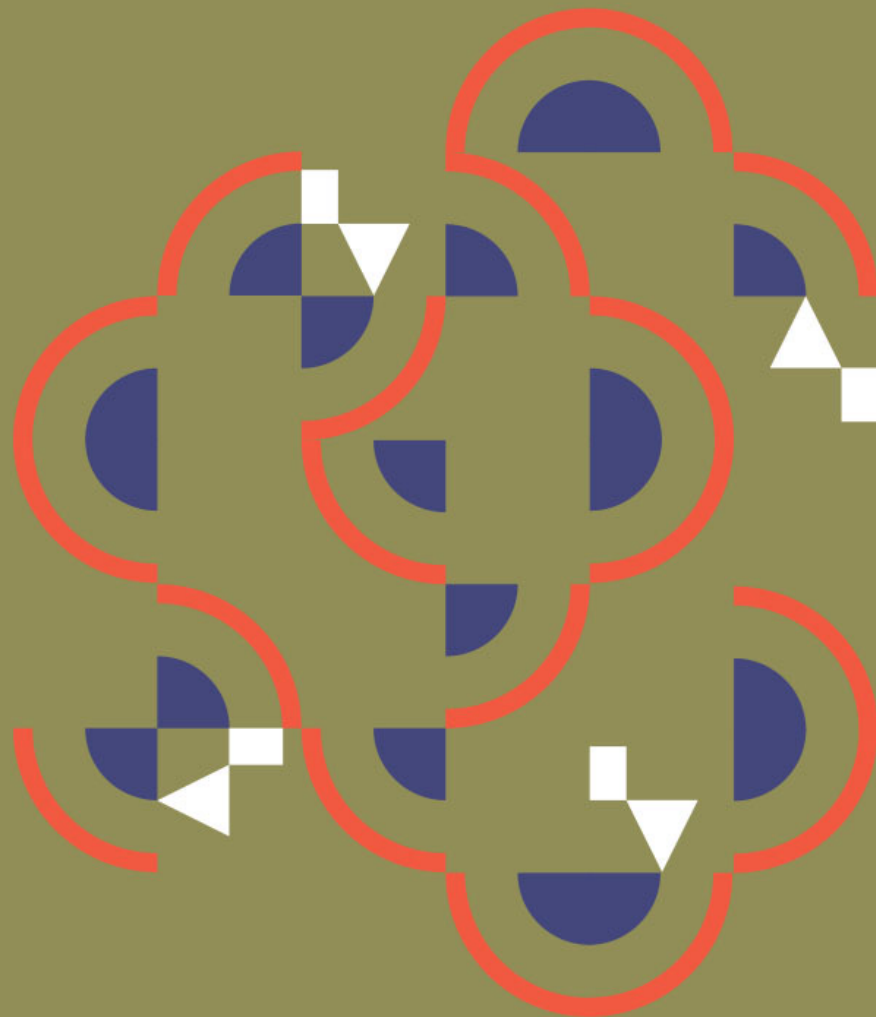
pro·posições



DOSSIÊ ENTRE SABERES E PRÁTICAS DOCENTES

ISSN: 0103-7307

pro·posições



DOSSIÊ "PAULO FREIRE E
O DEBATE EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO"

ISSN: 0103-7307

Algumas
capas da
publicação.

Ilustração de Livro Didático

Os trabalhos de ilustração para livros didáticos costumam apresentar algumas características:

- De modo geral, a quantidade de ilustrações e ritmo de trabalho tendem a ser altos.
- Há variedade de formato de ilustrações, mas predominam as vinhetas.

Ilustração de Livro Didático

- O processo criativo é um pouco mais impessoal, pautado por uma dinâmica de produção mediada por uma **plataforma na internet** (ex: Vulcano) que recebe os desenhos e controla o fluxo das ilustrações, dos rascunhos até a arte final.

Após cada ilustração postada, profissionais avaliam o trabalho e podem pedir ajustes ou aprovar a imagem.

- De modo geral as propostas tendem a ser um pouco mais conservadoras e envolver um direcionamento grande por parte dos designers/cliente, mas isso pode ser negociado.

PROCESSO CRIATIVO: DIDÁTICO

Livro: “Entre Linhas e Pontos”, uma publicação da Fundação Getúlio Vargas / FGV

Cliente: Editora do Brasil

Quantidade de Ilustrações: 21

Prazo: curto

Estilo: vetorial com cores chapadas e paleta reduzida

Tamanho: variado, mas tendendo à vinheta

Entre Linhas e Pontos



Ilustração de Daniel Bueno
publicada no livro didático “Entre
Linhas e Pontos”, FGV / Editora do
Brasil, 2013.

Apesar de já estar em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009, o Novo Acordo Ortográfico ainda não é utilizado em todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como podemos perceber na reportagem a seguir.

Vasco da Graça Moura explica a polêmica com o novo Acordo Ortográfico

[FGP1085] Ilustrar mapa mundi destacando os países da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa). São eles: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. O mapa pode ser estilizado, lúdico. O importante é que os países da CPLP apareçam e que estejam devidamente identificados.

Escritor e presidente do Centro Cultural de Belém argumenta que “quem comete a ilegalidade é quem está a aplicar o acordo”.

O poeta Vasco Graça Moura é uma das mais agudas vozes contra o Acordo Ortográfico em Portugal. Na presidência do Centro Cultural de Belém desde janeiro de 2012, ele ordenou que todos os corretores ortográficos fossem retirados da instituição. Portugal começou a adotar oficialmente o acordo este ano, mas, na prática, Graça Moura tem a seu favor até 31 de dezembro de 2014, quando termina o prazo de transição de uma ortografia para outra. O escritor, entretanto, não parece disposto a mudar sua posição tão facilmente, pois, além de discordar das novas regras, afirma que sua vigência é ilegal. Apesar disso, ele ataca a visão de uma língua pura, acusando Brasil e Portugal de terem ignorado os outros países de língua portuguesa na elaboração do acordo. Seguindo o pedido do escritor, a entrevista abaixo mantém a grafia anterior ao acordo.

O senhor já afirmou que o acordo ortográfico é um “crime contra a língua portuguesa”, “desfigurador” da língua. Poderia especificar quais são os principais problemas do acordo que configuram o que chama de crime?

Se o acordo fosse adoptado, em menos de uma geração a pronúncia de muitas palavras ficaria desfigurada em Portugal e nos países em que ela é falada, com excepção do Brasil. Todo o sistema de abertura das vogais que antecede, na grafia actual, as impropriamente chamadas consoantes mudas, seria afectado. Para dar um exemplo, a palavra adopção, se fosse escrita adoção, passaria a ler-se adução, aumentando as ambiguidades e gerando equívocos, pois uma coisa é o verbo adoptar e outra o verbo **aduzir**. Por outro lado, introduzir a regra da facultatividade da grafia em certos casos introduz uma desorganização caótica da maneira de escrever. Isso também é um crime. E, para não falar das confusões induzidas pelas regras relativas ao uso de maiúsculas e ao emprego do hífen, acho que no acordo também se cometeu, por omissão, um crime neo-colonialista, uma vez que não se criaram regras para a grafia de vocábulos das línguas africanas que foram ou venham a ser incorporados no português. Portugal e o Brasil puseram e dispuseram a seu bel-prazer e convenceram os representantes dos outros países a assinar praticamente de cruz.

Quando não adotou o acordo no Centro Cultural de Belém, o senhor afirmou que não cometia uma ilegalidade porque o documento não está em vigor. Mas ele

Apesar de já estar em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009, o Novo Acordo Ortográfico ainda não é utilizado em todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como podemos perceber na reportagem a seguir.

Vasco da Graça Moura explica a polêmica com o novo Acordo Ortográfico



Escritor e presidente do Centro Cultural de Belém argumenta que “quem comete a ilegalidade é quem está a aplicar o acordo”.

O poeta Vasco Graça Moura é uma das mais agudas vozes contra o Acordo Ortográfico em Portugal. Na presidência do Centro Cultural de Belém desde janeiro de 2012, ele ordenou que todos os corretores ortográficos fossem retirados da instituição. Portugal começou a adotar oficialmente o acordo este ano, mas, na prática, Graça Moura tem a seu favor até 31 de dezembro de 2014, quando termina o prazo de transição de uma ortografia para outra. O escritor, entretanto, não parece disposto a mudar sua posição tão facilmente, pois, além de discordar das novas regras, afirma que sua vigência é ilegal. Apesar disso, ele ataca a visão de uma língua pura, acusando Brasil e Portugal de terem ignorado os outros países de língua portuguesa na elaboração do acordo. Seguindo o pedido do escritor, a entrevista abaixo mantém a grafia anterior ao acordo.

O senhor já afirmou que o acordo ortográfico é um “crime contra a língua portuguesa”, “desfigurador” da língua. Poderia especificar quais são os principais problemas do acordo que configuram o que chama de crime?

Se o acordo fosse adoptado, em menos de uma geração a pronúncia de muitas palavras ficaria desfigurada em Portugal e nos países em que ela é falada, com excepção do Brasil. Todo o sistema de abertura das vogais que antecede, na grafia actual, as impropriamente chamadas consoantes mudas, seria afectado. Para dar um exemplo, a palavra adopção, se fosse escrita adoção, passaria a ler-se adução, aumentando as ambiguidades e gerando equívocos, pois uma coisa é o verbo adoptar e outra o verbo **aduzir**. Por outro lado, introduzir a regra da facultatividade da grafia em certos casos introduz uma desorganização caótica da maneira de escrever. Isso também é um crime. E, para não falar das confusões induzidas pelas regras relativas ao uso de maiúsculas e ao emprego do hífen, acho que no acordo também se cometeu, por omissão, um crime neo-colonialista, uma vez que não se criaram regras para a grafia de vocábulos das línguas africanas que foram ou venham a ser incorporados no português. Portugal e o Brasil puseram e dispuseram a seu bel-prazer e convenceram os representantes dos outros países a assinar praticamente de cruz.

Quando não adotou o acordo no Centro Cultural de Belém, o senhor afirmou que não cometia uma ilegalidade porque o documento não está em vigor. Mas ele



8 Língua Portuguesa

FGP1085_XXX_LP_CAP10.indd 8

SECRETARIA DE GESTÃO
ARTE E EDITORAÇÃO

PNLD 2015 - FGV LINGUA PORTUGUESA
COLEÇÃO ENTRE LINHAS E PONTOS - VOLUME 1

☐ COM ALTERAÇÕES
☐ SEM ALTERAÇÕES

visto

1ª PROVA
N-Publicações

1/16/13 8:01 AM



8 Língua Portuguesa

FGP1085_XXX_LP_CAP10.indd 8

SECRETARIA DE GESTÃO
ARTE E EDITORAÇÃO

PNLD 2015 - FGV LINGUA PORTUGUESA
COLEÇÃO ENTRE LINHAS E PONTOS - VOLUME 1

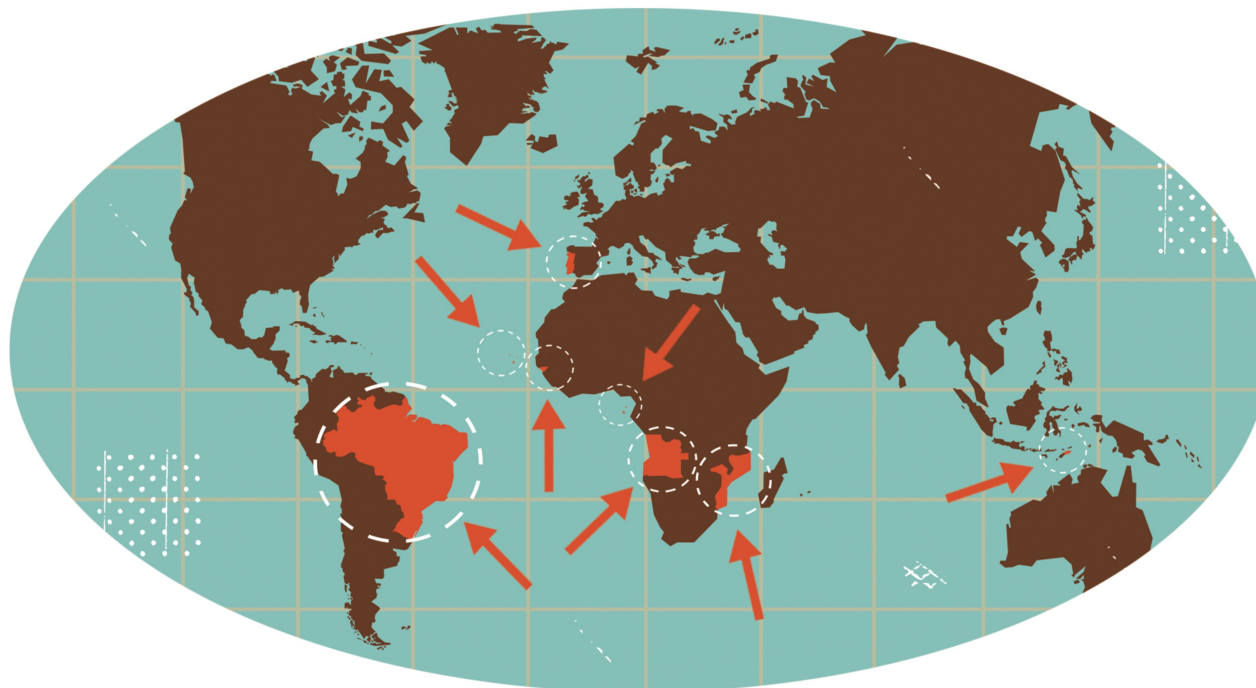
☐ COM ALTERAÇÕES
☐ SEM ALTERAÇÕES

visto

1ª PROVA
N-Publicações

1/16/13 8:01 AM

Ao lado, página diagramada com orientações para o ilustrador. Apesar da sugestão para um mapa “lúdico”, a primeira versão surge um tanto “séria”.



Acima, a ilustração em sua primeira versão finalizada. Os pontos importantes aparecem demarcados em vermelho, com flechas e um círculo tracejado.

Ao lado, a ilustração inserida na página diagramada. Foi efetuado um recorte com contorno oval para deixar a ilustração mais leve.

Contexto

Apesar de já estar em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009, o Novo Acordo Ortográfico ainda não é utilizado em todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como podemos perceber na reportagem a seguir.

Vasco da Graça Moura explica a polêmica com o novo Acordo Ortográfico

Conteúdo



Escritor e presidente do Centro Cultural de Belém argumenta que "quem comete a ilegalidade é quem está a aplicar o acordo".

O poeta Vasco Graça Moura é uma das mais agudas vozes contra o Acordo Ortográfico em Portugal. Na presidência do Centro Cultural de Belém desde janeiro de 2012, ele ordenou que todos os corretores ortográficos fossem retirados da instituição. Portugal começou a adotar oficialmente o acordo este ano, mas, na prática, Graça Moura tem a seu favor até 31 de dezembro de 2014, quando termina o prazo de transição de uma ortografia para outra. O escritor, entretanto, não parece disposto a mudar sua posição tão facilmente, pois, além de discordar das novas regras, afirma que sua vigência é ilegal. Apesar disso, ele ataca a visão de uma língua pura, acusando Brasil e Portugal de terem ignorado os outros países de língua portuguesa na elaboração do acordo. Seguindo o pedido do escritor, a entrevista abaixo mantém a grafia anterior ao acordo.

O senhor já afirmou que o acordo ortográfico é um "crime contra a língua portuguesa", "desfigurador" da língua. Poderia especificar quais são os principais problemas do acordo que configuram o que chama de crime?

Se o acordo fosse adoptado, em menos de uma geração a pronúncia de muitas palavras ficaria desfigurada em Portugal e nos países em que ela é falada, com excepção do Brasil. Todo o sistema de abertura das vogais que antecede, na grafia actual, as imprópriamente chamadas consoantes mudas, seria afectado. Para dar um exemplo, a palavra adopção, se fosse escrita adopção, passaria a ler-se adução, aumentando as ambiguidades e gerando equívocos, pois uma coisa é o verbo adoptar e outra o verbo aduzir. Por outro lado, introduzir a regra da facultatividade da grafia em certos casos introduz uma desorganização caótica da maneira de escrever. Isso também é um crime. E, para não falar das confusões induzidas pelas regras relativas ao uso de maiúsculas e ao emprego do hífen, acho que no acordo também se cometeu, por omissão, um crime neo-colonialista, uma vez que não se criaram regras para a grafia de vocábulos das línguas africanas que foram ou venham a ser incorporados no português. Portugal e o Brasil puseram e dispuseram a seu bel-prazer e convenceram os representantes dos outros países a assinar praticamente de cruz.

Quando não adotou o acordo no Centro Cultural de Belém, o senhor afirmou que não cometia uma ilegalidade porque o documento não está em vigor. Mas ele



Apesar de já estar em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009, o Novo Acordo Ortográfico ainda não é utilizado em todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como podemos perceber na reportagem a seguir.

Vasco da Graça Moura explica a polêmica com o novo Acordo Ortográfico



Escritor e presidente do Centro Cultural de Belém argumenta que “quem comete a ilegalidade é quem está a aplicar o acordo”.

O poeta Vasco Graça Moura é uma das mais agudas vozes contra o Acordo Ortográfico em Portugal. Na presidência do Centro Cultural de Belém desde janeiro de 2012, ele ordenou que todos os corretores ortográficos fossem retirados da instituição. Portugal começou a adotar oficialmente o acordo este ano, mas, na prática, Graça Moura tem a seu favor até 31 de dezembro de 2014, quando termina o prazo de transição de uma ortografia para outra. O escritor, entretanto, não parece disposto a mudar sua posição tão facilmente, pois, além de discordar das novas regras, afirma que sua vigência é ilegal. Apesar disso, ele ataca a visão de uma língua pura, acusando Brasil e Portugal de terem ignorado os outros países de língua portuguesa na elaboração do acordo. Seguindo o pedido do escritor, a entrevista abaixo mantém a grafia anterior ao acordo.

O senhor já afirmou que o acordo ortográfico é um “crime contra a língua portuguesa”, “desfigurador” da língua. Poderia especificar quais são os principais problemas do acordo que configuram o que chama de crime?

Se o acordo fosse adotado, em menos de uma geração a pronúncia de muitas palavras ficaria desfigurada em Portugal e nos países em que ela é falada, com exceção do Brasil. Todo o sistema de abertura das vogais que antecede, na grafia actual, as imprópriamente chamadas consoantes mudas, seria afectado. Para dar um exemplo, a palavra adopção, se fosse escrita adoção, passaria a ler-se adução, aumentando as ambiguidades e gerando equívocos, pois uma coisa é o verbo adoptar e outra o verbo **aduzir**. Por outro lado, introduzir a regra da facultatividade da grafia em certos casos introduz uma desorganização caótica da maneira de escrever. Isso também é um crime. E, para não falar das confusões induzidas pelas regras relativas ao uso de maiúsculas e ao emprego do hífen, acho que no acordo também se cometeu, por omissão, um crime neo-colonialista, uma vez que não se criaram regras para a grafia de vocábulos das línguas africanas que foram ou venham a ser incorporados no português. Portugal e o Brasil puseram e dispuseram a seu bel-prazer e convenceram os representantes dos outros países a assinar praticamente de cruz.

Quando não adotou o acordo no Centro Cultural de Belém, o senhor afirmou que não cometia uma ilegalidade porque o documento não está em vigor. Mas ele



Num segundo momento aconteceu novo briefing com pedido de ajustes. Nesse caso, foram adicionadas figuras como animais e coqueiros para conferir ar mais lúdico.

Ao lado, a ilustração finalizada.

01 Comunicação e linguagem



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- identifique, no processo de comunicação, a marca essencial de nossa humanidade;
- compreenda que a comunicação ocorre na interação entre duas ou mais pessoas;
- perceba que a comunicação pode-se dar por meio de outras linguagens, além da verbal.



Texto: Uma ideia toda azul

Marina Colasanti

Neste capítulo, falaremos sobre o papel da linguagem, e, para que você possa entender a importância da comunicação em nossa vida, leia o texto a seguir. Ele apresenta a história de um rei que teve uma ideia e resolveu trancafiá-la para não dividi-la com mais ninguém. Esta narrativa traz importantes elementos para a reflexão sobre o processo de comunicação como troca de sentidos compartilhados.

Um dia o rei teve uma ideia.

Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela ideia azul, que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda ideia dele toda azul.

Brincaram até o Rei adormecer encostado numa árvore.

Foi acordar tateando a coroa e procurando a ideia, para perceber o perigo. Sozinha no seu

[FGP1295] Ilustrar de maneira diferenciada o texto "Uma ideia toda azul", de Marina Colasanti. O ilustrador deve se inspirar, principalmente, no 8º parágrafo do texto, em que o narrado descreve a cena do rei colocando a ideia para repousar na sala do sono.



Ao lado, página diagramada com orientações para o ilustrador. O formato da ilustração acaba sendo um desafio extra. Acima, rascunho inicial.



01 Comunicação e linguagem



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- identifique, no processo de comunicação, a marca essencial de nossa humanidade;
- compreenda que a comunicação ocorre na interação entre duas ou mais pessoas;
- perceba que a comunicação pode-se dar por meio de outras linguagens, além da verbal.



Texto: Uma ideia toda azul

Marina Colasanti

Neste capítulo, falaremos sobre o papel da linguagem, e, para que você possa entender a importância da comunicação em nossa vida, leia o texto a seguir. Ele apresenta a história de um rei que teve uma ideia e resolveu trancafia-la para não dividi-la com mais ninguém. Esta narrativa traz importantes elementos para a reflexão sobre o processo de comunicação como troca de sentidos compartilhados.

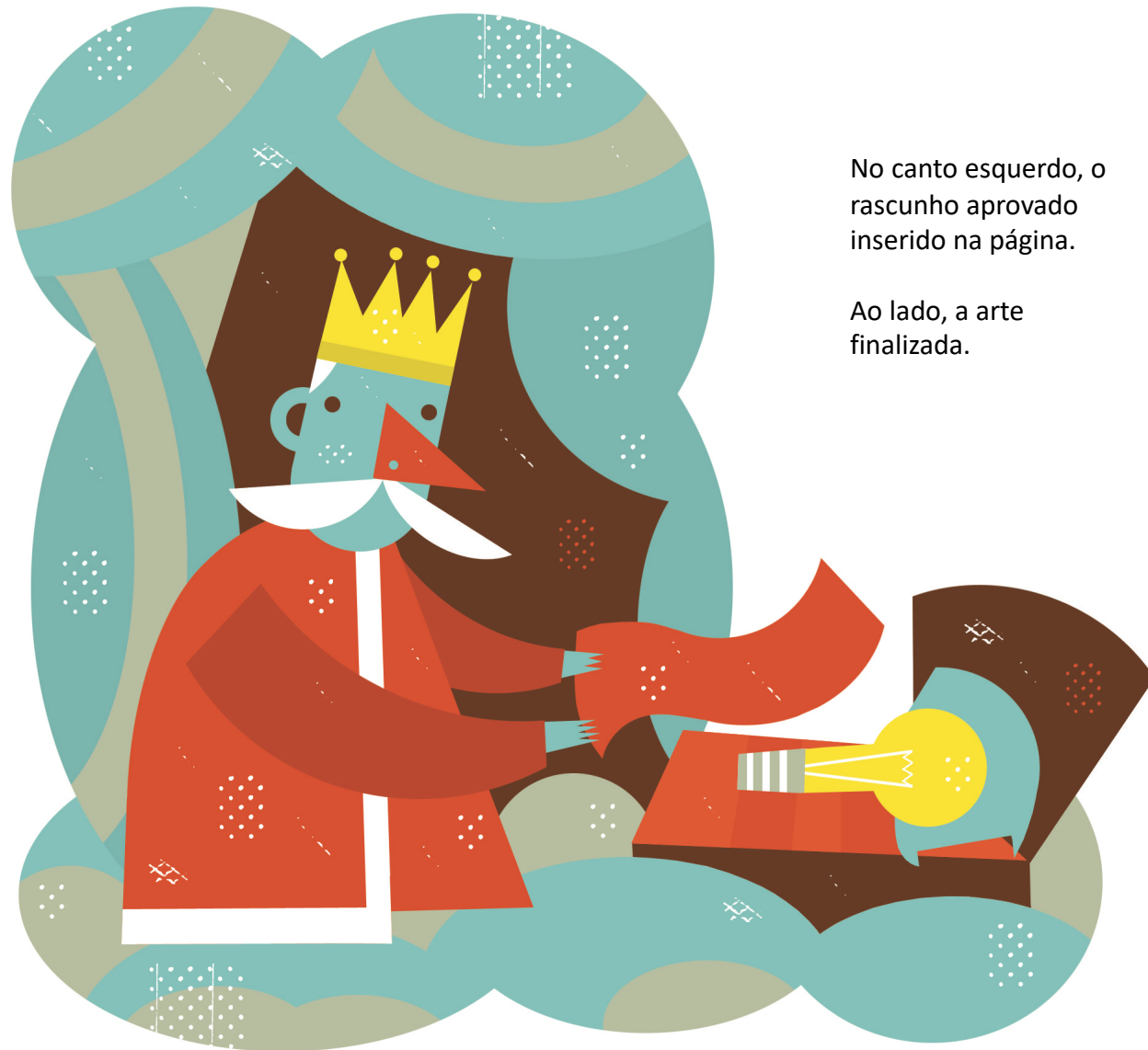


Um dia o rei teve uma ideia.

Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela ideia azul, que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda ideia dele toda azul.

Brincaram até o Rei adormecer encostado numa árvore.

Foi acordar tateando a coroa e procurando a ideia, para perceber o perigo. Sozinha no seu



No canto esquerdo, o rascunho aprovado inserido na página.

Ao lado, a arte finalizada.

07 Acentuação Gráfica II



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- reconheça as circunstâncias em que o acento diferencial deve ser utilizado, segundo a variedade culta da língua;
- identifique as situações de dupla possibilidade no uso de acento gráfico segundo as diferentes possibilidades de pronúncia de palavras da língua;
- identifique quando utilizar ou não os acentos gráficos na acentuação tônica de formas verbais em ênclise com pronomes átonos, ditongos abertos, bem como i e u em hiato.
- reconheça a sílaba tônica de algumas palavras que provocam problemas de prosódia na língua.



Texto: A ilegível caligrafia da vida

Moacyr Scliar

Neste capítulo, continuaremos o estudo da acentuação gráfica na língua portuguesa, um dos elementos distintivos de nossa ortografia. A palavra ortografia, como você já sabe, vem do grego e é formada pela junção de dois radicais: orthós, que significa "direito", e graphê, o mesmo que "escrita". Já a palavra caligrafia também vem do grego – de kalós, que significa "belo", e também de graphê. Ambas as palavras, pois, no âmbito da língua, juntam-se à ideia de escrever bem. Vamos ler o texto a seguir, de Moacyr Scliar, que se usa a caligrafia como metáfora para a vida.

[FGP1330] Ilustrar de maneira diferenciada o texto "A ilegível caligrafia da vida", de Moacyr Scliar. O ilustrador deve se inspirar no parágrafo em que o narrador descreve o casal e no parágrafo em que o narrador descreve a reação da esposa ao receber a carta de reconciliação do marido. É importante que o antes e depois da caligrafia do médico aparece, de alguma maneira, na ilustração.

"Gostaria de que o ministro da Saúde, José Serra, exigisse dos senhores médicos a prescrição de receitas escritas a máquina, pois existem receitas ininteligíveis."

Panel do Lector (Alegrette Danon Schubsky. 1º out. 2001)

Aparentemente, o casamento tinha tudo para dar certo. Eram pessoas charmosas, elegantes, cultas. E bem-sucedidas: ele, médico famoso; ela, professora universitária, com doutorado na França e livros publicados.



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing. Sugestões de ideias e direcionamentos consideráveis são comuns no contexto dos livros didáticos – isso acontece mais nesse meio do que em trabalhos pra livros e revistas.

07 Acentuação Gráfica II



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

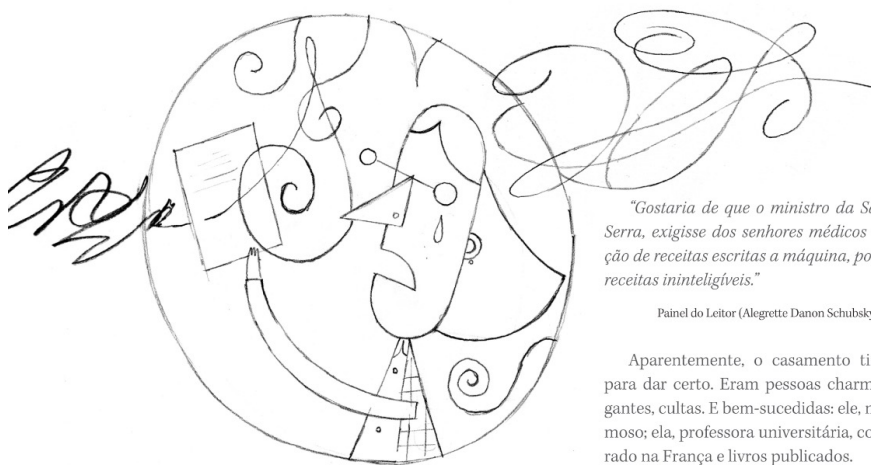
- reconheça as circunstâncias em que o acento diferencial deve ser utilizado, segundo a variedade culta da língua;
- identifique as situações de dupla possibilidade no uso de acento gráfico segundo as diferentes possibilidades de pronúncia de palavras da língua;
- identifique quando utilizar ou não os acentos gráficos na acentuação tônica de formas verbais em ênclise com pronomes átonos, ditongos abertos, bem como i e u em hiato.
- reconheça a sílaba tônica de algumas palavras que provocam problemas de prosódia na língua.



Texto: A ilegível caligrafia da vida

Moacyr Scliar

Neste capítulo, continuaremos o estudo da acentuação gráfica na língua portuguesa, um dos elementos distintivos de nossa ortografia. A palavra *ortografia*, como você já sabe, vem do grego e é formada pela junção de dois radicais: *orthós*, que significa “direito”, e *graphé*, o mesmo que “escrita”. Já a palavra *caligrafia* também vem do grego – de *kalós*, que significa “belo”, e também de *graphé*. Ambas as palavras, pois, no âmbito da língua, juntam-se à ideia de escrever bem. Vamos ler o texto a seguir, de Moacyr Scliar, que se usa a caligrafia como metáfora para a vida.



“Gostaria de que o ministro da Saúde, José Serra, exigisse dos senhores médicos a prescrição de receitas escritas a máquina, pois existem receitas ininteligíveis.”

Painel do Leitor (Alegrette Danon Schubsky, 1º out. 2001)

Aparentemente, o casamento tinha tudo para dar certo. Eram pessoas charmosas, elegantes, cultas. E bem-sucedidas: ele, médico famoso; ela, professora universitária, com doutorado na França e livros publicados.



Ao lado, página com rascunho aprovado inserido.
Acima, a arte finalizada.



04 Elementos do ato de comunicação



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- diferencie o processo de produção do de recepção de mensagens;
- identifique os elementos que constituem o ato comunicativo;
- entenda como podemos nos comunicar de forma mais eficaz.



Texto: Em código

Fernando Sabino

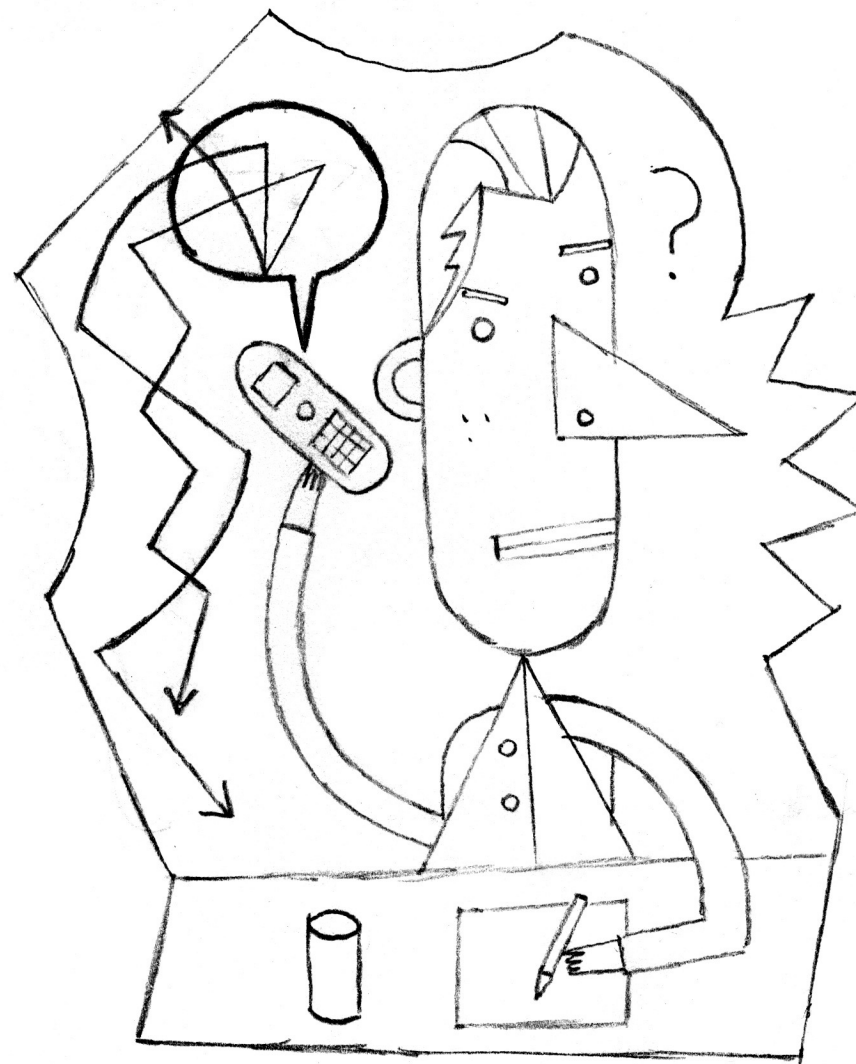
Problemas de comunicação não são raros. Em cada célula de nossa sociedade, o sucesso de nossas relações de trabalho, afetivas e familiares depende, essencialmente, da eficácia dos processos de comunicação, pelos quais procuramos compreender e sermos compreendidos. Tendo em mente tais considerações, leia o texto a seguir.

[FGP1316] Ilustrar de maneira diferenciada o texto "Em código", de Fernando Sabino. O ilustrador pode se basear na figura do próprio Fernando Sabino para compor a ilustração. Ele deve estar atendendo ao telefone e tomando nota das frases passadas pelo irmão. Suas feições devem estar de acordo com o que é descrito na crônica.

Fui chamado ao telefone. Era o chefe de escritório de meu irmão:

- Recebi de Belo Horizonte um recado dele para o senhor. É uma mensagem meio esquisita, com vários itens, convém tomar nota: o senhor tem um lápis aí?
- Tenho. Pode começar.
- Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa de uma nora.
- Precisa de quê?
- De uma nora.
- Que história é essa?
- Eu estou dizendo ao senhor que é um recado meio esquisito. Posso continuar?
- Continue.
- Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro: não chora, morena, que eu volto.
- Isso é alguma brincadeira.
- Não é não, estou repetindo o que ele escreveu. Tem mais. Quarto: sou amarelo, mas não **opilado**. Tomou nota?
- Mas não opilado - repeti, tomando nota.
- Que diabo ele pretende com isso?
- Não sei não, senhor. Mandou transmitir o recado, estou transmitindo.

1316



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing. Acima, o rascunho. Reparem que algumas sugestões não foram consideradas, como desenhar Fernando Sabino.

04 Elementos do ato de comunicação



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

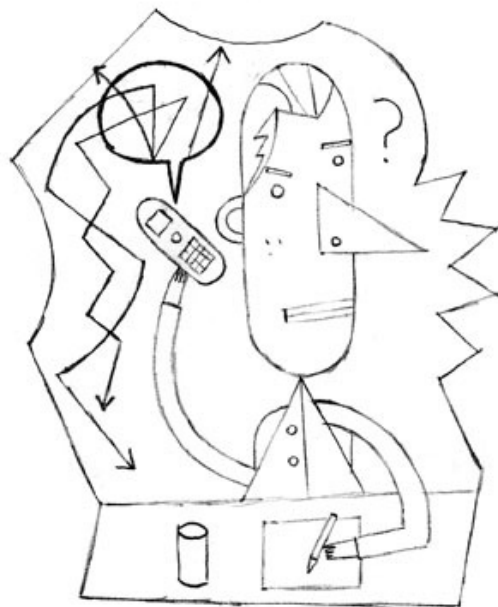
- diferencie o processo de produção do de recepção de mensagens;
- identifique os elementos que constituem o ato comunicativo;
- entenda como podemos nos comunicar de forma mais eficaz.



Texto: Em código

Fernando Sabino

Problemas de comunicação não são raros. Em cada célula de nossa sociedade, o sucesso de nossas relações de trabalho, afetivas e familiares depende, essencialmente, da eficácia dos processos de comunicação, pelos quais procuramos compreender e sermos compreendidos. Tendo em mente tais considerações, leia o texto a seguir.



Fui chamado ao telefone. Era o chefe de escritório de meu irmão:

- Recebi de Belo Horizonte um recado dele para o senhor. É uma mensagem meio esquisita, com vários itens, convém tomar nota: o senhor tem um lápis aí?
- Tenho. Pode começar.
- Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa de uma nora.
- Precisa de quê?
- De uma nora.
- Que história é essa?
- Eu estou dizendo ao senhor que é um recado meio esquisito. Posso continuar?
- Continue.
- Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro: não chora, morena, que eu volto.
- Isso é alguma brincadeira.
- Não é não, estou repetindo o que ele escreveu. Tem mais. Quarto: sou amarelo, mas não **opilado**. Tomou nota?
- Mas não opilado - repeti, tomando nota.
- Que diabo ele pretende com isso?
- Não sei não, senhor. Mandou transmitir o recado, estou transmitindo.



No canto esquerdo, página com rascunho aprovado inserido. Ao lado, a arte finalizada.



2 Língua Portuguesa

PNLD 2015 - FGV LINGUA PORTUGUESA

EDITORIA DE TRAJASTE
ARTE E EDITORAÇÃO

PNLD 2015 - FGV LINGUA PORTUGUESA
COLEÇÃO ENTRE LINHAS E PONTOS - VOLUME 1

COM ALTERAÇÕES
SEM ALTERAÇÕES

visto

1ª PROVA
N-Publicações

1/16/13 7:59 AM

05 Relação entre oralidade e escrita – fonemas e letras



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- seja capaz de distinguir os conceitos de fonema e letra, identificando diferentes características da palavra falada e da escrita;
- identifique os diferentes tipos de fonemas vocálicos, semivocálicos e consonantais;
- identifique as diferentes combinações entre os diversos tipos de fonemas;
- reconheça o conceito de sílaba e saiba aplicar os pressupostos da silabação.



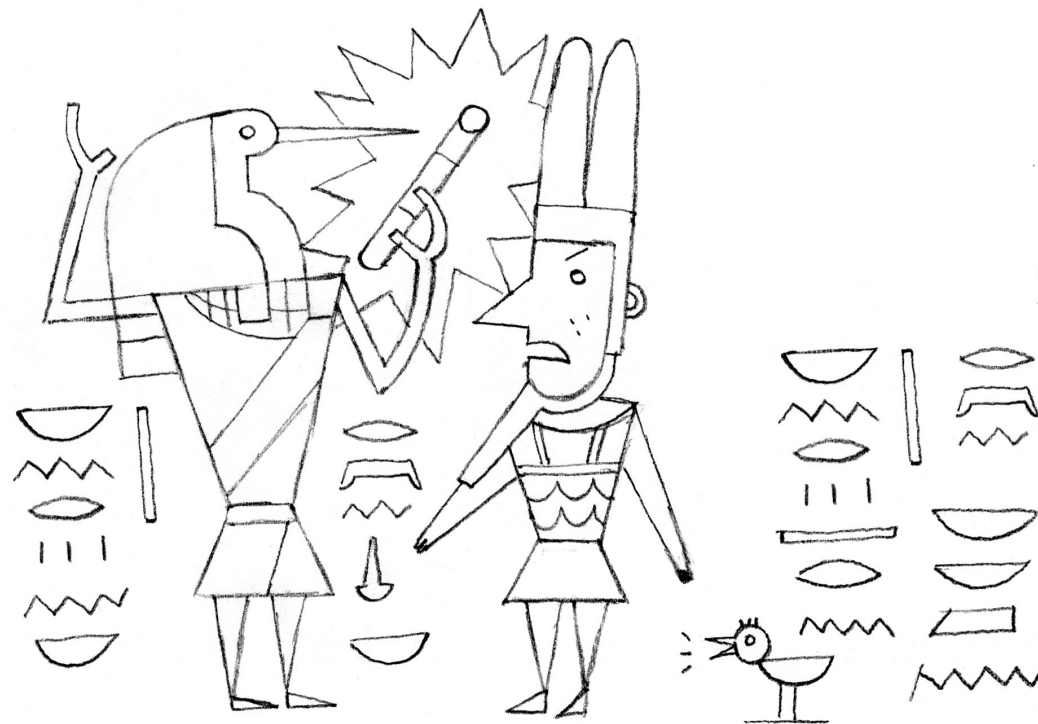
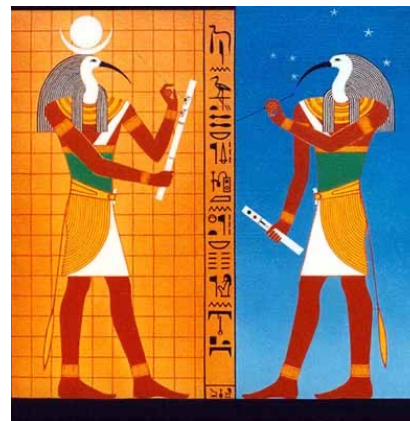
Texto: A invenção da escrita

Platão

As palavras ditas e as palavras escritas são constituídas por diferentes elementos: fonemas e letras. As bases dessa diferença são históricas. Hoje, para nós, parece natural e harmônica a convivência entre a oralidade e a escrita, mas nem sempre foi assim. As civilizações antigas não conheciam a escrita e, portanto, seus registros eram orais, daí a importância da memória, para a qual os primeiros sistemas de escrita constituíram até mesmo uma ameaça, como nos mostra o texto que você lerá a seguir.

SÓCRATES – Bem, ouvi dizer que na região de **Náucratis**, no Egito, houve um dos velhos deuses daquele país, um deus a que também é consagrada a ave chamada íbis. Quanto ao deus, porém, chamava-se Thoth. Foi ele que inventou os números e o cálculo, a geometria, a astronomia, o jogo de damas e os dados, e também a escrita.

[FGP1327] Ilustrar de maneira diferenciada o texto “A invenção da escrita”, de Platão. A ilustração pode ser inspirada no encontro de Thoth com Amon. Thoth pode estar explicando ao deus egípcio suas impressões sobre a escrita, enquanto Amon o retruca.



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing. Acima, pesquisa de imagens e rascunho.

05 Relação entre oralidade e escrita – fonemas e letras



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- seja capaz de distinguir os conceitos de fonema e letra, identificando diferentes características da palavra falada e da escrita;
- identifique os diferentes tipos de fonemas vocálicos, semivocálicos e consonantais;
- identifique as diferentes combinações entre os diversos tipos de fonemas;
- reconheça o conceito de sílaba e saiba aplicar os pressupostos da silabação.

Texto: A invenção da escrita

Platão

As palavras ditas e as palavras escritas são constituídas por diferentes elementos: fonemas e letras. As bases dessa diferença são históricas. Hoje, para nós, parece natural e harmônica a convivência entre a oralidade e a escrita, mas nem sempre foi assim. As civilizações antigas não conheciam a escrita e, portanto, seus registros eram orais, daí a importância da memória, para a qual os primeiros sistemas de escrita constituíram até mesmo uma ameaça, como nos mostra o texto que você lerá a seguir.



SÓCRATES – Bem, ouvi dizer que na região de **Náucratis**, no Egito, houve um dos velhos deuses daquele país, um deus a que também é consagrada a ave chamada íbis. Quanto ao deus, porém, chamava-se Thoth. Foi ele que inventou os números e o cálculo, a geometria, a astronomia, o jogo de damas e os dados, e também a escrita.



Ao lado, página com rascunho aprovado inserido.
Acima, a arte finalizada.

06 Acentuação gráfica I



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- reconheça a diferença entre acento tônico e acento gráfico;
- compreenda a importância do acento gráfico para a correta leitura das palavras;
- saiba aplicar as regras de acentuação gráfica segundo a norma culta da língua;
- identifique as mudanças que o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa trouxe para a acentuação gráfica.



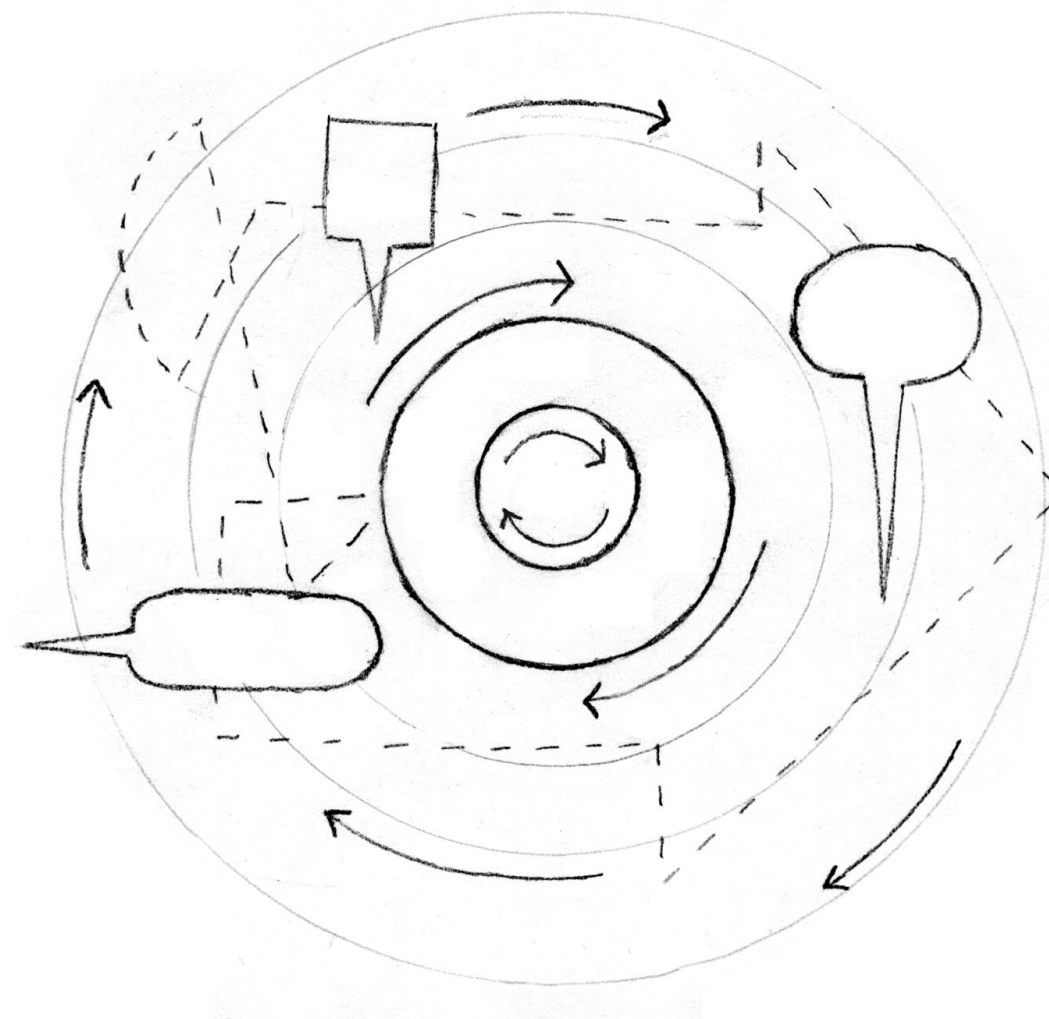
Texto: A invenção do “o”

Luis Fernando Verissimo

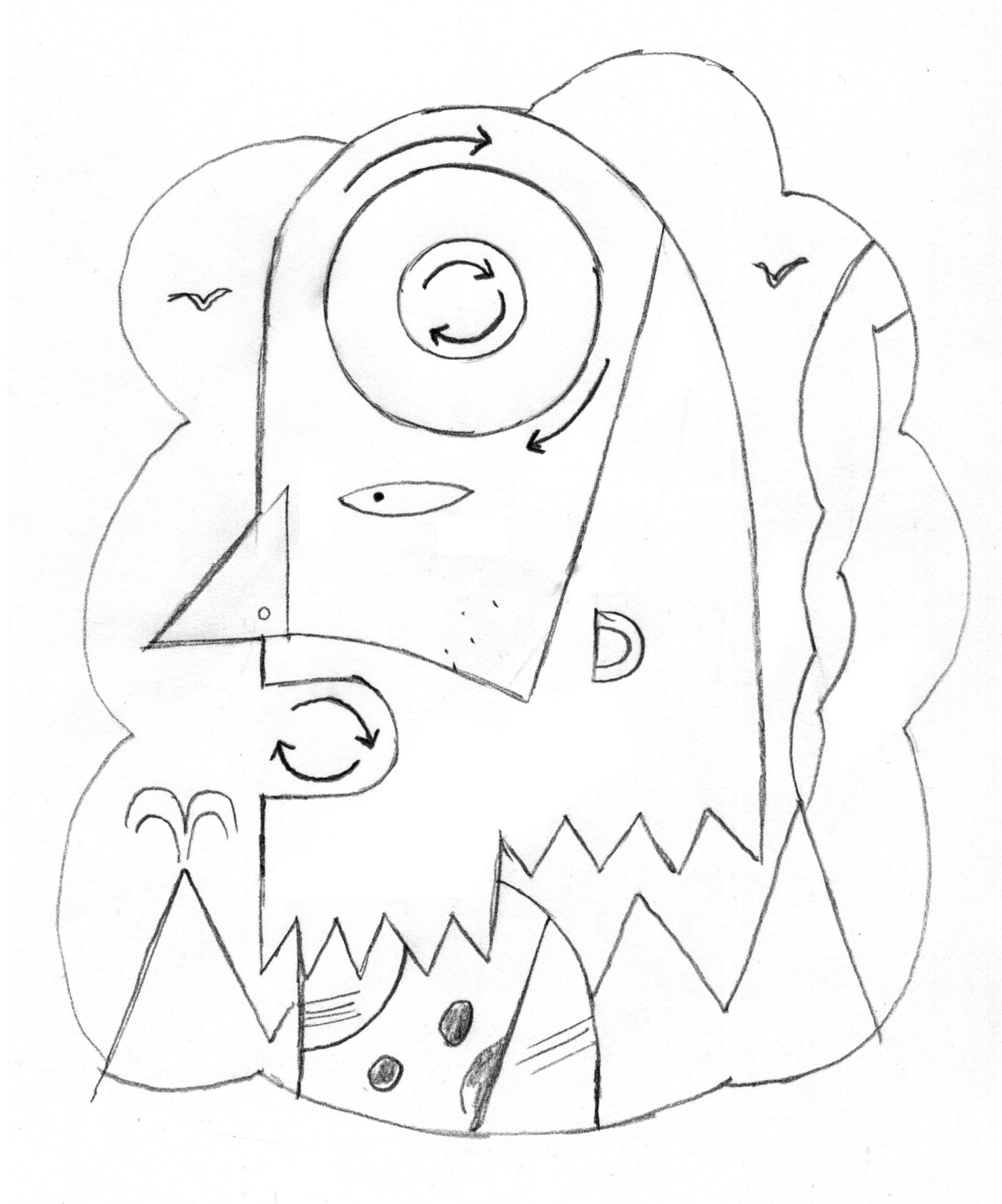
Você já parou para pensar que língua e musicalidade têm elementos afins? Da mesma forma que nossos aparelhos de som apresentam controles para equilíbrio de sons graves e agudos, a língua tem mecanismos para identificação desses elementos nas palavras. Neste capítulo, entenderemos em que consiste a acentuação gráfica das palavras em nossa língua. Para começar, vamos ler um texto de Verissimo que nos mostra como um acento gráfico pode realmente fazer muita diferença.

[FGP1328] Ilustrar de maneira diferenciada o texto “A invenção do o”, de Luis Fernando Verissimo. Por se tratar de um poema, o ilustrador pode abstrair e criar algo lúdico.

Na era da pedra lascada
da língua falada
antes de inventarem a letra
que imitava a lua
as palavras diziam nada
e nada levava a nada
(aliás, nem precisava rua).
A frase ficava estática
de maneira **majestática**
a grandes falas presumíveis
permaneciam indizíveis
– imagens invisíveis
a distâncias invencíveis.
Vivia-se em cavernas mentais
numa inércia dramática.
Ir e vir, nem pensar
ninguém mudava de lugar
que dirá de sintática.
Aí inventaram o “O”
e foi algo portentoso.
Assombroso, maravilhoso.
Tudo começou a rolar



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing – que nesse caso confere liberdade ao ilustrador, que pode explorar abstrações e algo lúdico”.



Ao lado,
rascunho
opcional que foi
preterido.

06 Acentuação gráfica I



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

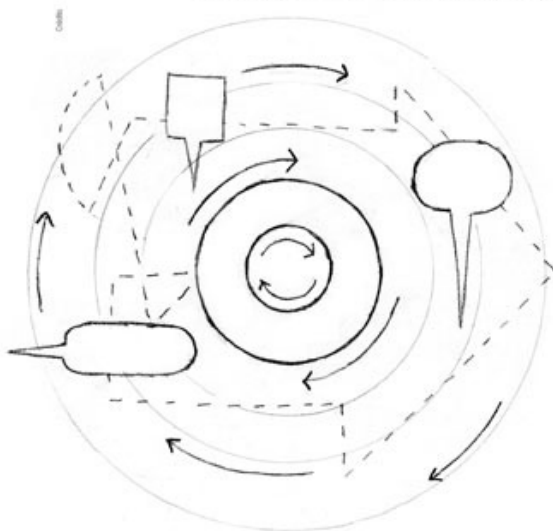
- reconheça a diferença entre acento tônico e acento gráfico;
- compreenda a importância do acento gráfico para a correta leitura das palavras;
- saiba aplicar as regras de acentuação gráfica segundo a norma culta da língua;
- identifique as mudanças que o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa trouxe para a acentuação gráfica.



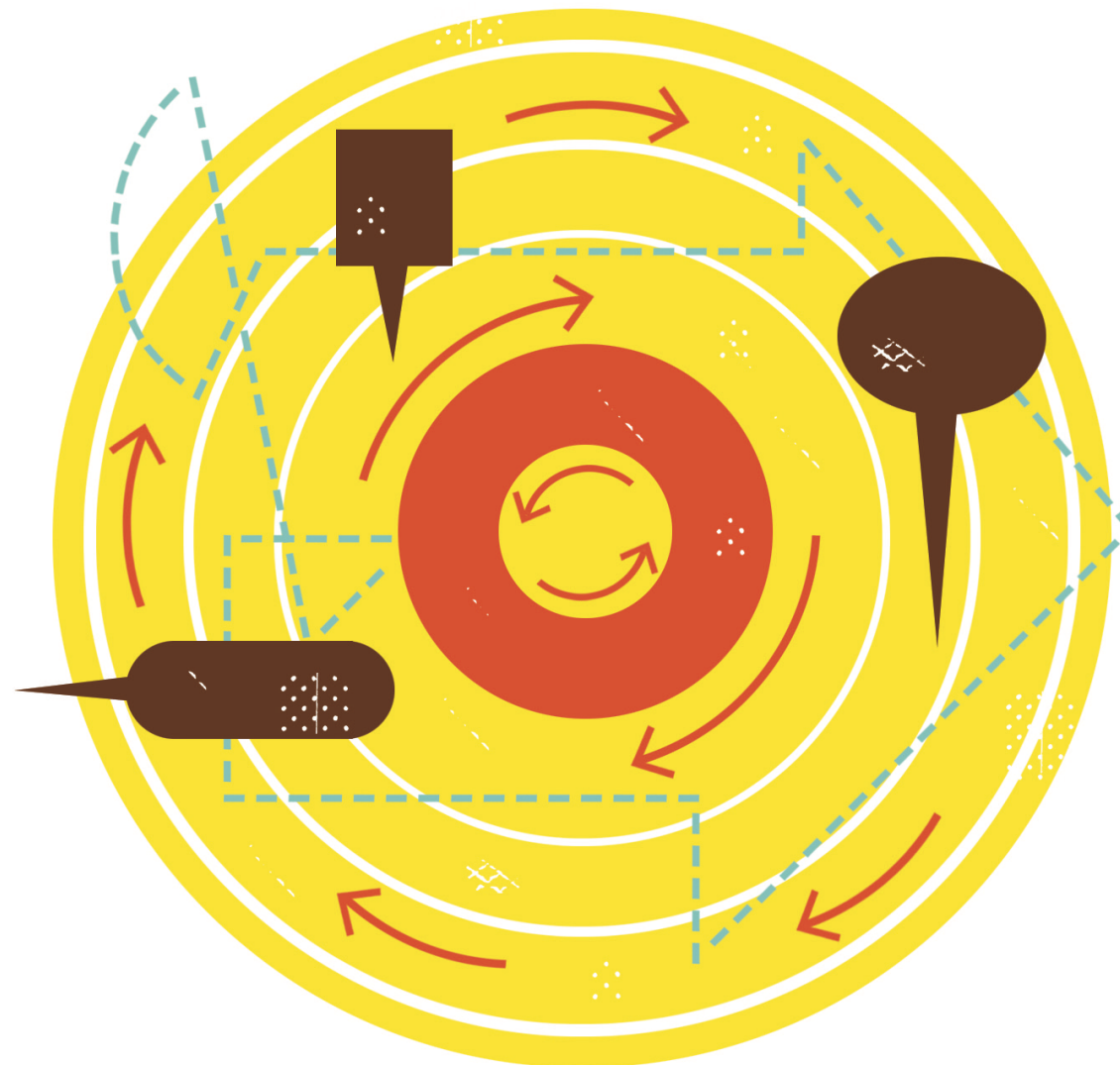
Texto: A invenção do “o”

Luis Fernando Verissimo

Você já parou para pensar que língua e musicalidade têm elementos afins? Da mesma forma que nossos aparelhos de som apresentam controles para equilíbrio de sons graves e agudos, a língua tem mecanismos para identificação desses elementos nas palavras. Neste capítulo, entenderemos em que consiste a acentuação gráfica das palavras em nossa língua. Para começar, vamos ler um texto de Verissimo que nos mostra como um acento gráfico pode realmente fazer muita diferença.



Na era da pedra lascada da língua falada antes de inventarem a letra que imitava a lua as palavras diziam nada e nada levava a nada (aliás, nem precisava rua). A frase ficava estática de maneira **majestática** a grandes falas presumíveis permaneciam indizíveis – imagens invisíveis a distâncias invencíveis. Vivia-se em cavernas mentais numa inércia dramática. Ir e vir, nem pensar ninguém mudava de lugar que dirá de sintática. Ai inventaram o “O” e foi algo portentoso. Assombroso, maravilhoso. Tudo começou a rolar



No canto esquerdo, página com rascunho inserido. Acima, a arte finalizada.



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- identifique em que consiste o fenômeno da crase;
- reconheça os diferentes casos de crase obrigatória e facultativa;
- utilize a crase corretamente em suas construções textuais.

Texto: Aforismos da crase

Ferreira Gullar

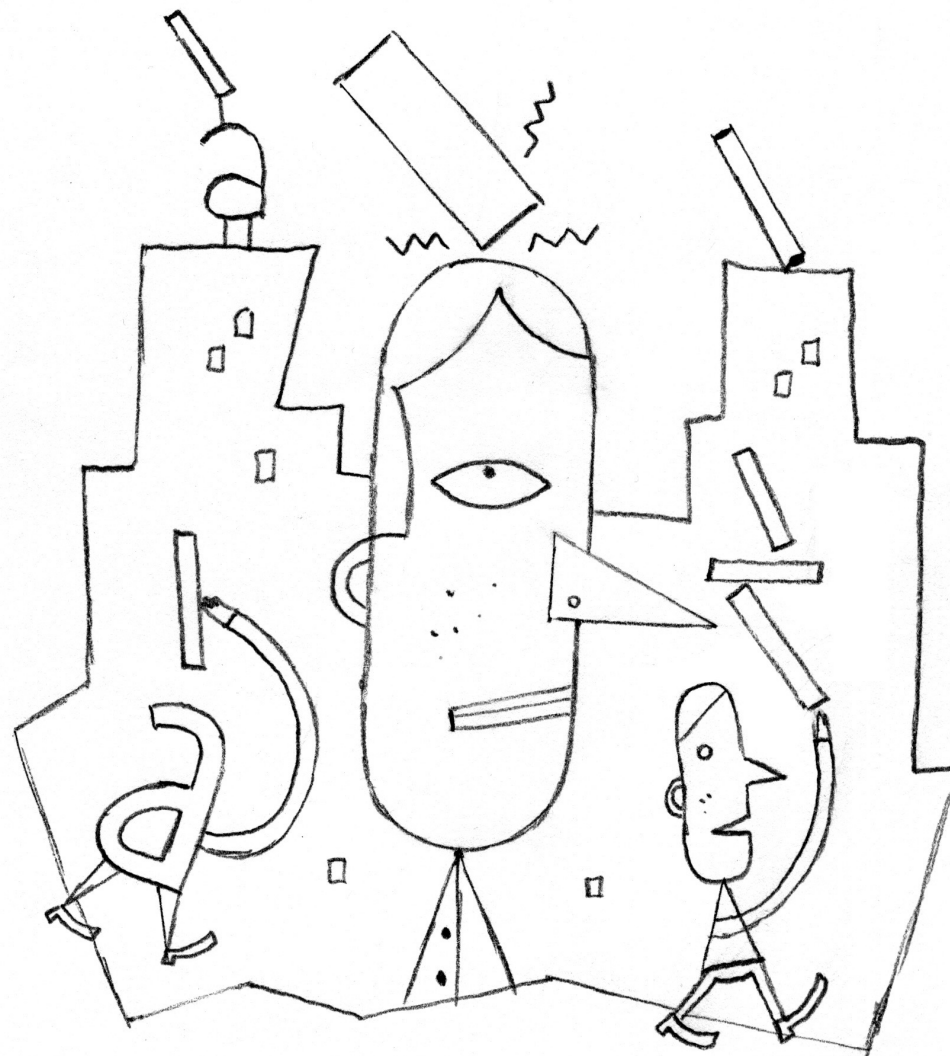
Em geral, quando se fala em crase, a maioria dos usuários da língua se sente insegura. Entretanto, como veremos neste capítulo, a crase é um interessante fenômeno de economia vocabular que se encontra a nosso dispor. Para começarmos a falar sobre esse assunto, leia o texto a seguir, que traz o ponto de vista bem-humorado de Ferreira Gullar sobre a crase.

[FGP1332] Ilustrar de maneira diferenciada o texto "Aforismos da crase", de Ferreira Gullar. O ilustrador deve se inspirar nos aforismos criados por Gullar que são citados ao longo do texto. A ilustração para este texto pode ser mais abstrata.

"A crase não foi feita para humilhar ninguém" – esse **aforismo** que escrevi em 1955 ganhou popularidade e terminou sendo atribuído a vários escritores, menos a mim: a Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Otto Lara Resende e até a Machado de Assis. E de pouco adiantou a **proibição** desses escritores (os vivos, naturalmente), apontando-me como o verdadeiro autor de aforismo que àquela altura já passava a ser atribuído a autores estrangeiros...

Nesse particular, aliás, eu não dou sorte. Num encontro aqui no Rio com García Marquez, na casa de Rubem Braga, contaram-lhe que, quando me perguntam se sou Ferreira Gullar, tenho mania de responder: "Às vezes." E o faço por uma razão simples: tenho dois nomes, o outro, de batismo, é José Ribamar Ferreira. E também porque nem sempre sou capaz de escrever os poemas que o Gullar escreve... ainda que maus. Pois bem, não é que o García Marquez chegou de Portugal e, numa entrevista, atribuiu essa frase a Jorge Luis Borges? É claro que tais confusões só me lisonjeiam.

Mas a verdade é que certo dia me vi induzido a escrever uma série de aforismos sobre a crase, esse grave problema ortográfico e existencial que boa parte dos escritores, jornalistas e escrevinhadores em geral não conseguem resolver. A crase tornou-se assim um pesadelo



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing – que nesse caso permite a exploração de algo mais abstrato



Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

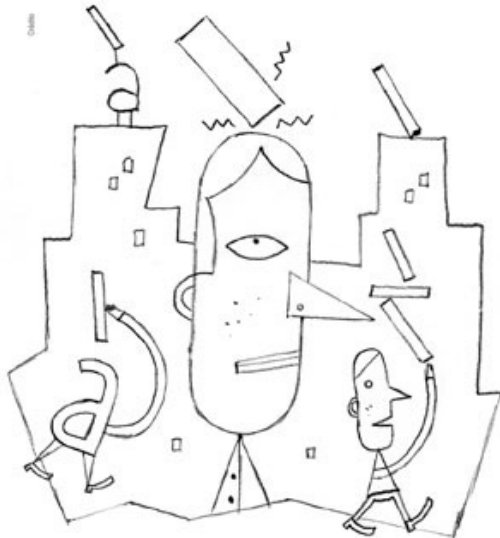
- identifique em que consiste o fenômeno da crase;
- reconheça os diferentes casos de crase obrigatória e facultativa;
- utilize a crase corretamente em suas construções textuais.



Texto: Aforismos da crase

Ferreira Gullar

Em geral, quando se fala em crase, a maioria dos usuários da língua se sente insegura. Entretanto, como veremos neste capítulo, a crase é um interessante fenômeno de economia vocabular que se encontra a nosso dispor. Para começarmos a falar sobre esse assunto, leia o texto a seguir, que traz o ponto de vista bem-humorado de Ferreira Gullar sobre a crase.



"A crase não foi feita para humilhar ninguém" – esse **aforismo** que escrevi em 1955 ganhou popularidade e terminou sendo atribuído a vários escritores, menos a mim: a Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Otto Lara Resende e até a Machado de Assis. E de pouco adiantou a **proibição** desses escritores (os vivos, naturalmente), apontando-me como o verdadeiro autor de aforismo que àquela altura já passava a ser atribuído a autores estrangeiros...

Nesse particular, aliás, eu não dou sorte. Num encontro aqui no Rio com García Marquez, na casa de Rubem Braga, contaram-lhe que, quando me perguntam se sou Ferreira Gullar, tenho mania de responder: "Às vezes." E o faço por uma razão simples: tenho dois nomes, o outro, de batismo, é José Ribamar Ferreira. E também porque nem sempre sou capaz de escrever os poemas que o Gullar escreve... ainda que maus. Pois bem, não é que o García Marquez chegou de Portugal e, numa entrevista, atribuiu essa frase a Jorge Luis Borges? É claro que tais confusões só me lisonjeiam.

Mas a verdade é que certo dia me vi induzido a escrever uma série de aforismos sobre a crase, esse grave problema ortográfico e existencial que boa parte dos escritores, jornalistas e escrevinhadores em geral não conseguem resolver. A crase tornou-se assim um pesadelo



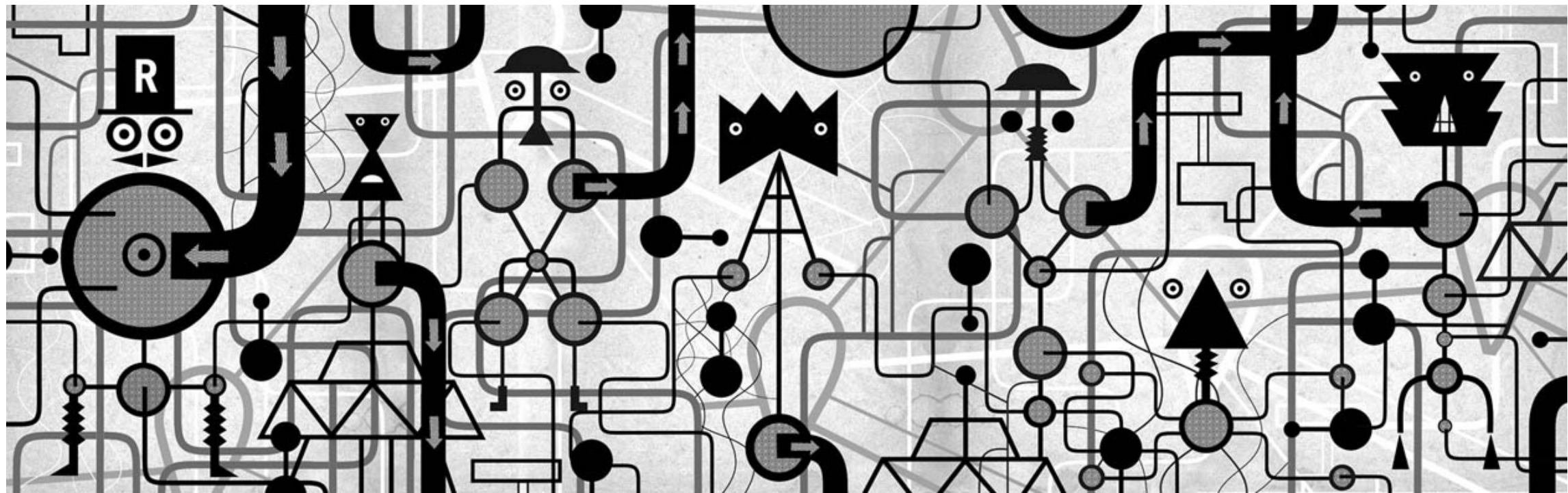
No canto esquerdo, página com rascunho inserido. Acima, a arte finalizada.



ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

Imagens contínuas

Revista Nueva Sociedad



Publicação argentina de ciências sociais distribuída no mundo todo. Era uma edição especial sobre o Brasil, o tema norteador era concentração de renda. Uma única ilustração foi concebida para aparecer fragmentada em cinco partes nas páginas da revista. Trabalho criado e publicado em 2007.

Revista Nueva Sociedad: briefing

Tema: Era uma edição especial sobre o Brasil. “Os temas gerais da revista são os desafios em diminuir a desigualdade, aumentar o desenvolvimento, a luta contra a pobreza”.

Briefing: “Preferimos que as ilustrações sejam abstratas e não se refiram a um artigo em particular”. A revista enviou por e-mail alguns artigos para o ilustrador entender quais são os assuntos gerais. Mandou também pelo correio alguns exemplares anteriores da publicação.

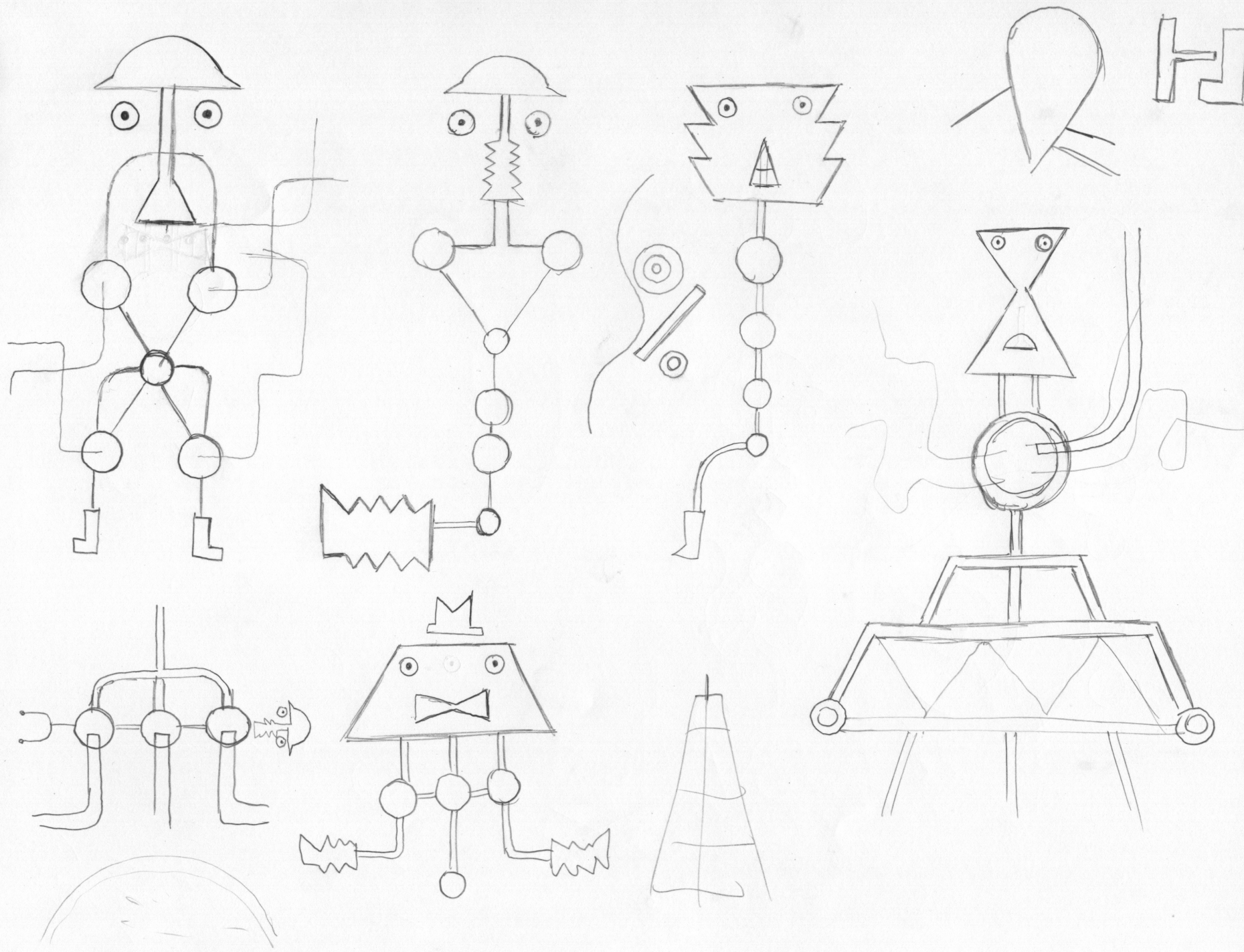
Quantidade: 5 ilustrações de página inteira

Formato da página: 11 x 18 cm

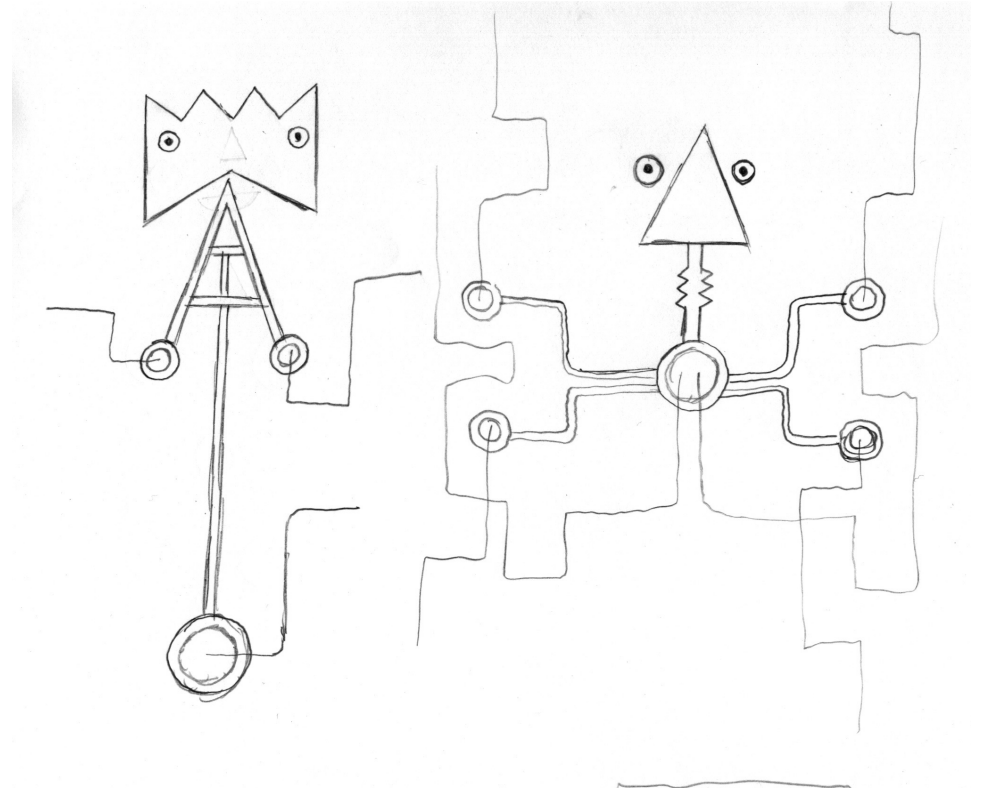
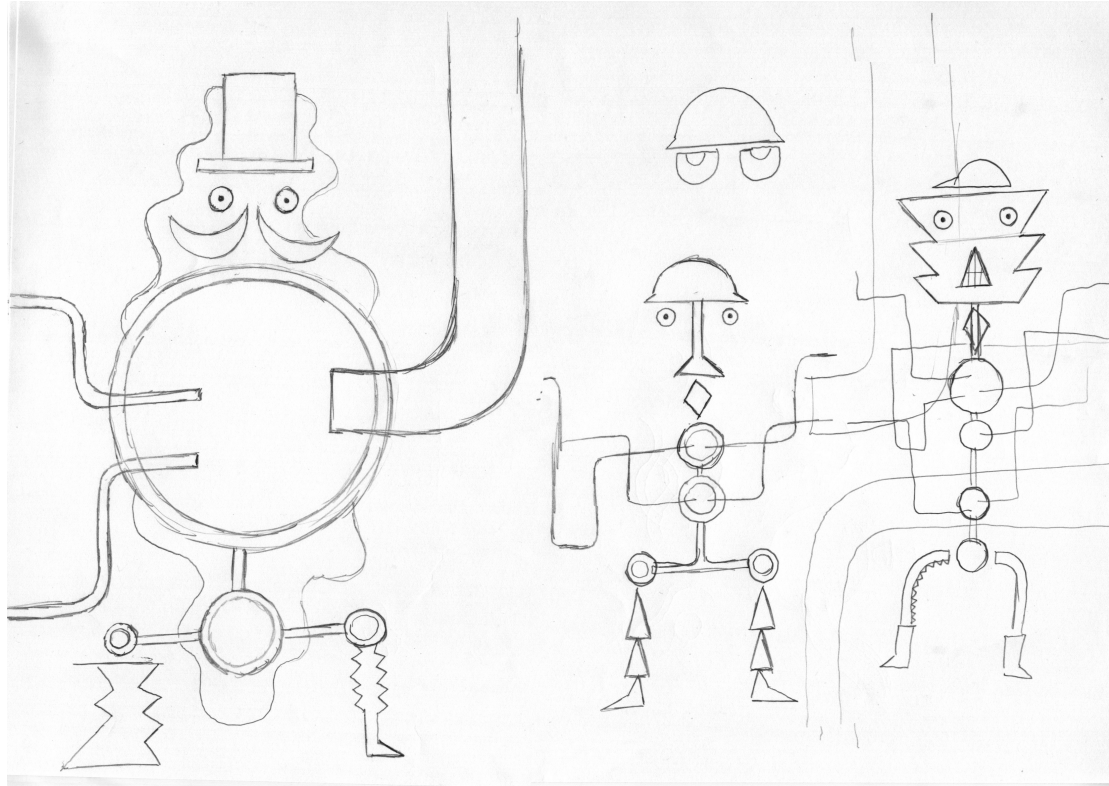
Prazo: 40 dias

Resolução: Arquivos em 300 dpi

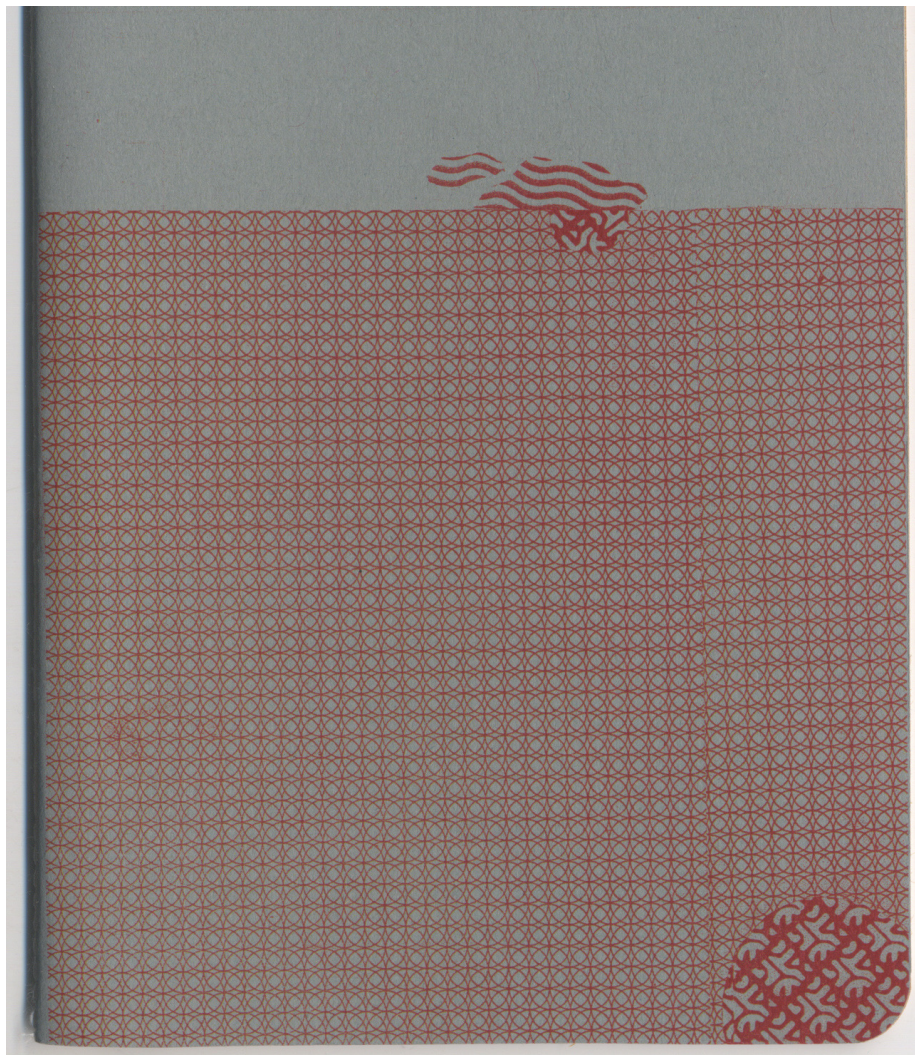
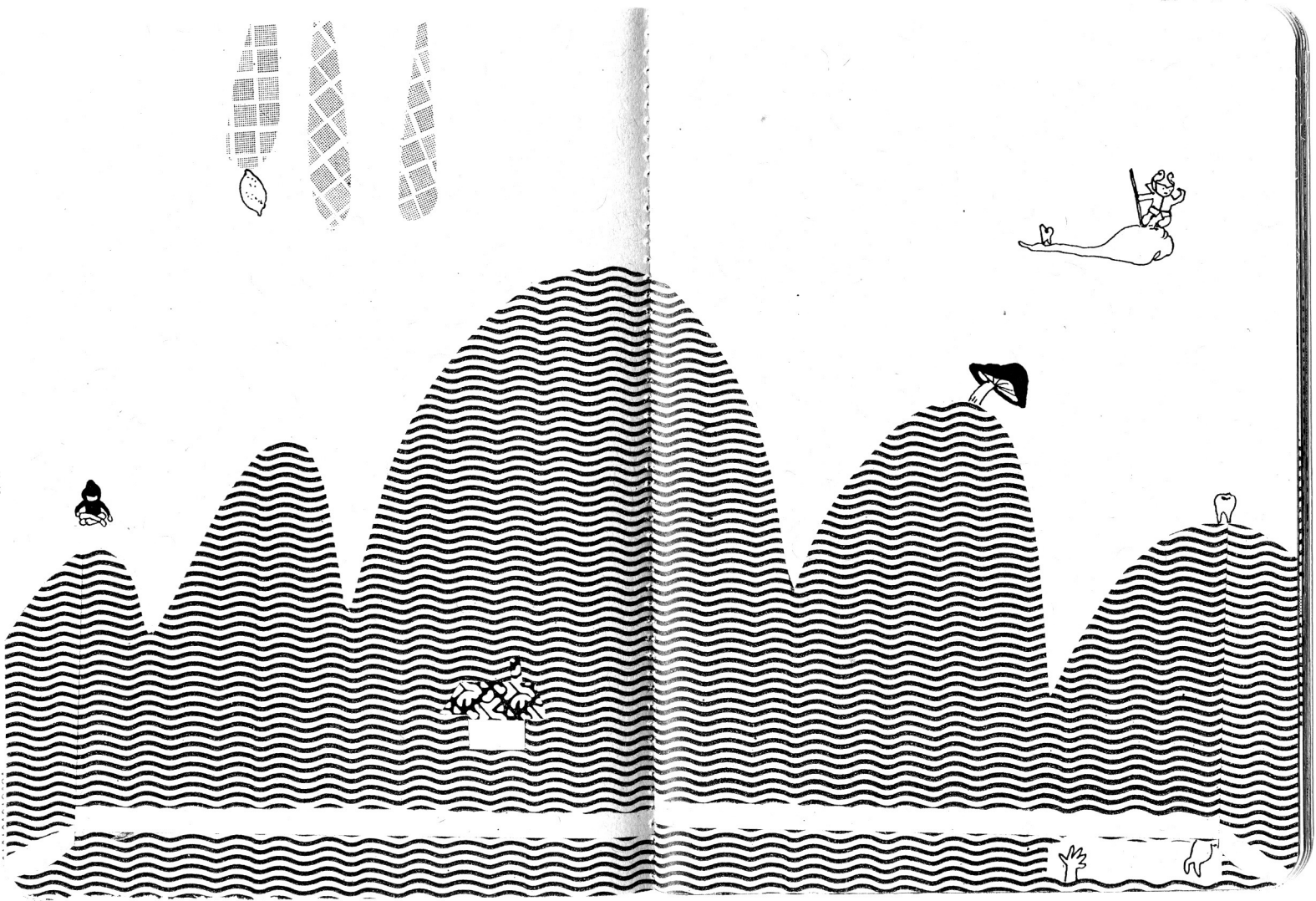
Cor: preto e branco



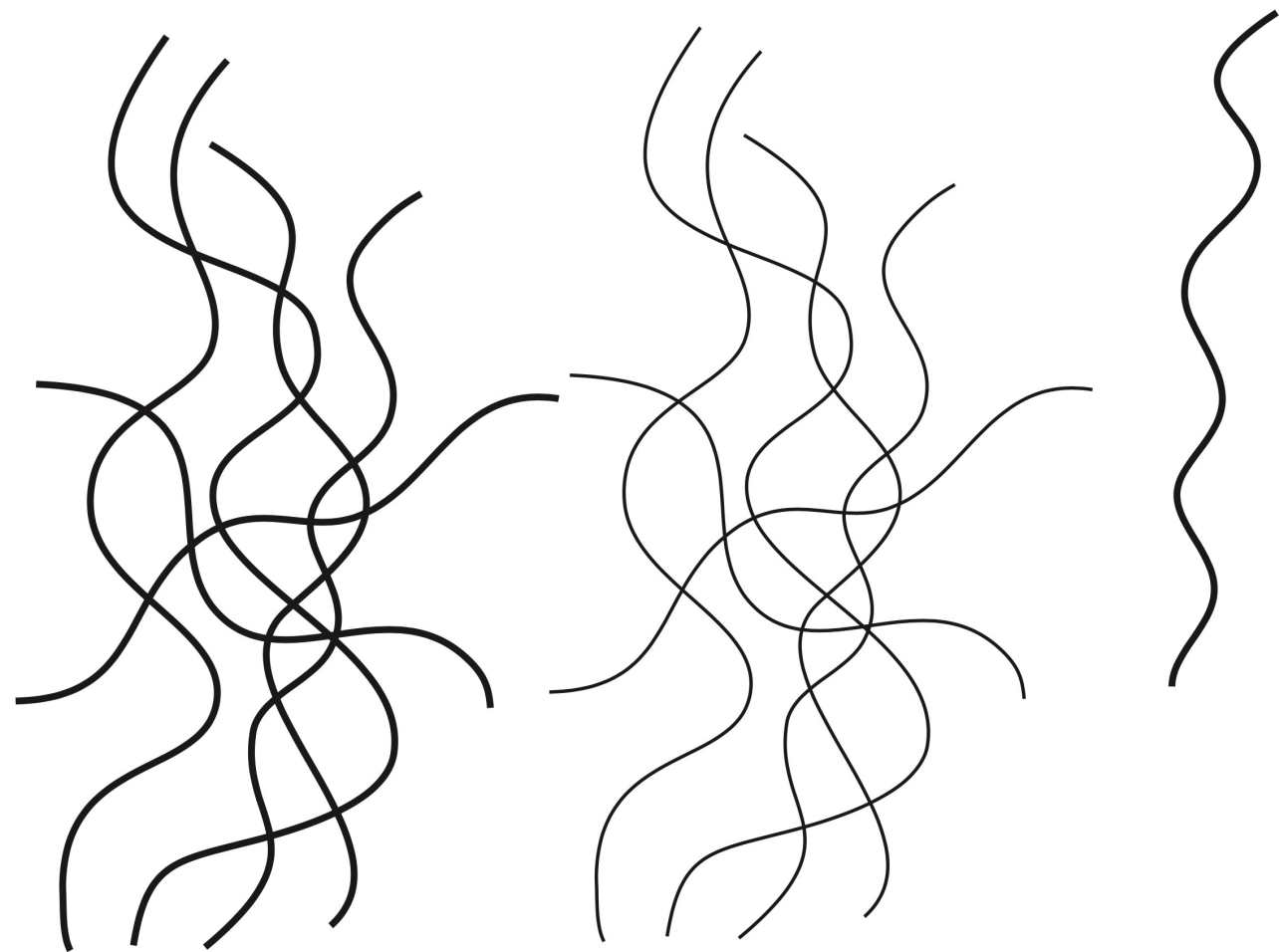
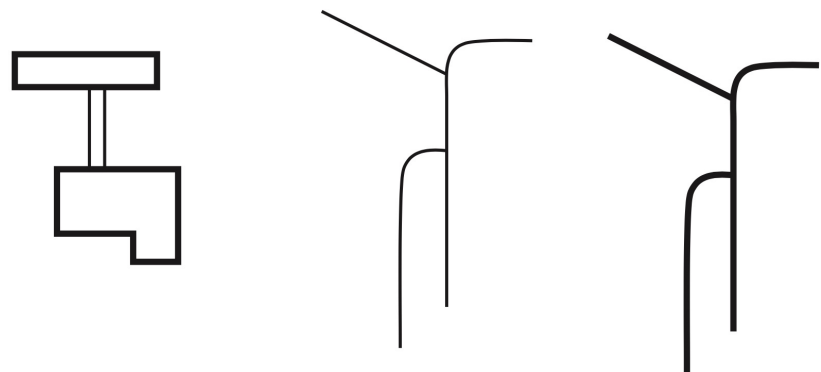
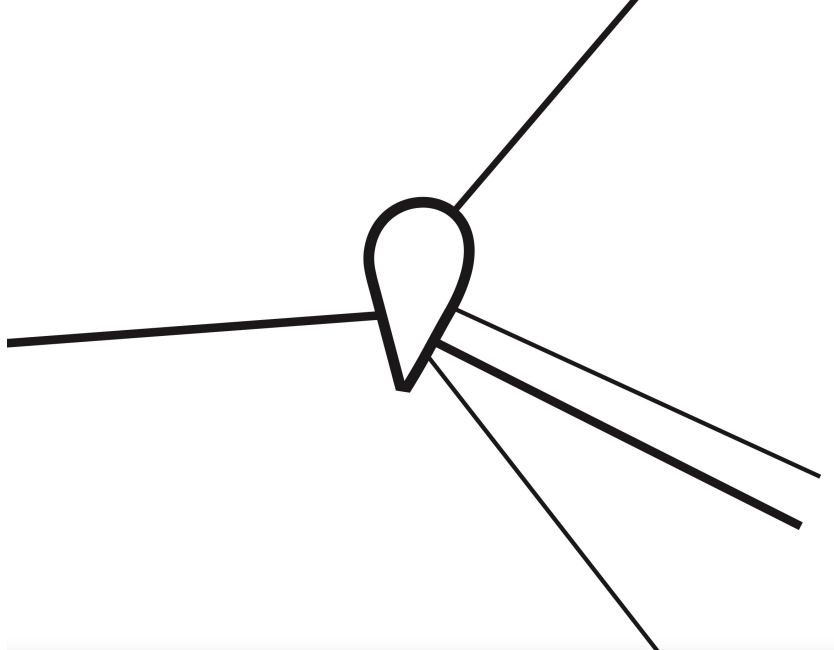
Rascunhos
iniciais,
centrados nas
figuras, ainda
sem trabalho
na composição.



Rascunhos com desenvolvimento de composição, estabelecendo conexões entre os personagens.



Estudo de grafismos.



Todas as formas foram redesenhadas em vetor. A ideia foi trabalhar com formas depuradas em vetor, mescladas a texturas leves de fundo (com uso de papel escaneado) e grafismos pontuais (escaneados de revistas).

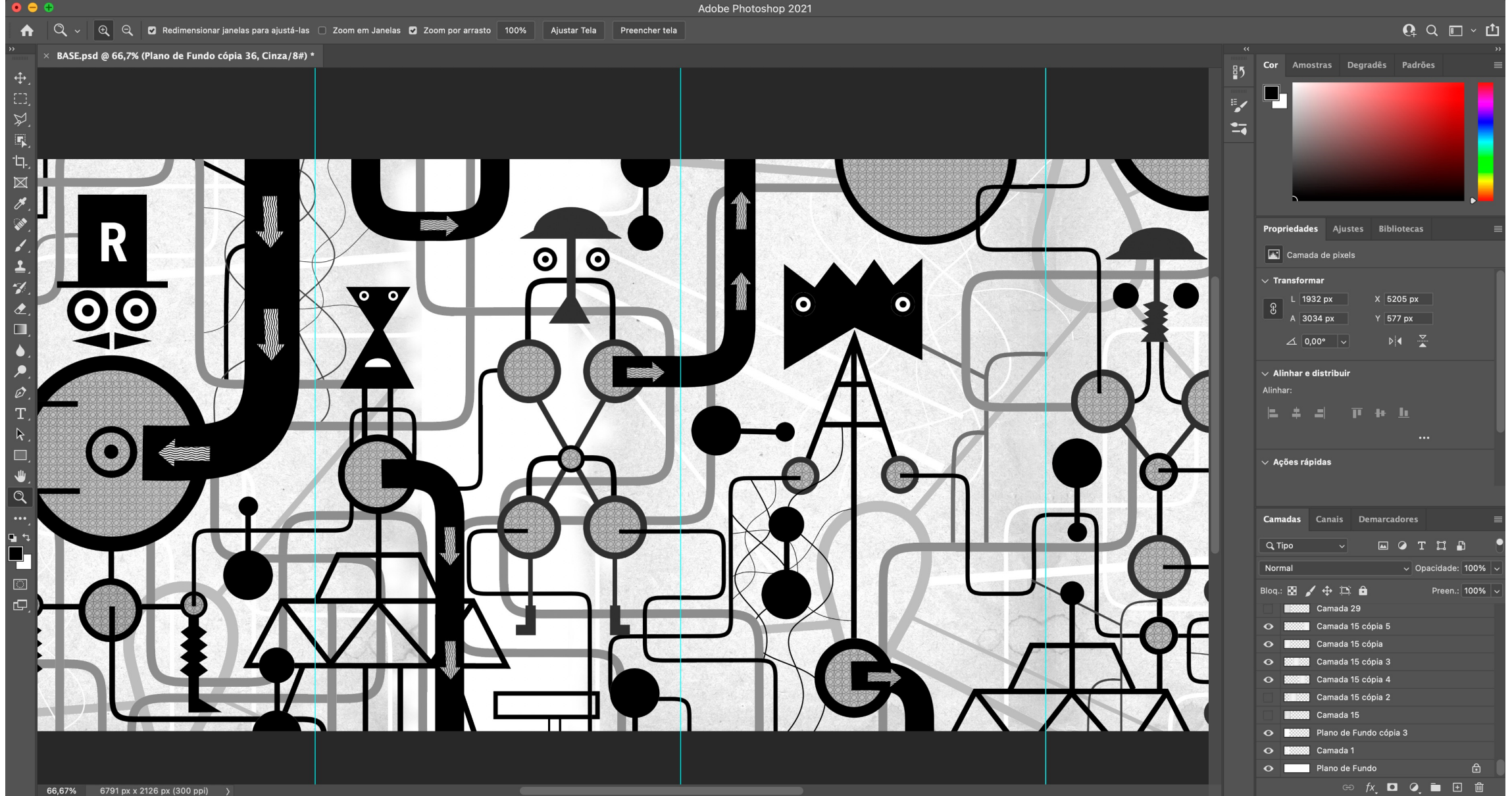
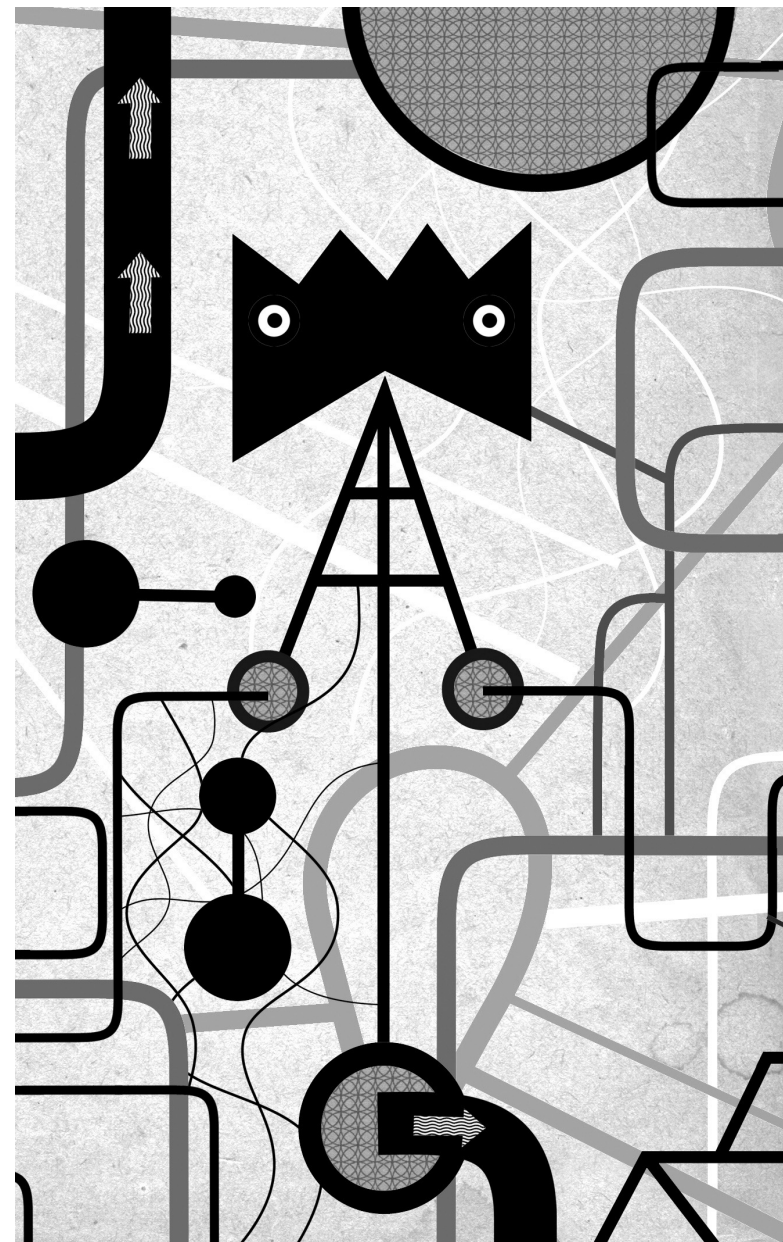
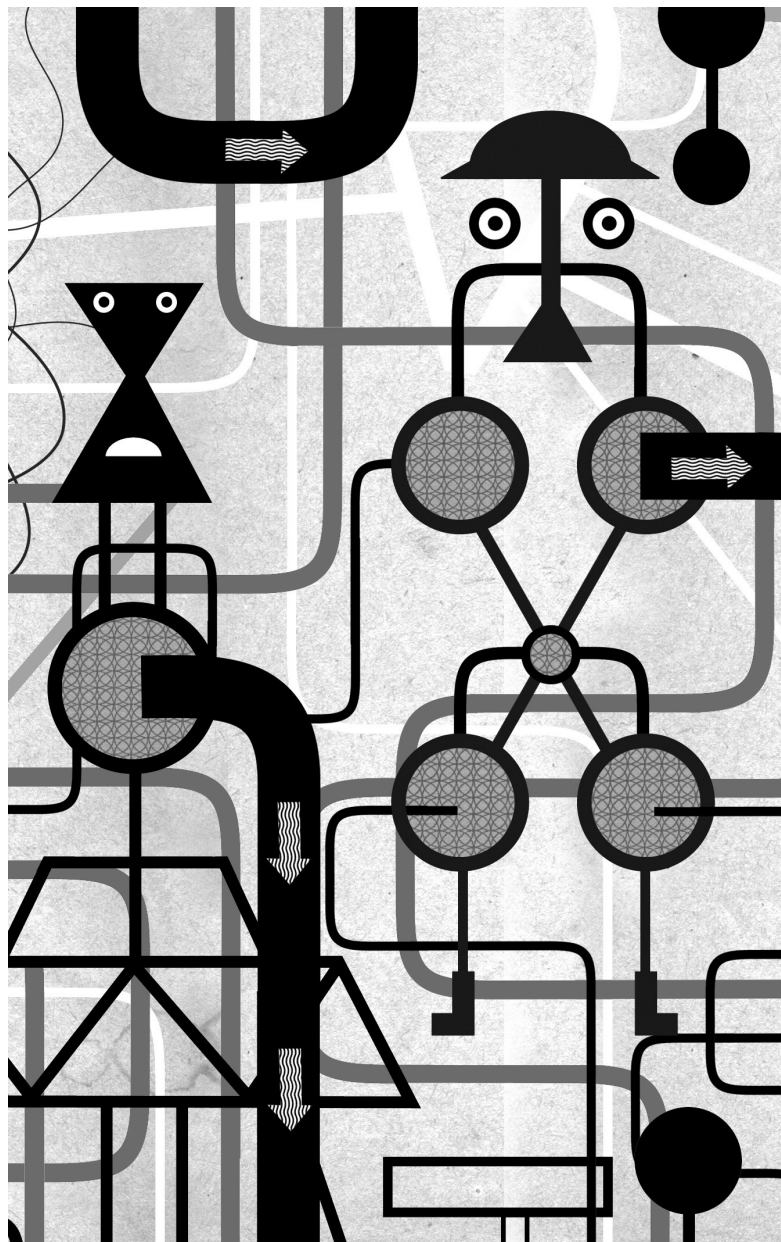
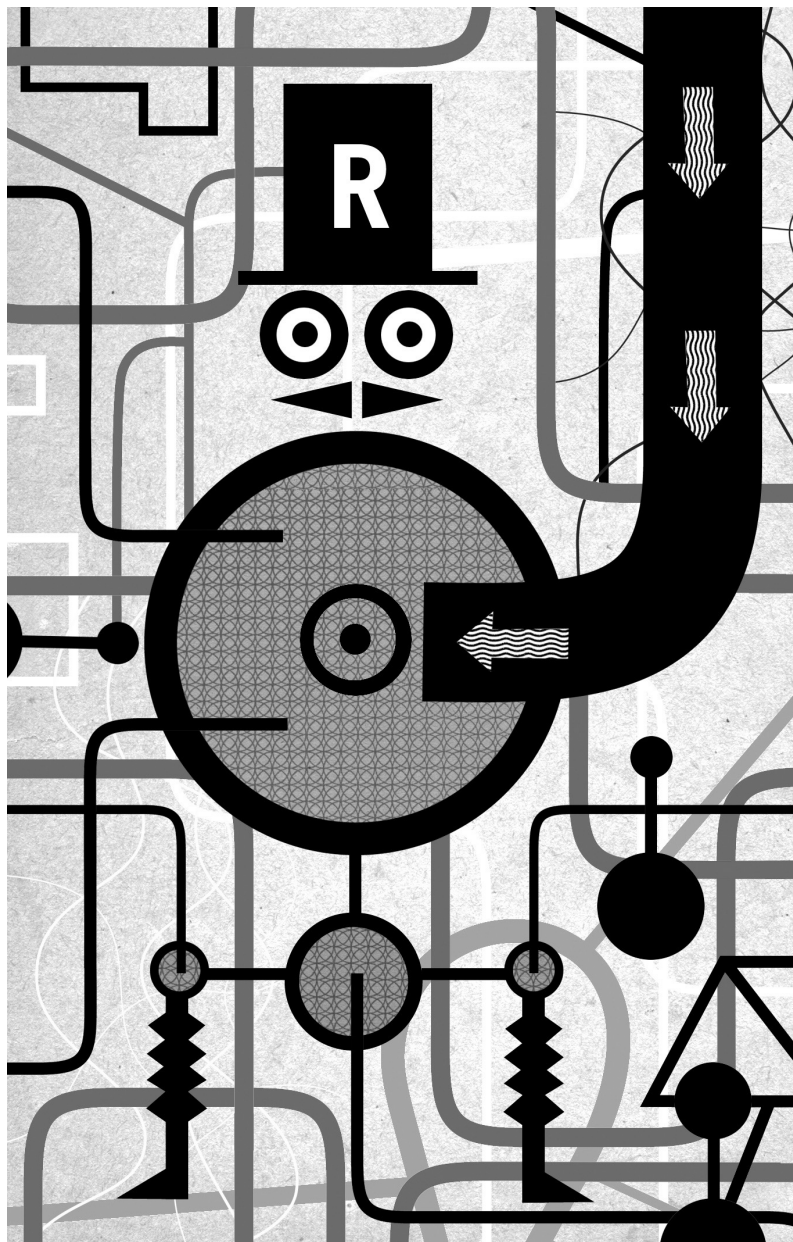
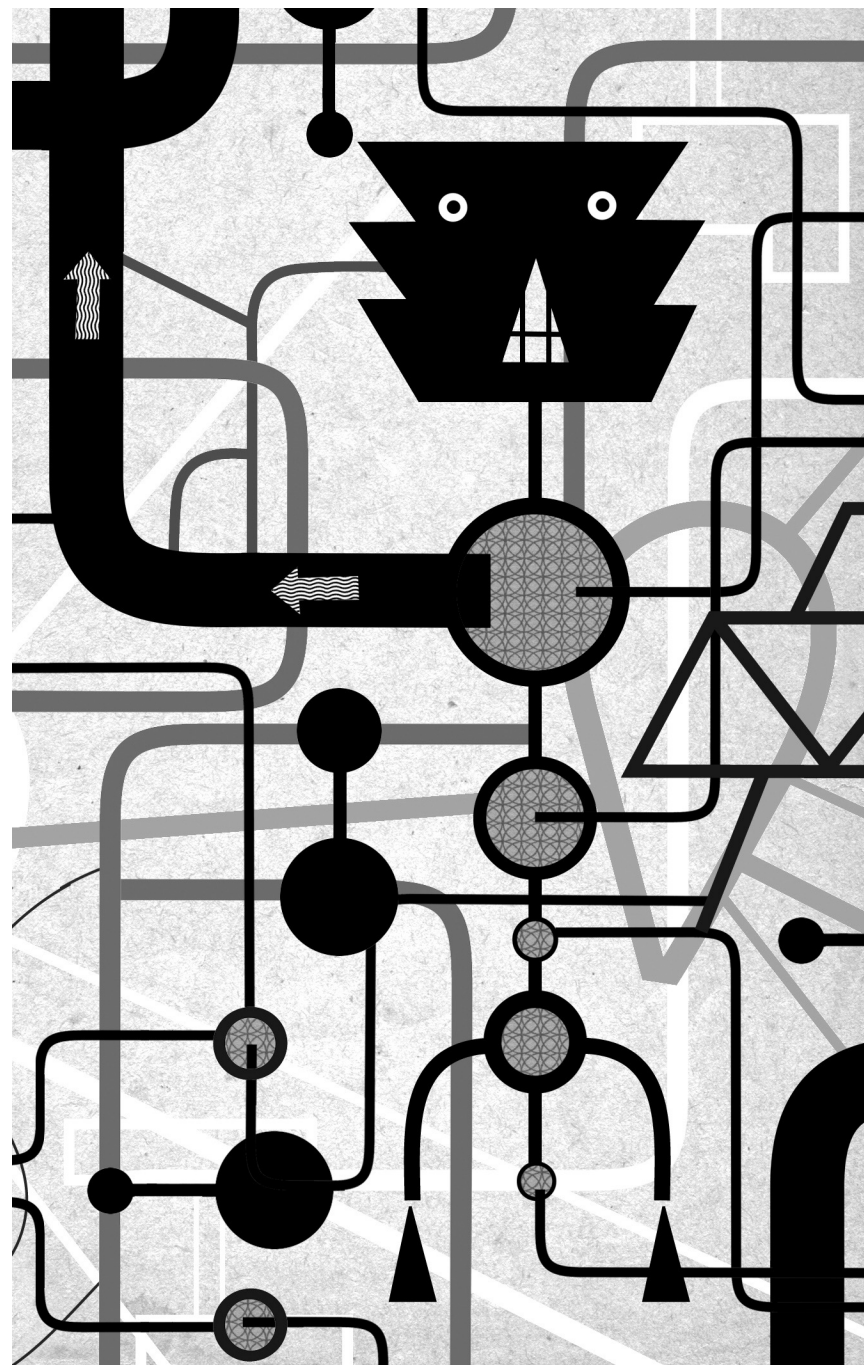
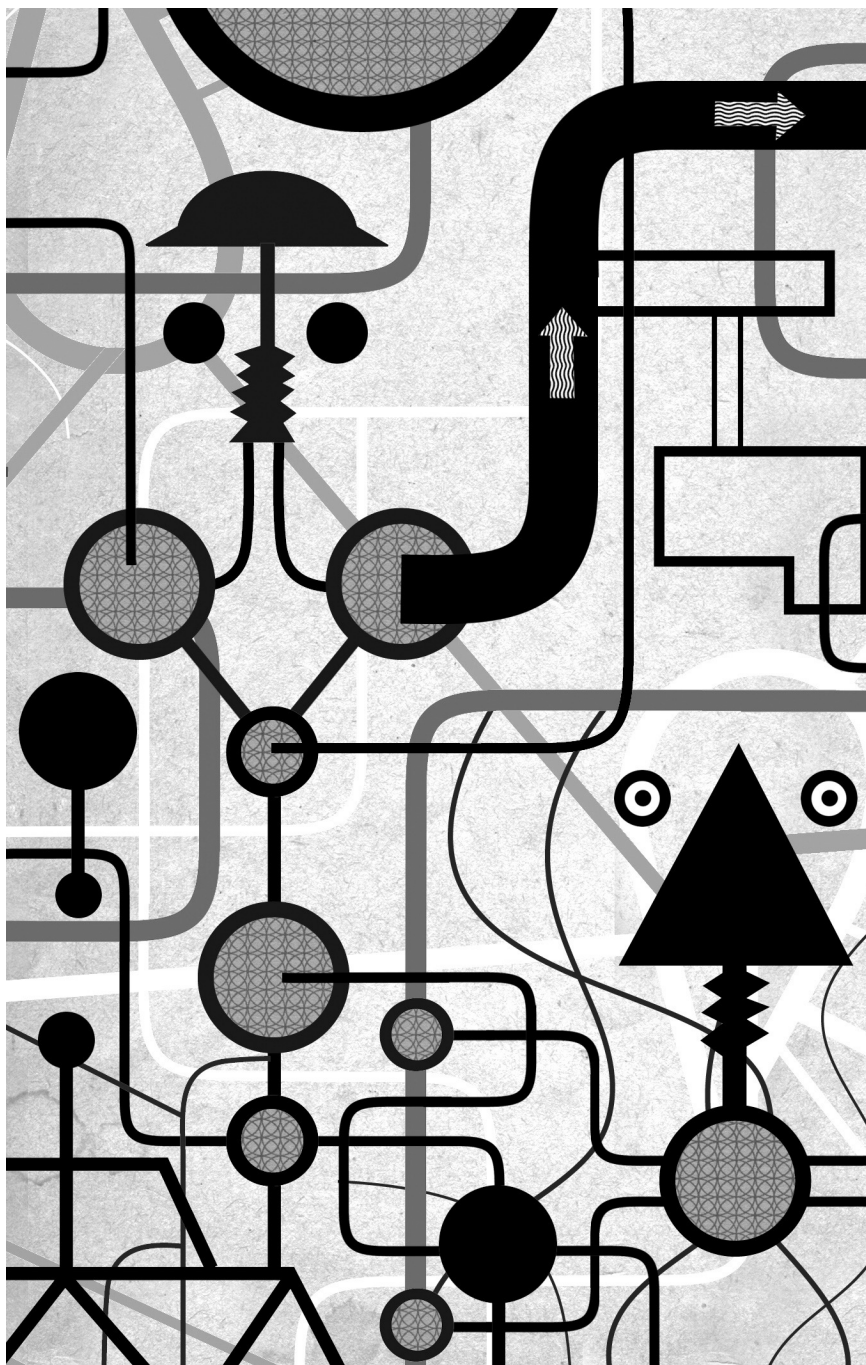


Imagem do arquivo em PSD no Photoshop, com vários layers. Nesse exemplo um layer de fundo foi apagado para que seja possível visualizar o trabalho envolvido na montagem dele. Um fragmento de textura foi usado e multiplicado, cada pedaço com as bordas suavizadas para que resultassem numa textura unificada harmonicamente.



Três páginas de ilustração: é possível perceber a conexão entre elas quando aproximadas.



As duas últimas páginas de ilustração da revista. Elas aparecem separadas ao longo da publicação, mas a conexão visual entre elas faz com que o leitor perceba coesão na revista.

Revista Observatório / Itaú Cultural



Uma cidade contínua com mais de 4 metros de comprimento foi criada para aparecer em fragmentos nas páginas da revista Observatório do Itaú Cultural, 2015.

Revista Observatório: briefing

Tema: Tecnologia e economia da cultura.

Briefing: “Pensamos em trabalhar apenas com algumas texturas”. 1/3 das ilustrações poderiam ser complementares e não trazer elementos muito elaborados.

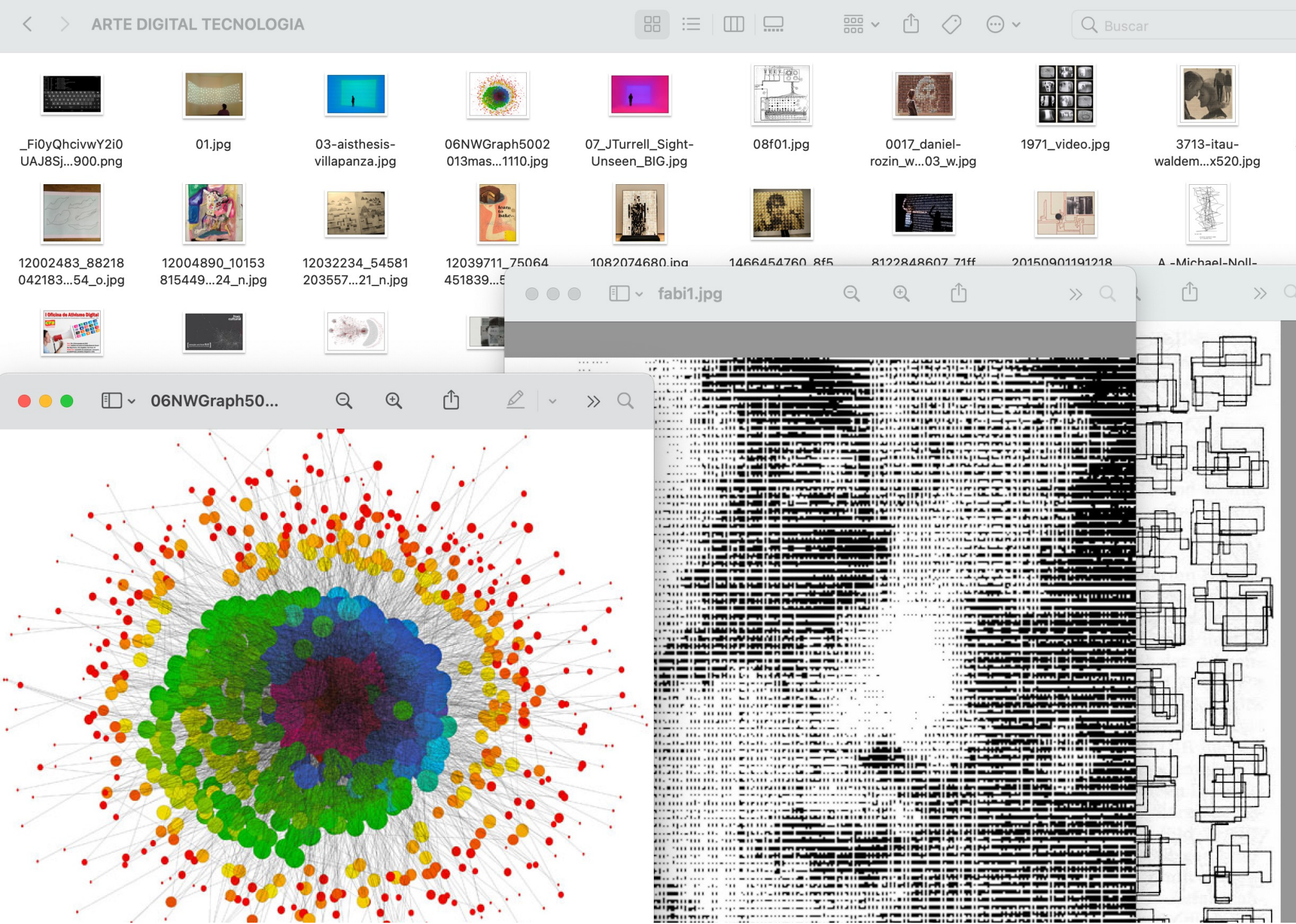
Quantidade: 25 ilustrações

Formato da página:

Prazo: 40 dias

Resolução: Arquivos em 300 dpi

Cor: Duotone



Pesquisa de elementos gráficos relacionados ao universo digital, arte e tecnologia.

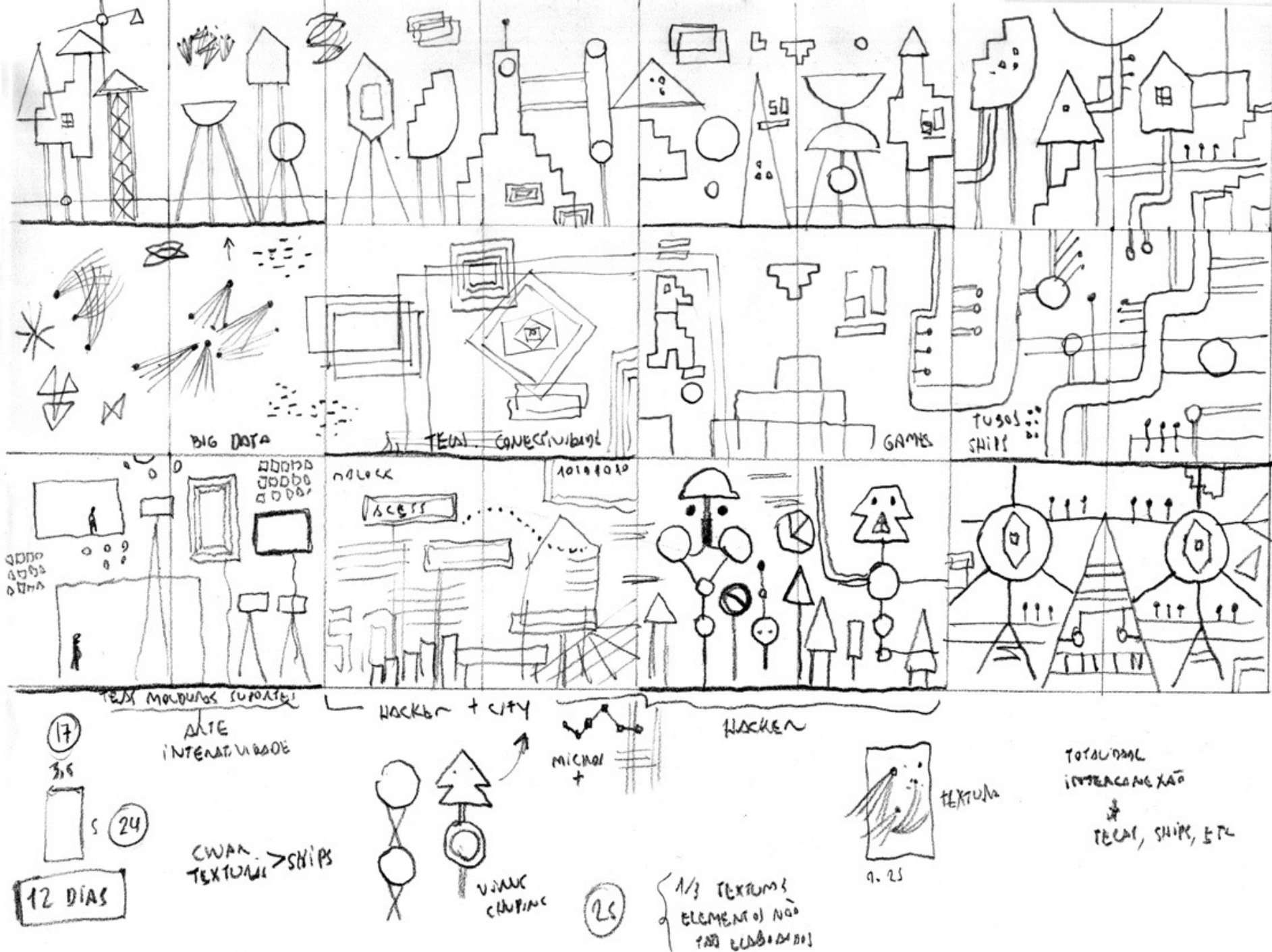
Inicialmente esbocei dois tipos de abordagem e mandei referências de trabalhos anteriores, como explico para a designer no texto abaixo:

“Planejei dois tipos de página dupla (irei fazer duplas mas não tem problema transformá-las em página simples):

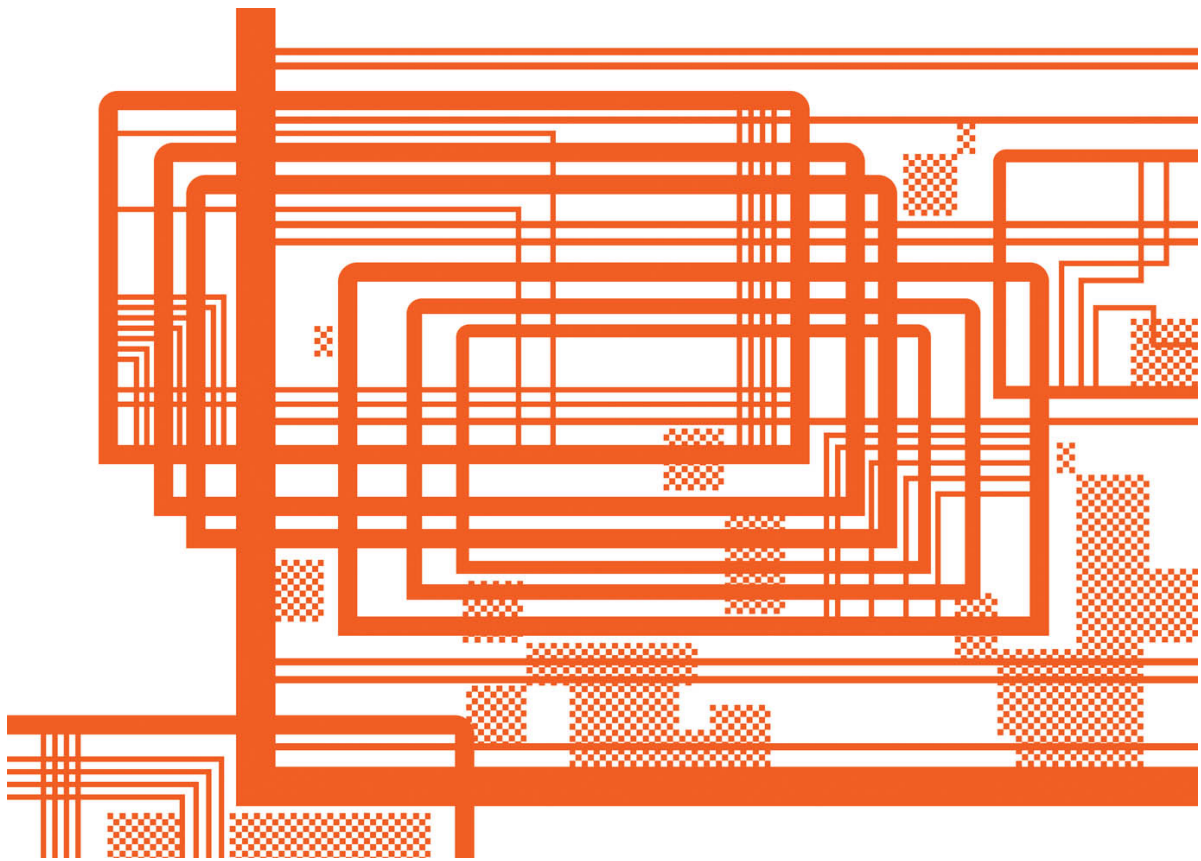
Duplas com GRAFISMOS, soltos nas páginas; um tipo de experimentação com elementos gráficos por dupla: big data, telas/ conectividade, games, tubos e ships, arte/ suportes/ interatividade, hackers/ ativismo. Imaginei 13 páginas pra essa proposta.

CIDADES cheias de elementos gráficos decorrentes dos temas dessa edição (aplicaria os grafismos desenvolvidos para as páginas da primeira abordagem nesse contexto das cidades). Ou seja, se faço uma dupla apenas com elementos de Bid Data, depois elaboro outra dupla com eles povoando um cenário de cidade. Para essa proposta planejei 12 páginas.

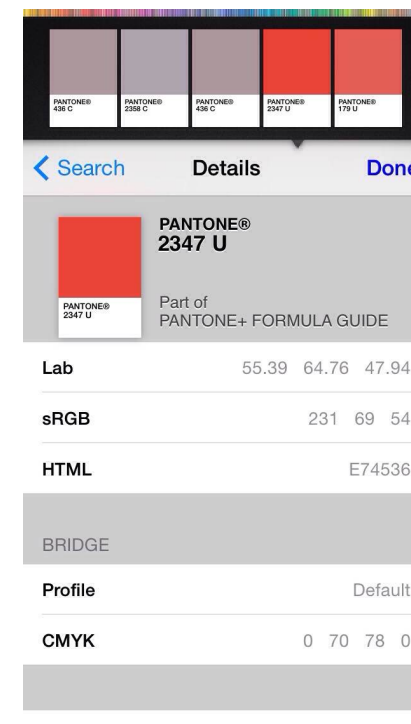
A princípio não penso em usar personagens e figuras humanas, esse tipo de coisa aparecerá pontualmente em algumas poucas duplas.”



Rascunho geral com planejamento das páginas nessa primeira etapa de trabalho.

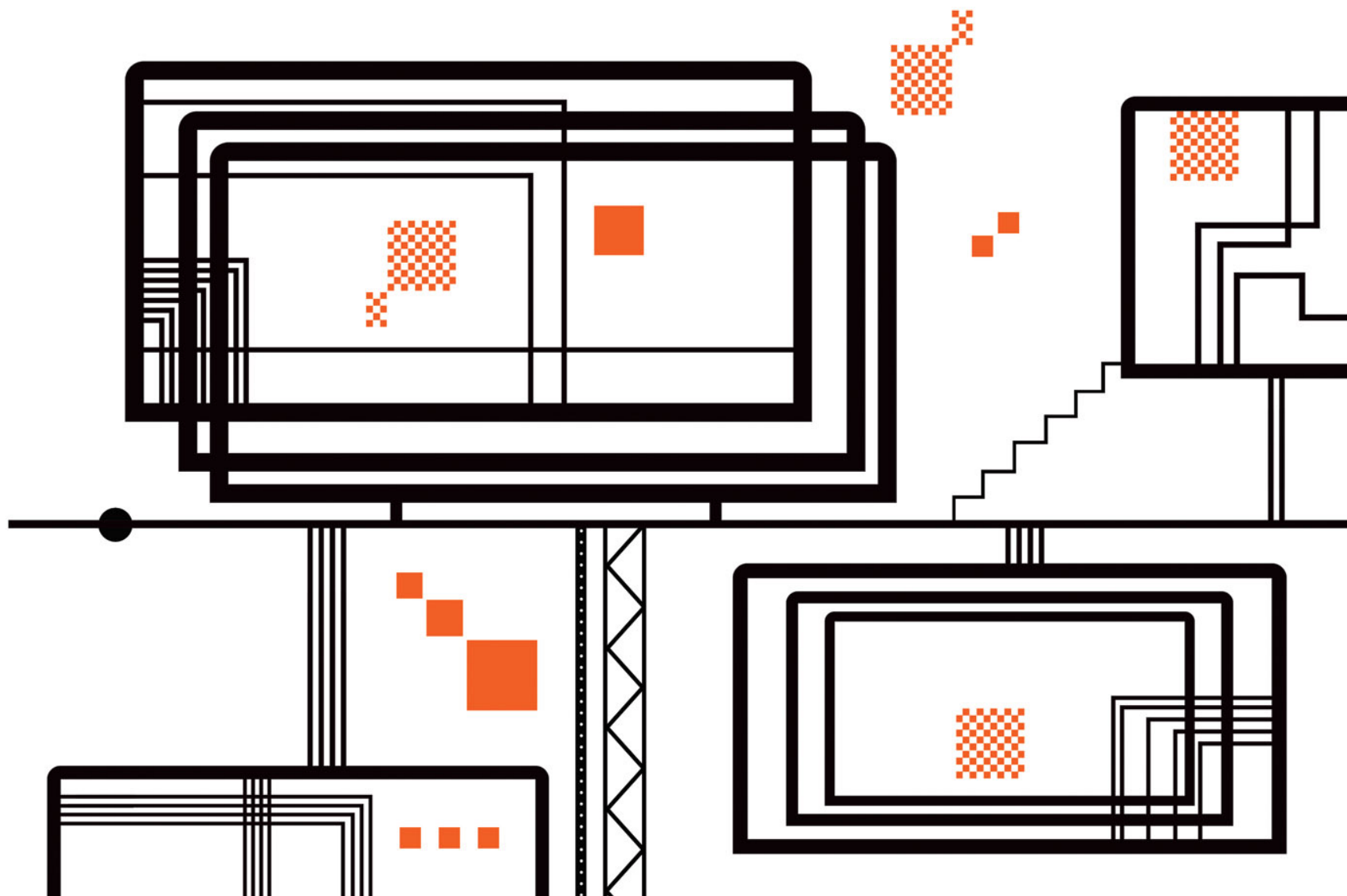


As duas abordagens propostas inicialmente: à direita, a proposta com GRAFISMOS, e à esquerda a de CIDADES.



O cliente acabou preferindo a imagem da CIDADE, mas em versão depurada, pois era mais adequada ao tom refinado da revista.

Ao lado, imagem enviada pela designer após conferir minhas suas abordagens propostas. Ela incluiu pontualmente elementos na cor Pantone escolhida, o vermelho 179U



Na sequência enviei essa versão com as telas resolvidas na estrutura da “cidade”, e de modo mais sutil – pra sentir se ela aprovava esse tipo de solução.

Houve abertura e ficou claro que a ênfase maior deveria ser na cidade mesmo.

“Acho que podemos focar nas cidades e em elementos que remetam a rede, tecnologia, interconexão”.



Realização

/itaucultural itaucultural.org.br fone 11 2168 1777 fax 11 2168 1775 atendimento@itaucultural.org.br
avenida paulista 149 são paulo sp 01311 000 [estação brigadeiro do metrô]

ED. 17

OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL | [DAS POLÍTICAS PÚBLICAS AO MERCADO EDITORIAL]



OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL

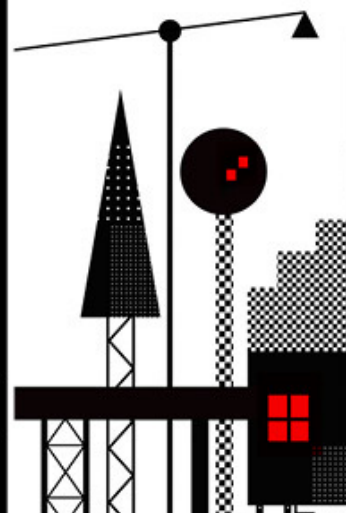
ed. **19**

LIVRO E LEITURA: DAS
POLÍTICAS PÚBLICAS
AO MERCADO EDITORIAL

*Livro e práticas leitoras
um panorama histórico*

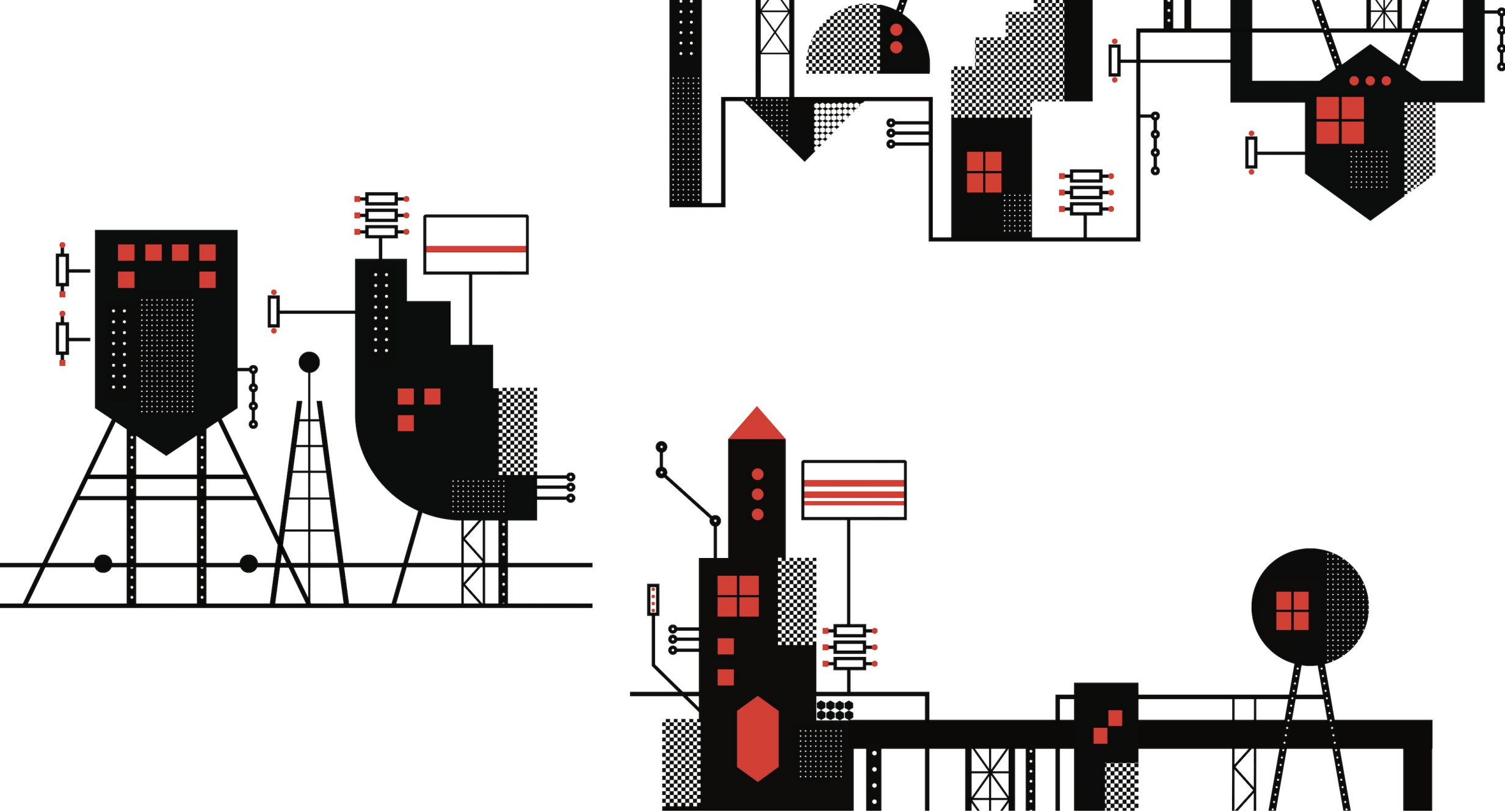
*Literatura 2.0
novos arranjos produtivos e novas
formas de apropriação da leitura*

*Literatura brasileira
do cânone à internacionalização*

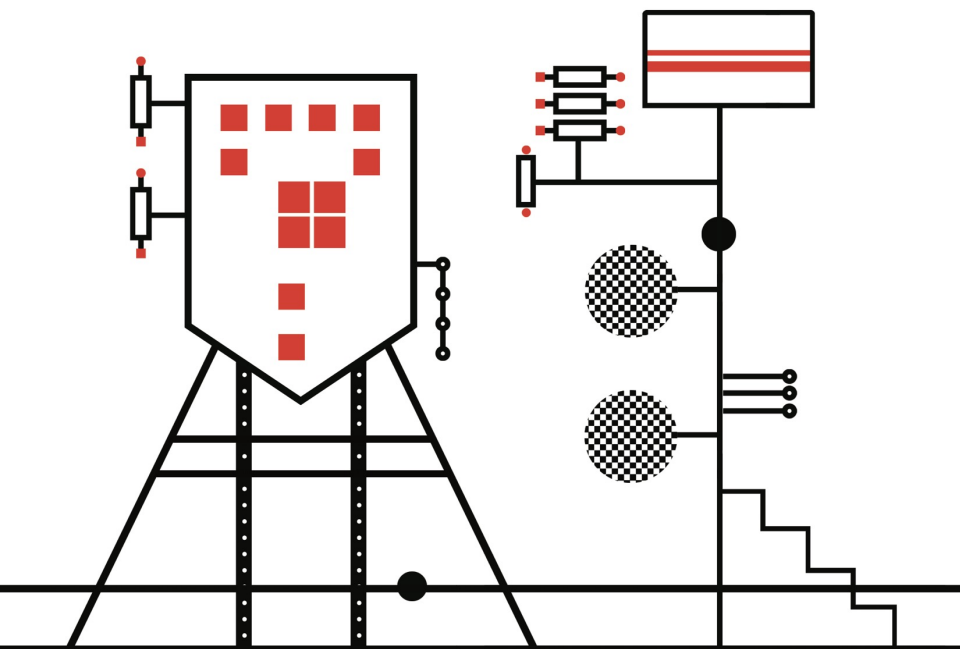


A edição 17 da revista OBS reflete sobre livro e leitura no século XXI, levando em conta novos aspectos que vão além das publicações em papel, das bibliotecas e livrarias físicas, contemplando abordagens históricas, discussões contemporâneas, contribuições de pesquisadores acadêmicos e de profissionais do mercado.

A designer enviou um arquivo em In Design pra mostrar os espaços de ilustração na capa.



Primeira opção de capa: elementos mais pesados.



Realização

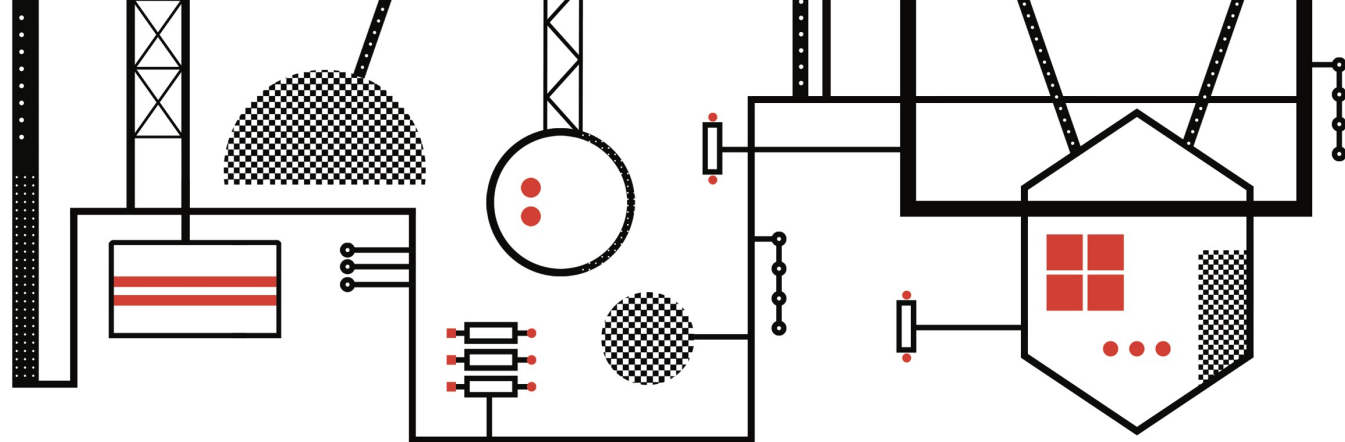
/itaucultural itaucultural.org.br fone 11 2168 1777 fax 11 2168 1775 atendimento@itaucultural.org.br
avenida paulista 149 são paulo sp 01311 000 [estação brigadeiro do metrô]

ED. 17

[DAS POLÍTICAS PÚBLICAS AO MERCADO EDITORIAL]

OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL

OBS



OBSERVATÓRIO

ITAÚ CULTURAL

ed. **19**

**LIVRO E LEITURA: DAS
POLÍTICAS PÚBLICAS
AO MERCADO EDITORIAL**

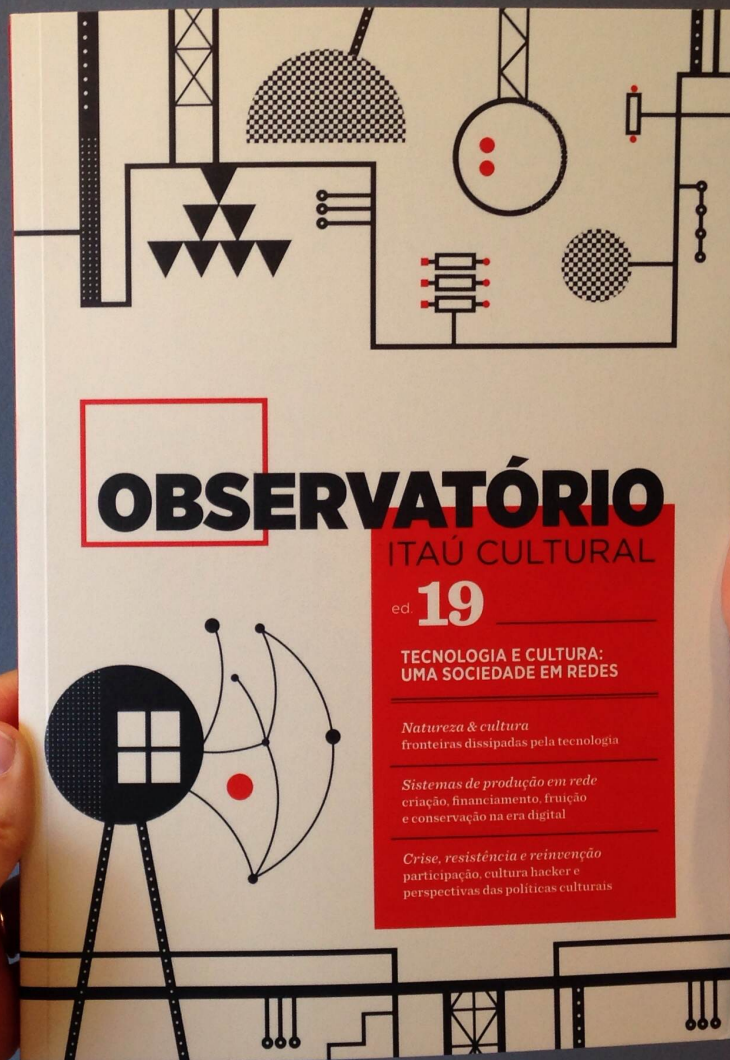
*Livro e práticas leitoras
um panorama histórico*

*Literatura 2.0
novos arranjos produtivos e novas
formas de apropriação da leitura*

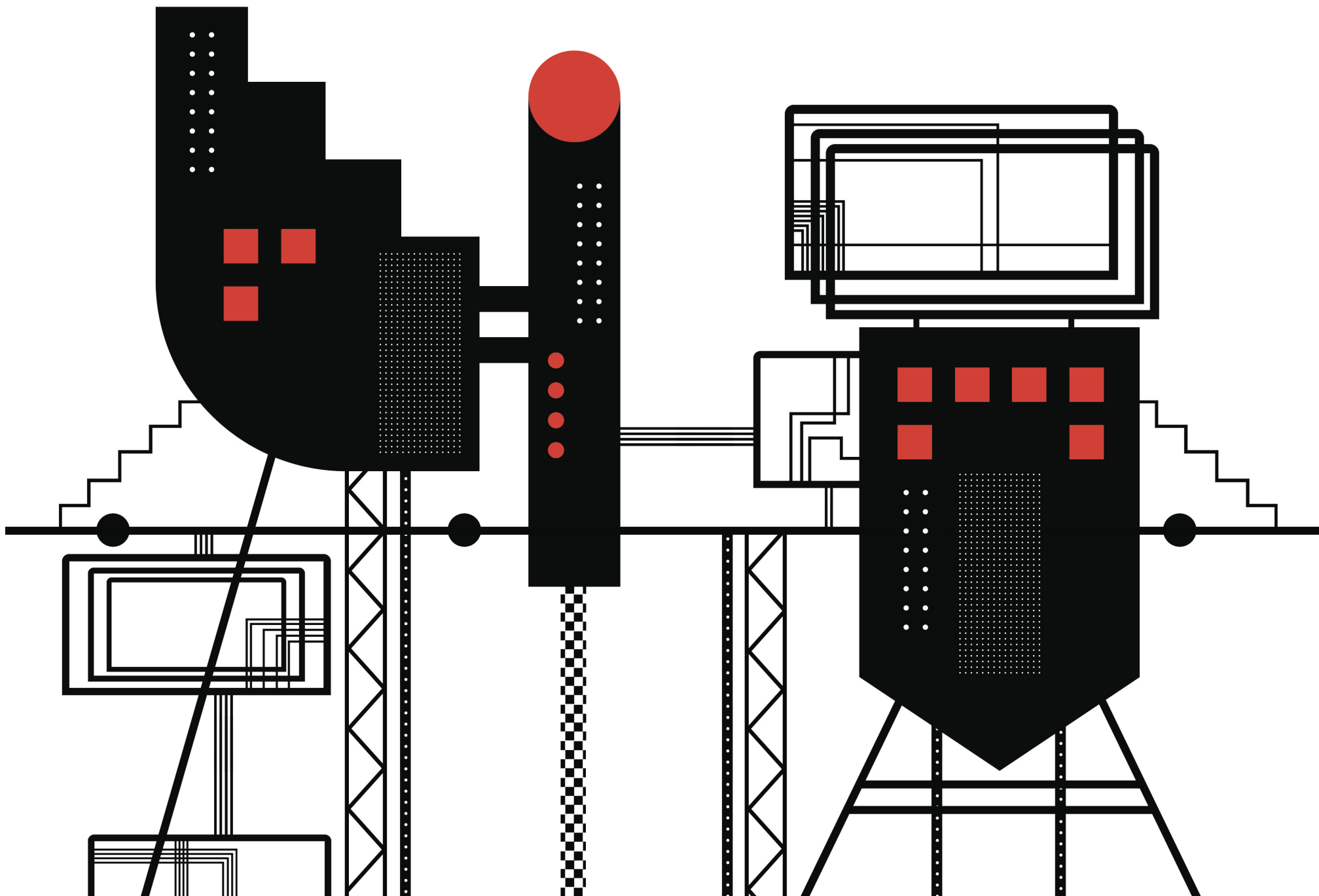
*Literatura brasileira
do cânone à internacionalização*

*A edição 17 da revista OBS reflete
sobre livro e leitura no século XXI,
levando em conta novos aspectos
que vão além das publicações
em papel, das bibliotecas e
livrarias físicas, contemplando
abordagens históricas, discussões
contemporâneas, contribuições
de pesquisadores acadêmicos
e de profissionais do mercado.*

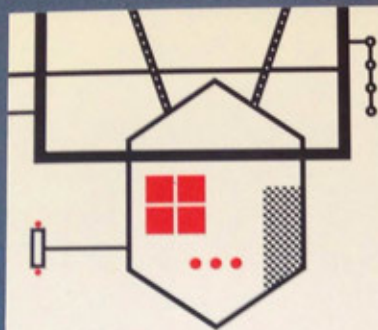




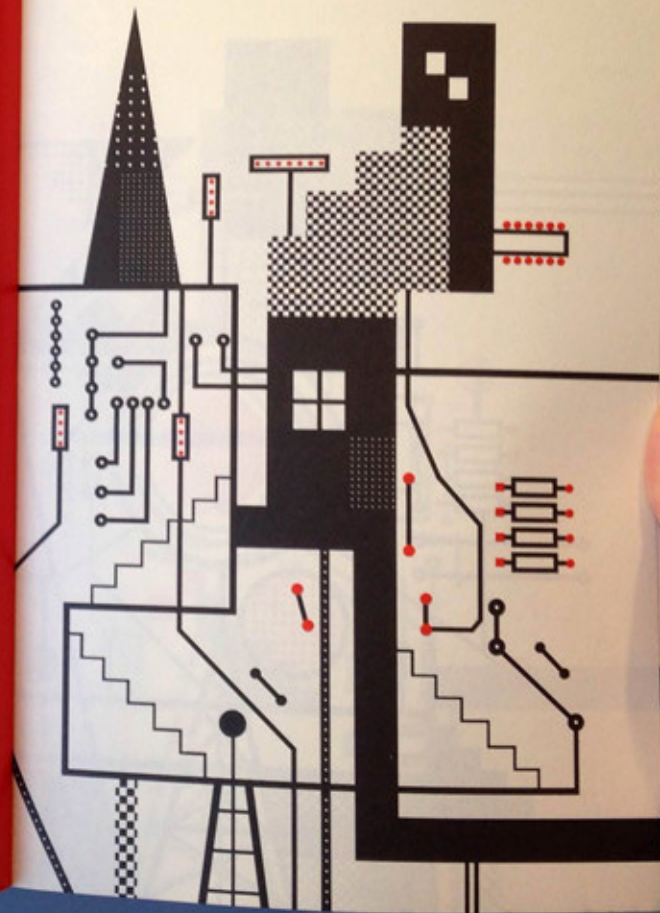
Capa final,
com mistura
de elementos
pesados e
mais leves.







*O mundo passa por um momento de
crise: política, econômica, identitária.
E parte das causas e das possíveis
soluções parece vir de nossa complexa
relação com a tecnologia digital.
Afinal, a tecnologia muda a cultura?
Qual é o papel da arte num contexto
de multiplicidade de atores? Como a
política institucional deve enfrentar
esse novo cenário? Essas são as
questionamentos da edição 10 da
Revista Observatório.*



Revista
impressa.